



Revista **GT**Lex





Revista **GTLeX**

Neologismos

Ieda Maria Alves (USP), Bruno Oliveira
Maroneze (UFGD)
Organizadores

Volume 4, número 1
Julho/Dezembro 2018

Expediente

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Prof. Valder Steffen Jr.

Vice-Reitor

Prof. Orlando Cesar Mantese

Diretor da EDUFU

Prof. Guilherme Fromm

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Prof. Ariel Novodvorski

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1S - Térreo - *Campus* Santa Mônica - CEP:
38.408-144 - Uberlândia - MG
www.edufu.ufu.br

Editoração: Guilherme Fromm

Diagramação: Guilherme Fromm

Revisão: Guilherme Fromm

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Revista GTLex. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2015- V. 1 - Semestral. Modo de acesso: http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex ISSN: 2447-9551 1. Linguística - Periódicos. 2. Linguística aplicada - Periódicos. 3. Lexicologia - Periódicos. 4. Terminologia - Periódicos. 5. Onomástica-Periódicos. I. Fromm, Guilherme. II. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. CDU: 801(05)
--

Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista, ao Instituto de Letras e Linguística, ao Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (ANPOLL) ou à Edufu.

Revista GTLex

Diretor

Guilherme Fromm (UFU)

Conselho Editorial

André Crim Valente (UERJ)

Elizabeth Aparecida Marques (UFMS)

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (UCS)

Maria da Graça Krieger (UNISINOS)

Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

Márcio Sales Santiago (UFC)

Comissão Científica

Adriana Zavaglia (USP), Adriane Orenha-Ottaiano (UNESP), Angela Maria Tenório Zucchi (USP), Anna Maria Becker Maciel (UFRGS), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Carmen Maria Faggion (UCS), Celina Márcia de Souza Abbade, (UNEB), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Claudia Zavaglia (UNESP/SJ Rio Preto), Claudio Cezar Henriques (UERJ), Eduardo Tadeu Roque Amaral (UFMG), Enilde Leite Faulstich (UnB), Ieda Maria Alves (USP), Karylleila Santos Andrade (UFT), Lêda Pires Corrêa (UFS), Lidia Almeida Barros (UNESP/ SJ Rio Preto), Marcia Sipavicius Seide (UNIOESTE), Maria Cândida Trindade Costa Seabra (UFMG), Maria Cristina Parreira da Silva (UNESP), Nelly Medeiros de Carvalho (PUC/PE), Maria Helena de Paula (UFG), Mariângela de Araújo (USP), Paola Giustina Baccin (USP), Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS), Rosemary Castañeda Zanette (UNIOESTE), Sabrina Pereira de Abreu (UFRGS), Vitalina Maria Frosi (UCS), Vitória Regina Spanghero (UFMS), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU).

Participaram dessa edição como pareceristas *ad hoc*

Eliana Dias (UFU)

Karine Marielly Rocha da Cunha (UFPR)

Michelle Machado de Oliveira Vilarinho (UnB)

Sumário

Expediente	3
Sumário	5
Apresentação.....	6
Neologia: histórico e perspectivas - Ieda Maria Alves (USP), Bruno Maroneze (UFGD).....	6
Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias - João Henrique Lara Ganança (USP)	33
Tipologias dos neologismos: breve percurso histórico - Ana Maria Ribeiro de Jesus (UFES)	54
Composições com dois substantivos: o significado de seus elementos - Denise Augusta Pereira (UFGD)	68
Memes: a ostentação de neologismos e uma ferramenta de ensino - Letícia Pena Silveira (UFMG).....	79
Os usos do neologismo <i>spoiler</i> no português brasileiro - Mariana Giacomini Botta (UNESP).....	98
Produtividade lexical e neologia em textos humorísticos sobre política - Geraldo José Rodrigues Liska (UFMG)	126
Neologismos por derivación en la traducción del portugués al español - Ana María Díaz Ferrero (UGR), Rafael Porlán Moreno (UCO).....	151
Neologia, cognição e comunicação: aspectos conceituais e linguísticos dos termos da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio organizado por competências - Fernanda Mello Demai (CEETEPS).....	177
Neologia e formações terminológicas nos domínios em interseção - Márcia de Souza Luz-Freitas (UNIFEI)	201

Apresentação

Neologia: histórico e perspectivas

Ieda Maria ALVES*

Bruno MARONEZE**

Histórico

A história das línguas tem mostrado que seu acervo lexical renova-se incessantemente, em função da evolução da sociedade em que são faladas. Desse modo, “enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística” (ALVES, 1990, p. 5).

Neologia e *neologismo* são os termos que, tradicionalmente, em diversas línguas, têm sido usados para designar a criatividade no âmbito lexical: *neologia* designa o processo de criação e *neologismo* denomina o produto desse processo, a nova unidade lexical. Segundo Cunha (1982), a introdução desses termos na língua portuguesa ocorreu nos séculos XVIII (*neologismo*) e XIX (*neologia*, atestado em 1858).

Esses termos são observados em nossas obras lexicográficas a partir do século XIX, com acepções que foram sofrendo transformações ao longo do tempo. Moraes Silva, no *Diccionario da lingua portugueza* (1813, v. 2, p. 340), registra *neologismo*, que é definido como “o uso frequente de palavras novas”.

Neologia, *neologismo* e *neólogo* são definidos pelo *Grande dicionário portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, de Frei Domingos Vieira (1871-4, v. 4, p. 425): *neologia* –

* Professora titular da Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1803-3615>. iemalves@usp.br

** Professor associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2821-9448>. brunomaroneze@ufgd.edu.br

“invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma”; *neologismo* – “inovação de palavras e phrases”; assim como *neologo* – “o que usa com frequência de termos novos; o que affecta uma linguagem nova”. Observa-se, nessas definições, que tanto *neologia* como *neologismo* são definidos como um processo e *neólogo* refere-se ao falante que emprega palavras novas com frequência. A introdução desse dicionário, escrita por Adolpho Coelho, também faz menção às mudanças lexicais das línguas e às criações neológicas, mostrando como podem ser formadas:

Ao passo que as línguas perdem palavras muitas novas vão apparecendo n’ellas. O neologismo é uma outra phase da sua metamorphose. Em cada uma das línguas modernas há hoje milhares de palavras que em vão se buscarão nos escriptores dos seculos precedentes. Essas palavras saem ou 1) do fundo de cada lingua, isto é, são produzidas por novas combinações de seus elementos proprios, ou 2) são tiradas já formadas das línguas classicas ou produzidas pelas combinações d’elementos principalmente d’essas línguas (o grego e o latim), o que se dá principalmente na technologia scientifica, ou 3) são introduzidas das outras línguas modernas. (Adolpho Coelho, 1871-4, v. 1, p. XXV)

A 10.^a edição do dicionário de Moraes Silva (1949-59, v. 7. p. 246) registra os termos *neologia* e *neologismo* atribuindo-lhes uma relação sinonímica, sem distinção entre o processo e o produto: *neologia* – “invenção, introdução, emprego de termos novos; o mesmo que neologismo”. Outros termos da mesma família etimológica constituem entradas nesse dicionário: de caráter nominal (*neológico*, *neologista*, *neólogo*, *neologóforo*), verbal (*neologismar* = “fazer neologismos”) e adverbial (*neologicamente*).

A distinção entre o processo e o produto também não é observada no *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (1957 [1940], v. 4, p. 3.592): *neologia* – “o mesmo que neologismo”; *neologismo* – “palavra ou frase nova, ou palavra antiga com sentido novo”.

Na lexicografia em língua portuguesa, a distinção entre os dois termos vai transparecer na obra de Caldas Aulete (1970 [1881], v. 4, p. 2.491): *neologia* –

“introdução de palavras novas ou de novas acepções, introdução de doutrinas novas numa ciência”; *neologismo* – “palavra ou frase nova numa língua, doutrina nova”. Além dos termos da mesma família etimológica apresentados como entradas na 10ª edição do dicionário de Moraes Silva, Caldas Aulete introduz *neologofobia*, que representa o “sentimento de aversão ao neologismo” e ainda *neologofilia*, a doutrina do *neologófilo*, ou seja, aquele “que gosta de neologismos”¹. O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (1986, p. 1.189), apresenta a mesma distinção: *neologia* – “emprego de palavras novas, ou de novas acepções”; *neologismo* – “palavra, frase, ou expressão nova, ou palavra antiga com sentido novo”.

Apresentando definições mais completas dos termos *neologia* e *neologismo*, o *Grande Dicionário Houaiss* (2012) atribui a *neologia* três acepções, designativas, respectivamente, de processo, registro e conjunto. A primeira, relativa a processo, resgata o sentido do elemento de composição grego *-logia*, indicativo de ‘ciência, arte, tratado’: “1 processo de formação, caracterização e emprego de novas unidades léxicas <a n. é uma manifestação de vitalidade de uma língua> 2 p.met. registro dessas unidades 3 conjunto de neologismos <a n. do Dicionário Houaiss>.” O verbete correspondente a *neologismo* registra também três acepções, em que se observa, nas duas primeiras, referências à formação de palavras novas, e, na terceira, a nova palavra criada por um desses processos: 1 emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não 2 atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua. 3 unidade léxica criada por esses processos”.

¹ A acepção “doutrina nova”, atribuída aos termos *neologia* e *neologismo* por Caldas Aulete, e posteriormente a *neologismo* por Ferreira, é explicada pelo lexicólogo francês Giraud (1974, p. 200), que informa que o termo alemão *Neologismus* e, posteriormente, o inglês *neologism* designaram por muito tempo uma nova doutrina, inspirada sobretudo em Spinoza e propagada pelos teólogos racionais, assim chamados por Leibniz. Segundo essa doutrina, deve-se confiar apenas na razão e admitir nos dogmas religiosos somente o que ela reconhece como lógico e adequado, de acordo com a nova luz (*lumière nouvelle*) (ALVES, 2000, p. 101-102).

O que é um neologismo?

Jean-François Sablayrolles, renomado estudioso de neologismos da língua francesa, inicia a Introdução de uma de suas obras recentes, *Les néologismes. Créer des mots française aujourd'hui* (2017) com a seguinte inquietação:

Se a neologia pode ser facilmente definida, conforme se diz frequentemente dela, como uma inovação, seja lá qual for, no nível de uma unidade lexical, a identificação e a análise dos neologismos, novas unidades lexicais ou empregos inovadores de unidades lexicais existentes, são muito mais delicadas e apresentam muitos problemas de diferente natureza.²

A dificuldade da definição de *neologismo* parece residir no conceito de novidade. Palavra nova em relação a que ou a quem?

A concepção de que os dicionários de língua registram unidades lexicais já enraizadas em uma língua, e vão introduzindo também palavras novas, tem tido como efeito a consideração dessas obras como guardiãs e censoras do léxico da língua. Uma pergunta constante que se ouve diz respeito à existência de uma palavra ausente das obras lexicográficas: “Essa palavra existe? Se não está nos dicionários, podemos usá-la?”

Na verdade, a determinação da neologicidade de uma unidade lexical está, tradicionalmente, vinculada ao registro em dicionários. Esse critério de caráter lexicográfico tem sido usado, desde o início dos anos 1960, com a criação do primeiro observatório de neologia, o *Laboratoire d'Analyse Lexicologique do Centre d'Etude du Vocabulaire Français*, em Besançon, França, pelo lexicólogo e lexicógrafo francês Bernard Quemada. Nesse observatório, e nos demais criados em sua esteira, também

² Si la néologie se laisse assez aisément définir, quoi qu'on en dise souvent, comme une innovation, quelle qu'elle soit, au niveau d'une unité lexicale, l'identification et l'analyse des néologismes, nouvelles unités lexicales ou emplois innovants d'unités lexicales existantes, sont beaucoup plus délicates et posent de nombreux problèmes, de diverses natures.

os dicionários foram utilizados para determinar o caráter neológico ou não neológico das unidades lexicais.

Essa metodologia de caracterização da neologicidade de unidades lexicais por meio de obras lexicográficas foi explicitada por Boulanger, que, em um trabalho publicado na revista quebequense *Néologie en Marche* (1979), aborda esse tema no subcapítulo *Problématique d'une méthodologie de dépistage des néologismes*. Esse capítulo apresenta a metodologia utilizada no setor de neologia científica e técnica do então *Office de la langue française*, atualmente o *Office québécois de la langue française*, no qual trabalhava. Inicialmente aplicada à língua francesa, essa metodologia foi denominada *corpus de exclusão (corpus d'exclusion)* por Boulanger e ainda hoje é utilizada em trabalhos de cunho neológico, tanto relativos à língua geral como às línguas de especialidade.

Em *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones* (1993), Cabré menciona quatro parâmetros que podem contribuir para determinar o caráter neológico de uma unidade lexical, dentre os quais se observa a referência à utilização do dicionário como *corpus* de exclusão, critério esse que, afirma a autora, tem sido priorizado pelos estudiosos da neologia:

a *diacronia*: uma unidade é neológica se surgiu em um período recente;
a *lexicografia*: uma unidade é neológica se não está incluída nos dicionários;
a *instabilidade sistemática*: uma unidade é neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semântica;
a *psicologia*: uma unidade é neológica se os falantes a consideram como uma unidade nova.³

Esses critérios não se excluem e indicam que, do ponto de vista da história da língua, o neologismo é uma unidade lexical introduzida recentemente em seu sistema

³ la diacronía: una unidad es neológica si ha aparecido en un período reciente; la lexicografía: una unidad es neológica si no aparece en los diccionarios; la inestabilidad sistemática: una unidad es neológica si presenta signos de inestabilidad formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) o semántica; la psicología: una unidad es neológica si los hablantes la perciben como una unidad nueva.

linguístico e, até sua estabilização, pode sofrer variações do ponto de vista formal e semântico.

O último critério proposto por Cabré, de caráter psicológico, tem sido bastante focado por Sablayrolles, o *sentimento de neologia* (*sentiment de néologie*) (2013). Para esse autor, se a percepção do caráter novo de uma unidade lexical por parte de falantes nativos de uma língua é frequentemente variável, de acordo com diferentes fatores, o recurso aos dicionários como *corpus de exclusão* mostra-se também limitado por várias razões: incompletude dessas obras, com omissões voluntárias ou acidentais em suas nomenclaturas; atraso na introdução de palavras; divergência da nomenclatura dentre os dicionários. Sablayrolles apresenta ainda outros questionamentos: as línguas ágrafas, não descritas em dicionários, não apresentam neologismos?; o critério de neologicidade de uma unidade lexical deve ser de responsabilidade dos lexicógrafos? Em razão dessas considerações, apresenta resultados de algumas experiências em que falantes do francês, diante do mesmo *corpus*, apresentam coincidências sobre o que julgam neológico, mas também discordâncias, determinadas, sobretudo, por suas experiências anteriores.

Outra proposta de definição dos neologismos, apresentada por Guerrero (2017), leva em conta o neologismo *stricto sensu* e o uso neológico. Considerando que o ponto de partida para a definição de um neologismo deve levar em conta o sentimento neológico, a autora apresenta critérios para a detecção desses elementos com a introdução da distinção entre neologismos de autor e de receptor. Esse último critério permite uma classificação mais adequada de certas unidades lexicais, como os regionalismos, que, característicos de uma área geográfica, podem ser considerados novos para falantes de outras regiões:

1. O dicionário continua sendo um meio eficaz para avaliar a neologia;
2. É preciso distinguir entre neologismo *stricto sensu* e uso neológico;
3. A imprensa e os meios de comunicação, em geral, constituem uma

importante porta de entrada não apenas para os neologismos comuns, como também, e sobretudo, para os neologismos de áreas de especialidade;

4. A especialidade deve ser considerada uma variável a mais que permita estabelecer o grau de neologicidade das palavras, isto é, as palavras de áreas de especialidade constituem a maior contribuição para a criação e uso de neologismos;

5. É preciso distinguir entre neologismos de emissor e de receptor, de um lado, e neologismos de receptor, de outro⁴.

A metodologia de caracterização da neologicidade de uma unidade lexical foi conhecendo novas formas com a evolução da Informática. Os recursos digitais, a disponibilização de textos pela internet, particularmente, têm possibilitado que um *corpus* de exclusão possa ser representado pela utilização de *corpora* textuais (jornais, revistas, teses...) disponíveis em formato eletrônico (cf. ALVES, 2017). De maneira análoga, *corpora* extraídos da internet (*web as corpus*, segundo a proposta de Adam Kilgarriff (2013)), com base em critérios de compilação estabelecidos pelo grupo de pesquisa, podem também atuar como um *corpus* de exclusão. Esta também é a sugestão de Lino (2019, p. 3), ao afirmar:

Hoje, parece-nos de uma extrema importância os corpora web, constituídos de textos recentes, onde é possível observar os neologismos, os neónimos, os termos científicos e técnicos vulgarizados que entram na língua corrente; frequentemente a fronteira entre língua corrente e as línguas de especialidade fica muito tênue.

⁴ 1. El diccionario sigue siendo un medio eficaz para medir la neología; 2. Hay que diferenciar entre neologismo stricto sensu y uso neológico; 3. La prensa y los medios de comunicación en general son una importante puerta de entrada no solo para los neologismos comunes, sino también, y incluso más, para los neologismos especializados; 4. La especialidad debe ser considerada una variable más que permita establecer el grado de neologicidad de las palabras, es decir, las palabras especializadas suponen la principal aportación en la creación y uso de neologismos; 5. Hay que distinguir entre neologismos de emisor y receptor, por una parte, y neologismos de receptor, por otra.

Assim, as ferramentas computacionais atuais representam uma grande facilitação do trabalho de identificação e coleta de neologismos. No entanto, há limitações: em primeiro lugar, as ferramentas computacionais funcionam muito bem ao lidar com unidades lexicais simples, porque trabalham com cadeias de caracteres; expressões formadas por mais de uma unidade (como compostos grafados sem hífen ou formações sintagmáticas) exigem algoritmos mais elaborados, envolvendo frequências de uso, e pedem uma interferência humana maior.

Em segundo lugar, outra limitação importante é a dificuldade de identificação que envolve os neologismos semânticos. Como o neologismo semântico é formalmente idêntico a uma unidade não-neológica, uma ferramenta computacional que faça uma comparação com um *corpus* de exclusão não vai identificá-lo. É necessário que uma ferramenta seja capaz de identificar as diversas acepções das unidades lexicais para, assim, identificar uma acepção ainda não registrada. Já há, no âmbito da Linguística Computacional, experimentos que envolvem identificação automática de acepções e desambiguação de homônimos; é possível que, no futuro, esses algoritmos venham a ser adaptados para a identificação de neologismos semânticos.

As possibilidades de definição de um neologismo aqui apresentadas, no entanto, não conduzem, propriamente, à caracterização de seu conceito. Como enfatizou Alain Rey (1967, p. 17), em um artigo clássico, o conceito de neologismo é sempre relativo, arbitrariamente definido:

Não há, evidentemente, neologismo em si, mas em relação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. Em função dessas observações, pode-se considerar que se trata de um conceito pragmático, metodológico, sem dúvida trivial, mas não de um pseudoconceito⁵.

⁵ Il n'y a évidemment pas de néologisme en soi, mais par rapport à un ensemble d'usages arbitrairement définis. Compte tenu de ces remarques, on pourra considérer qu'il s'agit d'un concept pragmatique, méthodologique, sans doute trivial, mais non pas d'un pseudo-concept.

Trabalhos sistemáticos sobre neologismos

O desenvolvimento e a divulgação de estudos sobre a neologia e os neologismos, especialmente nas línguas românicas, deve-se sobretudo ao trabalho iniciado no âmbito dos observatórios de neologismos, instituídos na esteira do observatório criado junto ao *Laboratoire d'Analyse Lexicologique* do *Centre d'étude du vocabulaire français* da Univ. de Besançon (Besançon, França) pelo lexicólogo e lexicógrafo Bernard Quemada, no início dos anos 60. Outros polos de observação da neologia da língua francesa foram em seguida criados em Portugal (Lisboa), Itália (Turim) e no Canadá (Québec), abrindo caminho para a instauração de observatórios de outras línguas românicas a partir de 1980.

Com base na metodologia adotada nesse observatório pioneiro, que se apoiava em *corpora* constituídos por jornais e revistas de grande circulação, seguiram-se outros observatórios, instituídos para o estudo da neologia de diferentes línguas românicas. O *Observatori de Neologia* (OBNEO) foi criado em 1988, na Universitat Autònoma de Barcelona e posteriormente transferido para a Universitat Pompeu Fabra (IULA), também em Barcelona, para o estudo das criações lexicais do espanhol e do catalão. Outros observatórios foram surgindo, com os mesmos objetivos: *Osservatorio neologico della lingua italiana* (ONLI), da Università La Sapienza de Roma (língua italiana); *Observatorul neologic roman* (Institutul de Lingvistică Iorgu Iordan – Al. Rosetti de Bucareste) (língua romena); *Observatoire de néologie du français de Belgique* (Institut Marie Haps, Bruxelas) (francês belga); *Observatorio de neologia* da Universidade de Vigo (língua galega); *Observatoire de néologie du français de Québec* (Université Laval, Office québécois de la langue française) (francês quebequense).

No que concerne ao estudo da neologia em língua portuguesa, alguns observatórios foram criados no Brasil e em Portugal a partir da década de 1990: *Observatório de neologismos do português brasileiro contemporâneo* (TermNeo) da Universidade de São Paulo; em Portugal, foram criados o *Observatório de neologia e de*

terminologia em língua portuguesa (NEOPORTERM), da Universidade Nova de Lisboa, e o *Observatório de neologia do português* (ONP) do ILTEC, Universidade de Lisboa.

Observatórios têm também sido instaurados em países africanos de língua portuguesa. A neologia do português moçambicano tem sido estudada pelo *Observatório de neologismos do português de Moçambique* (ONPM), da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique. No âmbito do português angolano, o ANGONEO – *Observatório de neologismos do português em Angola*, recentemente criado, objetiva descrever e analisar as criações lexicais do português falado em Angola.

Esses observatórios, que constituem importantes núcleos de estudo da neologia da língua que descrevem, apresentam neologismos susceptíveis de serem analisados por diferentes teorias e perspectivas linguísticas.

Neologia e neologismo nas línguas de especialidade

A partir da década de 1970, o conceito de neologia, que até então se referia somente aos aspectos linguísticos da construção de novas unidades lexicais, no âmbito geral da língua, começa a tornar-se polissêmico e passa a designar também a criação de termos nas áreas de especialidade. Esse fato decorre do interesse que os linguistas, especialmente os da área lexical, passaram a manifestar em relação à Terminologia, disciplina que, ainda que praticada há séculos, teve seus princípios e métodos estabelecidos, assim como o reconhecimento de sua importância do ponto de vista da comunicação, na segunda metade do século XX.

Um breve retrospecto dessa disciplina mostra que, no século XVIII, cientistas – Lavoisier e Berthold (química), Lineu (botânica e zoologia) – já se preocupavam com a nomeação dos termos de áreas de especialidade. Essa preocupação está evidenciada na realização de colóquios internacionais, realizados por botânicos (1867), zoólogos (1889) e químicos (1892) com a finalidade de discutirem as questões de nomeação em suas respectivas áreas (CABRÉ, 1993, p. 21-22). Essa autora destaca que, se nos séculos

XVIII e XIX são os cientistas que se interessam pela Terminologia, observa-se, na primeira metade do século XX, que o rápido desenvolvimento de tecnologias enseja que profissionais da área da engenharia procurem não apenas denominar novos conceitos mas também a harmonização de novas denominações. É nesse contexto que atuaram o engenheiro austríaco E. Wüster, considerado o fundador da Terminologia moderna e principal representante da Escola de Viena, e o russo D. S. Lotte, fundador da Escola Soviética de Terminologia.

No início e no decorrer da segunda metade do século XX, observam-se alguns trabalhos pioneiros que começam a estabelecer uma ponte entre a neologia na língua corrente e nas áreas de especialidade. Boulanger (1984, p. 7-8) constata que a estabilização da Terminologia, como disciplina autônoma e reconhecida no âmbito das ciências da linguagem, teve início com trabalhos que estudaram a neologia de algumas línguas de especialidade na língua francesa. Mesmo que a metodologia utilizada nesses trabalhos tenha seguido uma orientação lexicológica, voltada para a análise morfológica das unidades lexicais e sua inserção em campos semânticos, a descrição de vocabulários – das estradas de ferro (Peter Wexler – 1950), da aviação e da astronáutica (Louis Guilbert – 1965, 1967), da política e da sociedade (Jean Dubois - 1962), entre outros –, abriu caminhos para que estudiosos da neologia passassem também a estudar neologismos em textos técnico-científicos.

É também na segunda metade do século XX que a Terminologia, após um período inicial de 1930 a 1960, segundo Cabré, atinge outros estágios, desde sua estruturação (1960 a 1975), passando por sua eclosão (1975 a 1985) e chegando à ampliação (desde 1985) (CABRÉ, op. cit., p. 28). Nesse período de ampliação, observa-se o crescente interesse, por parte de lexicólogos, tradutores e documentalistas pela Terminologia e pela elaboração de trabalhos terminológicos.

Os estudos de neologia, que priorizavam a descrição de unidades lexicais neológicas do léxico mais geral, passam também a estabelecer relações mais estreitas

com a Terminologia, com trabalhos voltados para a descrição de termos neológicos. Dessa relação delinea-se outra vertente da neologia, pois o ato de nomear passa também a ser focado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguística, ou seja, de uma política linguística.

Por essa razão, Boulanger, em um trabalho seminal (1989, p. 205), atribui ao termo *neologia*, além das funções tradicionalmente inerentes ao seu conceito (1), outras funções (2,3,4,5):

1. O termo *neologia* continua a designar o processo de criação das novas unidades lexicais, gerais ou terminológicas, por meio do recurso, consciente ou inconsciente, ao arsenal dos mecanismos de criatividade linguística habituais de uma língua;
2. O termo *neologia* designa, em segundo lugar, o estudo teórico e aplicado das inovações lexicais, seja das técnicas de formação de palavras (derivação, composição, sintagmatização, empréstimo etc), da aquisição semântica, dos critérios de reconhecimento, de aceitabilidade ou de difusão dos neologismos, das relações com a normalização, seja da inserção social ou socioprofissional das lexias novas;
3. O termo *neologia* também denomina a atividade institucional organizada e planejada sistematicamente para identificar, criar, registrar, difundir e implantar inovações lexicais, no âmbito de um organismo privado ou público com vocação linguística;
4. O termo *neologia* é utilizado para designar a tarefa de identificação das áreas de especialidade do conhecimento humano que necessitam de uma contribuição lexical considerável para preencherem suas lacunas de vocabulário;
5. O termo *neologia* designa, enfim, um conjunto de relações com os dicionários gerais unilíngues e os dicionários especiais com preponderância neológica (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos etc.). Entramos, aqui, no coração da lexicografia⁶.

⁶ 1. Le terme *néologie* désigne toujours le processus de création des unités lexicales nouvelles, générales ou terminologiques, par le recours, conscient ou inconscient, à l'arsenal des mécanismes de créativité linguistique habituels d'une langue; 2. Le terme *néologie* désigne en second lieu l'étude théorique et appliquée des innovations lexicales, qu'il s'agisse des techniques de formation des mots (dérivation, composition, syntagmatisation, emprunt, etc.), de l'acquisition sémantique, des critères de reconnaissance, d'acceptabilité ou de diffusion des néologismes, des rapports avec la normalisation ou encore de l'insertion sociale ou socio-professionnelle des lexies nouvelles; 3. Le terme *néologie* dénomme

A pesquisa de neologismos em áreas de especialidade enseja a criação de novos termos. Rondeau propõe os termos *néonyme* e *néonymie* para designar, respectivamente, o neologismo terminológico e seu processo de criação (1984). Para ele, há dois tipos de neônimos, o *neônimo original* (*néonyme d'origine*), que nomeia uma descoberta nova, e o *neônimo d'appoint* (*neônimo complementar*), que retrata o percurso que um neônimo pode percorrer:

Um termo novo aparece em uma língua de especialidade (ou linguagem especializada) no momento em que um novo conceito nasce, graças à descoberta de um cientista, um técnico, um tecnólogo etc., enfim, de um especialista da área. O novo conceito é nomeado por seu criador em sua língua de trabalho. Os novos termos assim criados constituem neônimos originais (NO)⁷. (RONDEAU, 1984, p. 123).

Um novo conceito circula rapidamente, em geral, nos meios científicos e técnicos. A denominação que lhe foi atribuída por seu primeiro conceptualizador pode, em certos casos, passar de uma língua a outra, constituindo-se, assim, um caso de neologia por empréstimo; ou então, pode ser objeto de uma tradução literal: é o caso do decalque; ou, finalmente, uma nova denominação (em um idioma diferente do idioma original) será acrescentada a esse conceito, por um especialista da área, um tradutor ou um terminólogo. Todos estes tipos de denominação constituem neônimos complementares (NA)⁸. (RONDEAU, 1984, p. 123).

également l'activité institutionnelle organisée et planifiée systématiquement pour recenser, créer, consigner, diffuser et implanter des innovations lexicales, dans le cadre d'un organisme privé ou public à vocation linguistique; 4.Le terme *néologie* sert à désigner l'entreprise d'identification des secteurs spécialisés des connaissances humaines qui requièrent un apport lexical considérable en vue de combler des déficits de vocabulaire; 5.Le terme *néologie* désigne enfin un ensemble de rapports avec les dictionnaires généraux unilingues et les dictionnaires spéciaux à prépondérance néologique (dictionnaires de néologismes, de mots sauvages, d'emprunts, etc.). Nous pénétrons ici en plein coeur de la lexicographie.

⁷ Un terme nouveau apparaît dans une langue de spécialité (ou langage spécialisé) au moment où une notion nouvelle voit le jour, grâce à la découverte d'un savant, d'un technicien, d'un technologue, etc., bref, d'un spécialiste du domaine. La nouvelle notion est nommée par son concepteur dans sa langue de travail. Les termes nouveaux ainsi créés constituent des *néonymes d'origine* (NO) (RONDEAU 1984, p. 123).

⁸ Une nouvelle notion circule en général rapidement dans les milieux scientifiques et techniques. La dénomination qui lui a été rattachée par son premier concepteur peut, dans certains cas, passer d'une langue à l'autre, constituant ainsi un cas de néologie d'emprunt ; ou encore, elle peut faire l'objet.

Boulanger (1989, p. 202) propõe *néoterme*, que representa a unidade nova “capaz de suprir cada déficit assinalado, incorporando-se ao uso atual ou sócio-profissional [...]”⁹.

Alguns países como a França (*France Terme*), ou regiões (Termcat. Centre de Terminologia, na Catalunha, Espanha); Servizo de Terminoloxía Galega (TERMIGAL), na Galícia, Espanha; *Office québécois de la langue française*, no Québec, Canadá), adotam uma política de planificação linguística, segundo a qual critérios são estabelecidos para a criação ou a adoção de neologismos terminológicos. A este respeito, mencionamos a oposição proposta por Louis-Jean Calvet (1993, citada por Humbley (2018, p. 39)), entre *neologia in vivo* e *neologia in vitro*. Inspirada na oposição entre fertilização *in vivo* e fertilização *in vitro*, essa metáfora refere-se à neologia geral, mais espontânea (*in vivo*), e à neologia terminológica (*in vitro*), em geral – ainda que nem sempre – mais consciente.

Neologia e teorias linguísticas

O fenômeno da neologia e dos neologismos (assim como todos os fenômenos da linguagem) é analisado sob diversos pontos de vista, de acordo com as várias teorias linguísticas.

Considerado o fundador da Linguística moderna, Ferdinand de Saussure traz, na sua obra “Curso de Linguística Geral” (originalmente de 1916, aqui citado em edição brasileira de 1969), interessantes reflexões sobre a formação de palavras¹⁰.

d’une traduction littérale : c’est le cas du calque ; ou bien, enfin, une nouvelle dénomination (dans une langue autre que la langue d’origine) sera rattachée à cette notion, par un spécialiste du domaine, un traducteur ou un terminologue. Tous ces types de dénomination constituent des néonymes d’appoint (NA).

⁹ [...] l’unité nouvelle capable de subvenir à chaque déficit signalé en s’enchâssant dans l’usage courant ou socioprofessionnel [...]

¹⁰ Sobre as concepções saussureanas de formação de palavras, cf. Maroneze (2008).

Embora sem empregar o termo “neologismo”, Saussure traz um exemplo de formação neológica:

[...] em francês, sobre o modelo de *pension* : *pensionnaire*, *réaction* : *réactionnaire*, etc., qualquer pessoa pode criar *interventionnaire* ou *répressionnaire*, com o significado de “em favor da intervenção”, “em favor da repressão”. Esse processo é evidentemente o mesmo que aquele que acabamos de ver engendrando *honor*: ambos reclamam a mesma fórmula:

réaction : *réactionnaire* = *répression* : *x*
x = *répressionnaire* (SAUSSURE, 1969, p. 190-191).

Um pouco mais adiante, o autor traz uma reflexão sobre a neologia (ainda sem usar esse termo) que foi retomada em teorias posteriores:

É [...] um erro acreditar que o processo gerador só se produza no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados. Uma palavra que eu improvise, tal como *in-decor-ável*, já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como *decor-ar*, *decor-ação*: *perdo-ável*, *manej-ável*: *in-consciente*, *in-sensato* etc., e **sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la** (SAUSSURE, 1969, p. 192-3, grifo nosso).

Assim, pode-se perceber que Saussure entende a criação lexical como resultado de um processo de analogia; e que o seu produto (o neologismo) não apresenta interesse teórico, visto que “já existe em potência na língua”. Essa visão encaixa-se perfeitamente na conhecida dicotomia saussureana entre *língua* e *fala*, de modo que o neologismo é um fato de *fala*, não de *língua*; daí o interesse no processo, mas não no produto.

Embora Saussure seja considerado o fundador da corrente teórica conhecida como Estruturalismo, os linguistas estruturalistas pós-saussureanos nem sempre endossaram essas mesmas concepções. Por se tratar de uma corrente teórica muito diversa, com um grande número de autores e pelo menos duas grandes vertentes (o

Estruturalismo europeu e o norte-americano), torna-se difícil descrever uma concepção única que representaria a “visão estruturalista sobre a neologia e o neologismo”. Cabe mencionar, a título de exemplificação, a concepção de formação de palavras como combinação de morfemas, presente em muitos autores do Estruturalismo norte-americano (por exemplo, Nida, 1949) e, no Brasil, representada por Mattoso Câmara Jr. (1970, 1971), concepção essa por vezes chamada de *item-e-arranjo* (cf. ROSA, 2006, entre outros).

Em meados do século XX, surge na Linguística a corrente teórica conhecida como Gerativismo, que vai se fazer presente em grande parte das universidades do mundo todo, até os dias atuais. Nessa concepção, enfatiza-se a competência linguística, entendida como o conhecimento internalizado dos falantes para gerar enunciados linguísticos. Para a maioria dos autores filiados a essa corrente, o conceito de neologismo é de pouco ou nenhum interesse, visto que a criação de uma unidade lexical específica é entendida apenas como uma manifestação da competência do falante. Nesse sentido, recupera-se a ideia saussureana, já citada, de que a criação de uma unidade lexical “é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la”. Sobre isso, a seguinte citação de Danielle Corbin (1975) é reveladora:

Resulta do exposto que uma definição aproximadamente correta de neologismo poderia ser a seguinte: uma palavra que parece “nova” a quem a produz ou ouve. O interesse desse conceito parece duvidoso. É, nessa perspectiva, uma noção empírica, cujo critério de definição é uma referência à capacidade de julgamento do falante-ouvinte. E é evidente que o tamanho do estoque memorizado de vocabulário depende de condições extralinguísticas (condições de aprendizado, profissão etc.). (CORBIN, 1975, p. 52)¹¹.

¹¹ Il découle de ce qui précède qu’une définition à peu près correcte du néologisme pourrait être la suivante: mot qui paraît ‘nouveau’ à celui qui le produit ou l’entend. L’intérêt d’un tel concept apparaît douteux. C’est, dans cette perspective, une notion empirique, dont le critère de définition est une référence à la capacité de jugement du locuteur-auditeur. Et il est évident que la taille du stock mémorisé de vocabulaire dépend de conditions extralinguistiques (conditions d’apprentissage, profession exercée, etc.). (Corbin, 1975, p. 52)

Em oposição à visão gerativista da linguagem, surge, na segunda metade do século XX, um conjunto de concepções que passam a ser conhecidas pelo nome genérico de Funcionalismo. Dentre as várias características presentes nas correntes funcionalistas, duas merecem destaque por se coadunarem com os estudos de neologia:

- a) O Funcionalismo concebe a língua como um instrumento de interação social.

Nos dizeres de Neves (1997, p. 43):

[...] a língua é um instrumento de interação social. Não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos.

- b) Para o Funcionalismo, a língua deve ser estudada em seu uso comunicativo.

Ainda nas palavras de Neves (1997, p. 45):

[...] o sistema deve ser estudado dentro do quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural. Desse modo, as expressões linguísticas só podem ser compreendidas propriamente quando consideradas no seu funcionamento nos contextos, sendo as propriedades deste co-determinadas pela informação contextual e situacional.

Nesse sentido, é importante enfatizar que, ao estudarmos os neologismos, estamos estudando unidades lexicais efetivamente atestadas e empregadas em situações reais de comunicação; assim, a Linguística Funcionalista é uma concepção perfeitamente compatível com os estudos de neologia. É reveladora a frase de Matoré (1953, p. 42) de que “as palavras, sem dúvida, não caem do céu: elas nascem em seu momento”¹².

¹² Les mots, sans doute, ne tombent pas du ciel : ils naissent à leur heure. (MATORÉ, 1953, p. 42)

Uma corrente teórica ainda mais recente, por vezes considerada uma vertente do Funcionalismo, é a Linguística Cognitiva. Essa denominação reúne abordagens diversas, mas que têm apresentado novas perspectivas ao estudo da formação de palavras. As principais contribuições dessa corrente podem ser resumidas nas palavras de Ungerer (2007, p. 651): a Linguística Cognitiva

pode fornecer tanto um apoio teórico quanto ferramentas empíricas para completar um processo que já tinha sido iniciado: a semanticização da análise da formação de palavras”¹³.

Assim, parece ser no âmbito da Semântica que a Linguística Cognitiva tem mais a contribuir para a neologia.

Os estudos de neologia baseados nas diversas correntes da Linguística Cognitiva têm enfatizado a construção do significado do neologismo, seja do ponto de vista do emissor (que cria um neologismo para expressar determinado significado), seja do ponto de vista do receptor (que precisa atribuir significado à nova unidade).

Uma das principais vertentes da Linguística Cognitiva que pode contribuir para o estudo da neologia são os chamados “modelos baseados no uso” (BYBEE, 1985, 1988; LANGACKER, 1987, 1991; BASILIO, 1997, entre outros), que propõem que a formação de palavras ocorre a partir da generalização de padrões analógicos. Assim, abandonam-se as “regras de formação de palavras” comuns nos trabalhos de orientação gerativista e passa-se a entender que a criação de um neologismo é fruto de analogias com outras unidades lexicais já consagradas na língua. Com isso, é possível compreender mais claramente a relação que a unidade lexical neológica estabelece com as demais unidades do léxico. Nas palavras de Basilio (1997, p. 20), nesse entendimento, a descrição das regras de formação de palavras

¹³ “Indeed, it [a Linguística Cognitiva] can provide the both the theoretical background and the empirical tools to complete a process that had already been set going: the semanticization of word-formation analysis.”

perde qualquer interesse teórico como definição do conjunto de construções lexicais possíveis e passa a ter apenas o interesse prático de estudos estatísticos para fins determinados, desde a construção de línguas pseudo-naturais até o ensino voltado para a aceitabilidade de padrões em atividades de escrita e tradução. O interesse se desloca, em termos teóricos gerais, para a identificação do léxico como elemento de interface conhecimento/comunicação/estrutura; e, dentro da teoria lexical, para a definição do alcance da analogia e para a atuação relativa de fatores não-lineares subjacentes à criatividade lexical.

Um dos modelos teóricos mais bem-acabado para o estudo da formação de palavras na Linguística Cognitiva é a chamada Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010, 2018; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014; GONÇALVES, 2016a). Esse modelo tem se revelado particularmente importante na análise de processos de formação de palavras considerados menos usuais, como a truncação e o cruzamento vocabular, entre outros (GONÇALVES, 2016b). Nas palavras de Booij (2018, p. 4-5):

[...] palavras complexas não são vistas primariamente como uma concatenação de morfemas, mas como unidades significativas independentes dentro das quais certos subcomponentes (morfemas) podem ser distinguidos com base em relações paradigmáticas com outras palavras. Ou seja, a morfologia não deve ser igualada à “sintaxe dos morfemas”.¹⁴

Os estudos de metáfora e metonímia (LAKOFF; JOHNSON, 1980; PANTHER; RADDEN, 1999) também se constituem numa importante vertente da Linguística Cognitiva. Suas contribuições mais óbvias são no campo da neologia semântica, ao descreverem os processos metafóricos e metonímicos pelos quais uma unidade lexical adquire novas acepções. Além disso, as teorias cognitivas da metáfora e da metonímia

¹⁴ [...] complex words are not seen primarily as a concatenation of morphemes, but as independent meaningful units within which certain subcomponents (morphemes) may be distinguished on the basis of paradigmatic relations with other words. That is, morphology is not to be equated with the ‘syntax of morphemes’.

também têm sido usadas para descrever o significado de afixos e de processos formativos (cf. os trabalhos de BASILIO, 2007 e MARONEZE, 2016, entre outros). Sobre a metonímia, especificamente, já foi observado que “é um processo linguístico-cognitivo de que o falante lança mão para ‘construir’ o significado lexical a partir do composicional e do conhecimento extralinguístico” (MARONEZE, 2016, p. 128).

A neologia é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras do léxico, trazendo implicações para todos os níveis de análise linguística. Da Fonologia ao Discurso, do Estruturalismo à Linguística Cognitiva, o fenômeno neológico pode ser analisado sob os mais variados pontos de vista. Nas palavras de Sablayrolles (2006):

Esses estudos realmente vão além dos limites da Lexicologia ou da Lexicografia, porque são todos os ramos da linguagem e das ciências da linguagem que estão mais ou menos implicados na aparição neológica. Longe de ser um confinamento, o trabalho sobre neologia é uma abertura.¹⁵

Assim, esperamos ter focado as principais questões relativas ao fenômeno neológico e, desejamos, com este volume temático da revista GTLEX, contribuir com a constante renovação dos estudos de neologia.

À guisa de homenagem ao professor, lexicólogo e lexicógrafo Bernard Quemada (1971, p. 137-138), que tanto incentivou os estudos sobre a neologia e enfatizou sua importância para a história das línguas, terminamos esta apresentação com suas palavras¹⁶:

¹⁵ Ces études dépassent en effet le cadre de la lexicologie ou de la lexicographie, car ce sont toutes les branches de la langue et des sciences du langage qui sont peu ou prou concernées par l'apparition néologique. Loin d'être un enfermement le travail sur la néologie est une ouverture.

¹⁶ Il est devenu évident, pour la majorité des usagers, qu'une langue de culture moderne, nécessairement scientifique et technique, doit voir dans la néologie lexicale autre chose qu'un mal évitable. C'est la première condition à partir de laquelle la langue peut espérer demeurer un instrument de communication nationale, voire internationale, et plus simplement rester une langue vivante. Elle doit même considérer la créativité lexicale comme l'un des gages de sa richesse immédiate, comme le signe premier de sa vitalité. Une langue qui ne connaîtrait aucune forme de néologie serait déjà une langue

Tornou-se evidente, para a maioria dos falantes, que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica, não pode ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. Essa é a primeira condição segundo a qual o idioma pode esperar permanecer como um instrumento de comunicação nacional, e mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como o primeiro sinal de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta, e não se pode contestar que a história de todas as nossas línguas constitui, em suma, a história de sua neologia.

Desse modo, podemos concluir, com Quemada, que a criação neológica é parte da história das línguas.

Apresentação dos artigos deste número temático

Os artigos selecionados para este número temático compõem três partes. Na primeira parte, dois artigos de natureza teórico-metodológica abrem o volume. O artigo de João Henrique Lara Ganança traz um histórico dos estudos de neologia no português brasileiro, apresentando tanto questões metodológicas que foram e ainda são adotadas nas pesquisas como também problemas analíticos referentes aos processos de formação de palavras. Já o texto de Ana Maria Ribeiro de Jesus se propõe a revisar e comparar as tipologias de neologismos adotadas por diversos pesquisadores, não só no Brasil, mas também em outras tradições de pesquisa.

A segunda parte é formada por artigos que abordam o fenômeno da neologia na chamada “língua geral”. O artigo de Denise Augusta Pereira consiste em uma pesquisa em nível de graduação em que a autora analisa composições formadas por dois substantivos. Sua análise mostra que a classificação tradicional apresentada nas

morte, et l'on ne saurait contester que l'histoire de toutes nos langues n'est, en somme, que l'histoire de leur néologie.

gramáticas, que divide as composições entre formadas por justaposição e por aglutinação, é insuficiente para dar conta da riqueza deste processo neológico.

O texto de Letícia Pena Silveira usa como fonte de dados um gênero textual de criação recente: o meme. A autora mostra ser esse gênero bastante profícuo para a criação neológica, trazendo também reflexões sobre o emprego desses neologismos no ensino de língua portuguesa.

No artigo de Mariana Giacomini Botta, apresenta-se um estudo de caso sobre um neologismo específico: o estrangeirismo *spoiler*. A autora traça o percurso histórico desse neologismo primeiramente na língua inglesa e, em seguida, sua integração à língua portuguesa. Apesar de ser um estudo sobre um caso específico, sua metodologia e suas conclusões contribuem para o entendimento do fenômeno geral da integração de estrangeirismos.

A neologia como causadora de humor, um tema muito rico para estudo, é o assunto do artigo de Geraldo José Rodrigues Liska. A partir da análise de neologismos encontrados em charges políticas, o autor mostra como a neologia contribui para a expressividade da língua.

Único artigo em língua estrangeira deste volume, o texto de Ana María Díaz Ferrero e Rafael Porlán Moreno aborda um tema importante e nem sempre estudado com a devida ênfase, que é a neologia decorrente da tradução. Os autores trazem exemplos de neologismos que surgem em traduções por influência de outra língua, como o neologismo em espanhol *descontentamiento* em vez de *descontento* (por influência do português *descontentamento*). Por ser considerado um problema de tradução, os autores apresentam uma proposta didática para auxiliar tradutores em formação a evitar esses neologismos.

A terceira parte deste número temático traz dois artigos sobre a neologia nas linguagens de especialidade. Fernanda Mello Demai aborda aspectos da neologia na área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio,

mostrando os diversos graus de lexicalização dos termos. Por fim, o texto de Márcia de Souza Luz Freitas, fechando o volume, analisa os neologismos da área da Engenharia Biomédica, mostrando como esses neologismos surgem a partir de unidades lexicais de outros domínios, os chamados “domínios ancestrais”.

Esses nove artigos, embora não abarquem todo o amplo espectro de estudos da neologia, são representativos da grande diversidade de olhares e perspectivas segundo os quais é possível estudar o fenômeno. Assim, com este número temático, esperamos trazer mais uma pequena contribuição a esse rico campo de estudos na Linguística brasileira.

Referências

ALVES, I. M. Contribuições para a metodologia do trabalho em neologia terminológica: o corpus de exclusão. *In*: CATALA, S. Á.; BARITE, M. (org.). **Teoría y praxis en terminología**. Montevideo: Ediciones Universitarias, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2017. p. 103-112.

ALVES, I. M. **Neologismo**. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Tese (Livre-Docência em Lexicologia e Terminologia) – São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

AULETE, F. J. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Edição brasileira rev. e atual. Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5 v., 1 ed. 1881.

BASILIO, M. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 9-21, jul./dez. 2007. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v6i2.52621>

BASILIO, M. O Princípio da Analogia na Constituição do Léxico: Regras são Clichês Lexicais. **Veredas**, v. 1, n. 1, p. 9-21. Juiz de Fora: UFJF, 1997.

BOOIJ, G. (org.). **The construction of words**. Advances in Construction Morphology. New York: Springer, 2018. DOI <https://doi.org/10.1007/978-3-319-74394-3>

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1007/978-3-319-74394-3>

BOULANGER, J.-C. L'évolution du concept de NÉOLOGIE de la linguistique aux industries de la langue. *In*: SCHAETZEN, C. de. **Terminologie diachronique**. Paris: Conseil international de la langue française, 1989. p. 193-211.

BOULANGER, J.-C. Néologie et terminologie. **Neologie en Marche**, v. 4, p. 5-128, 1979. Série b: langues de spécialités.

BOULANGER, J.-C. Quelques observations sur l'innovation lexicale spontanée et sur l'innovation lexicale planifiée. **La Banque des Mots**, v. 27, p. 3-29, 1984.

BYBEE, J. Morphology as lexical organization. *In*: HAMMOND, M.; NOONAN, M. (ed.) **Theoretical Morphology**. Approaches in modern Linguistics. San Diego: Academic Press, 1988. p. 119-141.

BYBEE, J. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam: Johns Benjamins, 1985. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.9>

CABRÉ, M. T. **La terminología**. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editoria, Antártida / Empúries, 1993.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA Jr., J. M. **Problemas de Lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1971.

CORBIN, D. La notion de néologisme et ses rapports avec l'enseignement du lexique. **Bref**, vol. 4, p. 41-57, 1975.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DUBOIS, J. **Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872**. Paris: Larousse, 1962.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1 ed. 1975.

FREIRE, L. O. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5 v., 1 ed. 1940.

GIRAUD, J. Petite histoire du néologisme. **Vie et Langage**, v. 265, p. 200-207, 1974.

GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia Construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, C. A. V. (org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016b.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**, v. 58, n. 1, pp. 165-193, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942014000100007>

GUERRERO RAMOS, G. Nuevas orientaciones de la terminología y de la neología en el ámbito de la semántica léxica. **RILCE**, v. 33, n.3, p. 1385-1415, 2017. DOI <https://doi.org/10.15581/008.33.3.1385-1415>

GUILBERT, L. **La formation du vocabulaire de l’aviation**. Paris: Larousse, 1967.

GUILBERT, L. **Le vocabulaire de l’aéronautique**. Paris: Larousse, 1965.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>.

HUMBLEY, J. **La néologie terminologique**. Paris: Lambert-Lucas, 2018.

KILGARRIFF, A.; RIGAU, I. esTenTen, a vast web corpus of Peninsular and American Spanish. In: VARGAS-SIERRA, C. (ed.). **Corpus resources for descriptive and applied studies**. Current Challenges and Future Directions: Selected Papers from the 5th International Conference on Corpus Linguistics (CILC2013). Alicante, Spain, 2013. p. 12-19. DOI <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2013.10.617>

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: Descriptive application**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LINO, M. T. Neologia e neonímia em língua portuguesa. **Linha d'Água (Online)**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 9-23, set.-dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v32i3p9-23>

MARONEZE, B. A metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas. **Signo**, v. 41, n. 70, p. 123-129. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016. DOI <https://doi.org/10.17058/signo.v41i70.6148>

MARONEZE, B. As concepções saussureanas de formação de palavras. **ReVEL**. Edição Especial n. 2, 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_as_concepcoes_saussurianas_de_formation_de_palavras.pdf. Acesso em : 25 mai. 2020.

MATORÉ, G. **La méthode en Lexicologie**. Paris: Marcel Didier, 1953.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NIDA, E. **Morphology**. 2. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

PANTHER, K.-U.; RADDEN, G. (ed.) **Metonymy in language and thought**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. DOI <https://doi.org/10.1075/hcp.4>

QUEMADA, B. A propos de la néologie. **La Banque des Mots**, v. 2, p. 137-50, 1971.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? **Cahiers de Lexicologie**, v. 28, n. 1, p. 3-17, 1976.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Québec: Gaëtan Morin, 1984. 1 éd. 1981.

ROSA, M. C. **Introdução à Morfologia**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie aujourd'hui. In: GRUAZ, C. (org.). **A la recherche du mot**: de la langue au discours. Limoges: Lambert-Lucas, 2006. p. 141-157.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie aujourd'hui. In: GRUAZ, C. **À la recherche du mot**: de la langue au discours. Limoges: Lambert-Lucas, 2006.

SABLAYROLLES, J-F. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine. *In*: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R. de; OLIVEIRA, L. P. de; PEREIRA, E. S. (ed.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. v. 3, 2013. p. 6-20.

SABLAYROLLES, J-F. **Les néologismes**. Créer des mots français aujourd'hui. Paris: Garnier / Le Monde, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SILVA, A. de M. **Dicionario da lingua portugueza**. 2 ed. Lisboa: Typ. Lacérdina, 1813. 2 v. 1 ed. 1789.

SILVA, A. de M. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10 ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-59. 13 v. 1 ed. 1789.

UNGERER, F. Word formation. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 988-1011.

VIEIRA, Frei D. **Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza**. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes, 1871-4. 5 vol.

WEXLER, P. **La formation du vocabulaire des chemins de fer en France (1778-1842)**. Genève: Droz, 1950.

Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias

Neology and neologisms in Brazilian Portuguese: main ideas

*João Henrique Lara GANANÇA**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar um breve histórico dos estudos de Neologia no Português Brasileiro, bem como passar em revista, com base, sobretudo, em Guilbert (1972, 1975), em Alves (1990) e em Cabré (2010), as principais ideias a respeito da conceituação de “neologia” e de “neologismo” e as diferentes metodologias possíveis para a identificação de neologismos na língua comum. Além disso, é nossa intenção, ainda, apresentar algumas contribuições que o Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo), sob a coordenação de Ieda Maria Alves, tem dado às pesquisas lexicais e morfológicas por estudar os principais processos de criação lexical e por trazer as novidades, sempre constantes, surgidas no âmbito desses processos, que por sua vez, evidenciam a vivacidade perene da língua, sempre pronta a moldar-se às necessidades de expressão dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Lexicologia. Neologia. Neologismos. Criação Lexical.

ABSTRACT: This article aims to present a brief history of the studies of Neology in Brazilian Portuguese, as well as recapitulate, mainly upon Guilbert (1972, 1975), Alves (1990) and Cabré (2010), the main ideas about the concepts of “neology” and “neologism” and the different possible methodologies used to identify neologisms in common language. In addition, we intend to present some contributions that the Contemporary Brazilian Portuguese Neologisms Observatory (TermNeo Project), under the coordination of Ieda Maria Alves, has given to lexical and morphological studies for studying the main processes of lexical creation and to bring the ever-constant innovations that have emerged within these processes, which, in turn, evidence the perennial liveliness of the language, always ready to conform to the needs of the speakers' expression.

KEYWORDS: Linguistics. Lexicology. Neology. Neologisms. Lexical Creation.

* Doutorando em Letras pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa - FFLCH-USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1398-9378>. jgananca@usp.br

1 Introdução

Neste artigo, buscaremos tratar de aspectos teóricos concernentes ao fenômeno da neologia lexical em língua portuguesa. A fim de organizar nosso pensamento, subdividimos o presente estudo em três subseções, as quais foram estruturadas com base em três perguntas instigadoras, cuja função é guiar nosso olhar para a problemática do fenômeno neológico em âmbito lexical.

A primeira subseção busca responder à seguinte questão: o que se entende por neologia e por neologismo? Fundamentados nessa reflexão, duas outras questões podem ser formuladas: como identificar os neologismos? E, afinal, como se formam novas unidades lexicais?

2 A Neologia e os Neologismos: a construção de um conceito

Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra *neologismo* data de 1813, enquanto o surgimento de *neologia* é mais recente, tendo sido registrado seu aparecimento em 1858.

O verbete *neologia* traz, nesta obra lexicográfica, três acepções: “1. Processo de formação, de caracterização e de emprego de novas unidades léxicas; 2. Registro dessas unidades; 3. Conjunto de neologismos”. Quanto a *neologismo*, o dicionário registra as seguintes acepções: “1. Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; 2. Atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua; 3. Unidade léxica criada por esses processos”. Em sua macroestrutura, encontramos ainda registrados os seguintes derivados: *neológico*, *neologismar*, *neologista* e *neólogo*.

De forma mais concisa, diz-nos o dicionário *Caldas Aulete*, em sua versão online¹, que *neologia* é “criação ou uso de palavras novas, ou com novos significados”, ao passo

¹ Disponível para consulta em: www.aulete.com.br

que *neologismo* seria “1. Uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra; 2. p. ext. qualquer palavra ou expressão resultante desse processo”.

Os exemplos elencados acima parecem apontar para uma grande identidade semântica entre os vocábulos neologia e neologismo. A despeito das peculiaridades de sentido identificadas em cada verbete, percebe-se, por exemplo, que o traço semântico “emprego de novas unidades léxicas” está presente, no primeiro excerto, para definir tanto neologia, quanto neologismo. No exemplo extraído do dicionário *Caldas Aulete*, por sua vez, a ideia de “uso de palavra nova” encontra-se, igualmente, nos dois verbetes.

A fim de dispersarmos essa nebulosidade, identificada nas obras lexicográficas, quanto ao sentido mais exato que se pode ou que se deve conferir a esses dois vocábulos, reservaremos a palavra *neologia* apenas para designar o *processo* de criação de novas unidades léxicas, ao passo que os *produtos* resultantes desta criação chamaremos de *neologismos*. Essa tem sido, aliás, a postura teórica adotada nos principais estudos realizados, desde as últimas décadas, sobre o tema (GUILBERT, 1972, 1975; ALVES, 1990, 2000, 2010, entre outros.).

Alves (2010, p. 63-64) informa-nos que os primeiros estudos acerca da neologia lexical no português brasileiro surgiram entre gramáticos na primeira metade do século XIX que se voltaram a discutir, sobretudo, a questão da inserção, na língua portuguesa, de estrangeirismos, mormente galicismos, que, à época, abundavam na fala e na escrita dos brasileiros cultos e que geravam bastante preocupação entre os gramáticos.

De modo geral, a postura desses estudiosos reflete uma concepção purista da língua, em que se deve, a todo custo, preservá-la de influências estrangeiras nefastas que a poderiam facilmente corromper e destruir. Assim, se a neologia como processo tende a ser compreendida como necessária para nomear fatos e artefatos novos, o

neologismo como produto do processo neológico em excesso (ainda que não se consiga estabelecer exatamente quando o uso do neologismo é excessivo) deve ser evitado e combatido. Nada reflete melhor essa visão do que a diferença estabelecida por L. S. Mercier (*apud* GUILBERT, 1972, p. 9) entre neologia e neologismo: “A *Neologia* é sempre bem-aceita, ao passo que o *Neologismo* não; há entre essas duas palavras a mesma diferença que entre religião e fanatismo, filosofia e filosofismo”².

Desde a década de 1960, contudo, o desenvolvimento da Linguística como ciência autônoma e independente tem ajudado a lançar boa luz sobre essa questão.

Segundo nos informa Alves (2006) e Cabré (2010), no início dos anos 1960, o lexicólogo e lexicógrafo francês Bernard Quemada criou, a fim de sistematizar e desenvolver o estudo continuado do fenômeno neológico no léxico da língua francesa, um *Observatório de Neologia* no *Centre d'Étude du Vocabulaire Français de l'Université de Besançon*. A partir desse projeto pioneiro, vários observatórios foram criados, com os mesmos objetivos, como o Obneo, criado em 1988 e atualmente parte do *Institut Universitari de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra*, na Espanha, que tem investigado as criações lexicais no espanhol e no catalão. Podemos citar, ainda, o *Osservatorio neologico della lingua italiana* (Onli), da *Universidade La Sapienza de Roma* e o *Observatorul neologic român*, de Bucareste, cujos trabalhos têm ajudado a analisar a neologia no romeno.

No mundo lusófono, destacam-se o Observatório de Neologia do Português, do Instituto de Linguística Teórica Computacional, Iltec, de Lisboa e o Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo), da Universidade de São Paulo. Esse último serviu, por sua vez, de inspiração para outros Observatórios no Brasil, como o Observatório de Neologismos na Linguagem Jornalística, da Universidade Federal do Pernambuco e o recente Observatório de

² *Néologie* se prend toujours en bonne part, et *Néologisme* en mauvaise, il y a entre ces deux mots la même différence qu'entre religion et fanatisme, philosophie et philosophisme. (Original)

Neologismos na Publicidade Impressa, criado por Aderlande Pereira Ferraz na Universidade Federal de Minas Gerais.

A finalidade de um Observatório de Neologia é, como dissemos anteriormente, realizar estudos sistematizados acerca da neologia lexical no âmbito de uma ou de mais línguas. Para tanto, faz-se necessário o estabelecimento de *corpora de extração* significativos da língua em estudo e de critérios metodológicos de identificação e de seleção dos neologismos encontrados, a fim de que se possam realizar análises consistentes dos dados obtidos. Ora, os bancos textuais e as bases neológicas resultantes do trabalho dos observatórios configuram-se, portanto, como um material muito valioso, com base no qual é possível verificar a língua em sua realidade de uso. É o que nos diz Cabré (2010, p. 15):

No caso dos Observatórios de neologia, aquilo que é detectado, contemplado, recompilado e analisado são os neologismos léxicos que aparecem no discurso oral ou escrito dos falantes de uma língua. A finalidade desta atividade é muito clara: para conhecer a realidade de uma língua, devemos dispor permanentemente de amostragens de seu uso. Os bancos textuais são, pois, um recurso que permite atender a essa necessidade (...)³.

Diz-nos ainda a autora que os resultados colhidos do trabalho dos observatórios são essenciais para se conhecer a vitalidade interna de uma língua, isto é, quais são os mecanismos e os materiais linguísticos disponíveis para a criação lexical que, contemporaneamente, são mais ou menos produtivos em determinada língua. Tal conhecimento é fundamental, por exemplo, para se verificar quais seriam as tendências dessa língua, quais unidades lexicais devem ou não figurar nos dicionários não especializados e em materiais didáticos de ensino desse idioma como língua

³ En el caso de los Observatorios de neología aquello que se detecta, se contempla, se recopila y se analiza son los neologismos léxicos que aparecen en el discurso oral o escrito de los hablantes de una lengua. La finalidad de esta actividad es muy clara: para conocer la realidad de una lengua, debemos disponer permanentemente de muestras sobre su uso. Los bancos textuales son pues un recurso que permite cubrir esta necesidad (...). (Original)

materna ou estrangeira.

Além de tudo isso, o trabalho dos observatórios ao redor do mundo tem ajudado a desenvolver metodologias de pesquisa cada vez mais precisas para a lida com o fenômeno neológico em questão, apresentaremos tais metodologias na próxima subseção. Vários estudos surgiram a partir de então, entre os quais destacamos no Brasil: Sandmann (1989, 1992) e Alves (1990, 2000).

Alicerçado no trabalho prático e sistemático de todos esses pesquisadores foi possível conceituar, assim, com maior precisão, o que se entende por neologismo como produto da neologia.

Biderman (1978, p. 158-166) já nos dizia que as unidades lexicais neológicas podem ser divididas em dois grandes grupos: formais e conceptuais. Por neologismo formal, a autora entende “(...) uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro”. Já o neologismo conceptual, ainda segundo ela, é resultado de “(...) uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer”.

Assim também entende Alves (1990, p. 5), quando diz que um neologismo pode ser: “(...) uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de outra língua”.

É, portanto, nesse sentido triplo – forma vernácula nova, forma estrangeira recém-incorporada ao universo linguístico da língua portuguesa e mudanças no campo semântico de uma unidade lexical já existente - que também entendemos e conceituamos neologismo neste artigo.

3 Metodologias para o trabalho com os Neologismos

No âmbito dos estudos lexicais, os conceitos de neologia na condição de fenômeno de criação lexical e, de neologismo como produto resultante dessa criação parecem estar bem assentados. Entretanto, identificar empiricamente um neologismo

não é tarefa simples, pois esbarramos sempre na seguinte questão: por quanto tempo uma unidade lexical pode ser chamada de neológica? Qual é, a afinal, a medida do novo quando estamos lidando com o léxico de uma língua? Diz-nos Cabré (2010, p. 18):

(...) se, por um lado, o conceito de neologia encontra-se bastante estabilizado, os critérios de reconhecimento dos neologismos, mutáveis, são muito mais diversos. A etiqueta de neologismo pode chegar a ser problemática pelo fato de concentrar diversos parâmetros de identificação e, ademais, porque, por definição, neologia é uma condição sempre diacrônica: aquilo que hoje é neológico pode deixar de sê-lo quando seu uso for atestado⁴.

Foi justamente a dificuldade em estabelecer critérios de reconhecimento dos neologismos que fez com que Rey (1976) levantasse questionamentos acerca da existência real de neologismos na língua. Seria o neologismo um pseudoconceito, afinal?

Em verdade, temos percebido que, no âmbito dos estudos da neologia, a conhecida máxima saussuriana “o ponto de vista cria o objeto” continua especialmente válida. Portanto, conclui-se que uma unidade lexical será assim reconhecida como neológica ou não a depender dos critérios utilizados para sua identificação. Longe de ser um elemento mais evidente do sistema linguístico e mais amplamente aceito, como o verbo, o substantivo, o adjetivo etc., o neologismo é um elemento puramente conceptual, metodológico, pragmático, criado com base em um ponto de vista prévio sobre ele.

É a essa conclusão que parece chegar A. Rey (1976, p. 17) quando nos diz:

⁴ (...) si por un lado el concepto de neología se considera bastante estabilizado, los criterios de reconocimiento de los neologismos, en cambio, son mucho más diversos. La etiqueta de neologismo puede llegar a ser problemática por el hecho de concentrar diversos parámetros de identificación y, además, porque por la definición la neología es una condición siempre diacrónica: aquello que hoy es neológico puede dejar de serlo cuando se refleja su uso. (Original)

O neologismo não existe em si, mas apenas em comparação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. É impossível considerar o neologismo “em abstrato”, como um elemento novo num sistema, independentemente do funcionamento concreto da língua⁵.

Assim, em virtude do caráter não abstrato do neologismo, para que seja conferido o caráter neológico a determinada unidade do léxico, faz-se necessário colocá-la em comparação com *corpora* extensivos e não exaustivos compostos por palavras reconhecidamente não neológicas pela comunidade de falantes.

Boulanger (1979) utilizou pela primeira vez a expressão “*corpus* de exclusão” para determinar o conjunto de textos utilizados como uma espécie de filtro para a conferência do caráter neológico a uma unidade lexical. O estabelecimento de *corpora* de exclusão tem sido, desde então, a metodologia de trabalho mais utilizada e mais reconhecida na lida com as criações lexicais novas.

Atualmente, Cabré (2010, p. 18-21) nos fala em quatro critérios possíveis de detecção de neologismos, alguns dos quais baseados nos *corpora de exclusão* diversificados. Abaixo descreveremos cada um deles, apontando suas vantagens e suas desvantagens, segundo a autora.

1º critério: diacrônico.

Estabelece o critério diacrônico que uma unidade lexical será neológica se tiver aparecido recentemente.

Assim, embasado por esse critério, o pesquisador pode levantar um *corpus* histórico relativo ao período dentro do qual esteja estudando a neologia e, com base nele, fixar datas para o surgimento das palavras, verificando quais apareceram mais recentemente no intervalo de tempo coberto pelos documentos. Na Universidade de

⁵ Il n’y a pas de néologisme en soi, mais par rapport à un ensemble d’usages arbitrairement définis. Il est impossible de considérer le néologisme “in abstracto” comme un élément nouveau dans un système, indépendamment du fonctionnement concret du langage. (Original)

São Paulo (USP), o Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP: www.usp.br/gmhp), coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, tem contribuído enormemente para a melhoria nas datações que atestam a origem das palavras no português. Contudo, o estabelecimento de *corpora* precisos compostos de uma quantidade significativa de documentos onde se poderá atestar a data inequívoca de surgimento de uma palavra é especialmente difícil. O desenvolvimento dos estudos etimológicos tem mostrado que quase nunca é possível ter certeza absoluta acerca da data precisa do surgimento de uma palavra, haja vista a quantidade de vezes em que as datações mudam mediante o surgimento de novas fontes.

2º critério: *gramatical*.

Segundo o critério gramatical, uma unidade lexical será neológica se denunciar instabilidade e/ou raridade formal.

Esse segundo critério elencado por Cabré (2010) é especialmente profícuo na identificação das unidades lexicais neológicas cuja forma causa estranhamento, a respeito da qual os falantes têm uma espécie de intuição do seu caráter de novidade, uma vez que desempenham função puramente estilística. Geralmente, neologismos criados pelos processos deformantes, como truncação, cruzamento vocabular, reduplicação etc. e estrangeirismos são facilmente reconhecidos pela aplicação desse critério. Certamente, poucos teriam dúvidas de que a satírica palavra “intelijegue” (cruzamento entre as palavras “inteligente” e “jegue”) é neológica, visto apresentar uma forma que causa estranhamento.

No entanto, para os casos de neologismos sintáticos, como os formados por prefixação ou composição, em que há uma nova combinação de elementos já existentes no sistema linguístico, como em *ecoturismo* e em *operação-relâmpago*, neologismos analisados em Alves (2006), esse critério se torna inoperante, pois a forma da unidade lexical nova não causa estranhamento aos falantes, muito embora se trate de uma

novidade lexical. O mesmo podemos dizer para os frequentes casos de neologismos semânticos, em que a forma da unidade léxica não sofre alteração.

3º critério: psicológico.

De certo modo decorrente do segundo critério, o terceiro diz-nos que uma unidade lexical será neológica se os falantes da língua a reconhecerem como tal. Dentre todos os critérios, este se apresenta como o mais difícil de ser efetivamente aplicado e como o mais subjetivo entre todos.

Sabemos que todos os falantes de uma determinada comunidade linguística compartilham um núcleo léxico comum, que permite a comunicação entre eles. A isso, os estudiosos do léxico, sobretudo de filiação teórica gerativista, têm chamado de *competência lexical* (GUILBERT, 1975, p. 38; BASILIO, 1980, p. 8; SANDMANN, 1992, p. 13; ROCHA, 2008, p. 35; dentre outros). Em virtude desse acervo lexical compartilhado, diz-nos Sablayrolles (2013) ser possível a existência de um “sentimento de neologia” da parte dos falantes em relação a determinados itens lexicais. Todavia, cada falante ou grupo de falantes apresentam disparidades no alcance de seu léxico individual. Assim, o que se configura como neologismo para um pode não ser para outro, fato este que confirma que o neologismo é, antes de mais nada, um conceito metodológico, como nos ensinou A. Rey (1976).

A percepção da novidade é variável segundo os indivíduos e os objetos examinados. O mesmo objeto será, ao mesmo tempo, percebido como novo ou recente por um e já antigo e velho por um outro. Com as inovações lexicais, que são os neologismos, não é diferente: os julgamentos dos falantes nativos podem divergir sobre eles (SABLAYROLLES, 2013, p. 6)⁶.

⁶ La perception de la nouveauté est variable selon les individus et les objets examinés. Le même objet sera encore perçu neuf ou récent par l'un et déjà ancien et vieilli pour un autre. Il n'en va pas autrement des innovations lexicales que sont les néologismes: les jugements des locuteurs natifs peuvent diverger à leur sujet. (Original)

Logo, para que pudéssemos aplicar esse critério, seria necessário estabelecer um grupo suficientemente heterogêneo de falantes, oriundos de diferentes extratos sociais, de diferentes faixas etárias, de diferentes níveis de escolaridade etc. Ainda assim, correríamos o risco de esses falantes reconhecerem como neológicas apenas as unidades lexicais cujas formas ou imagens acústicas lhes causassem estranhamento, ignorando completamente as novas combinações entre formas já conhecidas do material linguístico, que, por certo, não ativam nos falantes qualquer “sentimento de novidade”, na terminologia de Sablayrolles (2013).

4º critério: lexicográfico.

Por fim, o último critério afirma que uma unidade lexical será neológica se não figurar em um conjunto de dicionários de língua previamente selecionados. De todos os critérios, esse tem sido o mais utilizado, desde sempre, nos estudos neológicos, não apenas por sua simplicidade e praticidade, mas também pelo fato em si de muitos estudos de neologia terem sido feitos justamente com o objetivo de ampliar os dicionários já existentes.

É certo que, como os outros, o critério lexicográfico apresenta fragilidades, uma vez que os dicionários não conseguem jamais abarcar todas as palavras de uma língua. Sablayrolles (2013, p. 7-8) nos lembra, por exemplo, dos casos de gírias e palavrões, largamente utilizados pelos falantes (portanto, não neológicos), mas que, pelo fato de não serem, segundo ele, “politicamente corretos” não vão parar nunca nos dicionários. Há também os casos de palavras antigas que não aparecem mais nos dicionários e que são arcaísmos e não neologismos. Chama-nos, ainda, a atenção Sablayrolles (2013) para a não rara omissão, nas obras dicionarísticas, de neologismos semânticos.

No entanto, socialmente falando, o dicionário é visto como o repositório lexical confiável de uma determinada comunidade de falantes, não sendo rara a consulta às obras lexicográficas para a verificação da existência ou não de uma palavra, para a aferição de sua ortografia, da sua pronúncia correta, de seus significados possíveis etc.

Pelos falantes, os dicionários são vistos como fontes do saber lexical e parece intuitivamente natural deixar de considerar uma palavra como neológica se ela passar a figurar nos dicionários da língua. A inserção, em um dicionário de língua geral, de qualquer item léxico novo, portanto, parece ser um dado que atesta, para todos os falantes, a sua *desneologização*.

A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua, ao lado dos outros já existentes, do ponto de vista dos grupos conservadores. Antes de ser registrado no dicionário, já se tem consciência de sua aceitação, mas o figurar na lista das palavras do dicionário faz que o termo seja considerado “*definitivo*”. O papel do lexicógrafo, nesse sentido, é muito importante, pois a ele e a sua equipe cabe de certa forma a responsabilidade de consagrar a aceitação do neologismo ou rejeitá-lo. (BARBOSA, 1981, p. 150-151)

Durante décadas de estudos da neologia, os únicos *corpora* de exclusão utilizados por quem se aventurava a observar esse campo da lexicologia foram, portanto, os dicionários. Recentemente, porém, o desenvolvimento da *linguística de corpus*, aliado ao aprimoramento da informática, tem possibilitado o aparecimento de ferramentas computacionais que utilizam bancos textuais em suporte digital, estabelecendo, assim, uma nova via textual e automática de detecção de neologismos, que vem auxiliar o pesquisador, agregando mais uma ferramenta além do dicionário⁷.

4 Os principais processos de criação lexical e as contribuições dos estudos neológicos

Para apresentarmos a tipologia dos principais processos de criação lexical da

⁷ Tal é o caso do *Extrator de Neologismos*, ferramenta desenvolvida pelo NILC-USP-São Carlos em parceria com o Projeto TermNeo (coordenado por Ieda Maria Alves - USP), que realiza a coleta semiautomática de candidatos a neologismos por meio da comparação entre o *corpus* de extração e o banco textual armazenado, segmentando os sintagmas em que ocorrem os possíveis neologismos.

língua portuguesa, tomaremos como base os trabalhos de Guilbert (1972, 1975) e de Alves (1990).

Conforme dissemos ao final da segunda subseção, os neologismos têm sido agrupados pelos estudiosos do tema em dois grandes grupos: os neologismos formais, em que a novidade inscreve-se na forma da palavra, e os semânticos ou conceptuais, em que o elemento novo ocorre no âmbito do significado da palavra, ou seja, no conjunto de traços semânticos que ela atualiza.

Entre os neologismos formais mais produtivos, Guilbert e Alves chamam de neologismos sintáticos as novidades formais resultantes da combinação entre elementos linguísticos preexistentes. No âmbito dos neologismos sintáticos, encontram-se os dois processos de formação de palavras mais produtivos do português brasileiro atual: a derivação (processo de associação de um afixo a uma base lexical) e a composição (processo de associação entre duas ou mais bases lexicais).

Entre os casos de derivação, os dois tipos mais produtivos para a criação de unidades lexicais no português brasileiro são a derivação prefixal, ou prefixação, e a derivação sufixal, ou sufixação.

A prefixação é definida como processo de adjunção de um prefixo à esquerda de uma base lexical. De acordo com Alves (1990, p. 15), prefixos podem ser definidos como “(...) partículas independentes ou não independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série.”.

Justamente por apresentarem semelhanças com as preposições, dada a origem etimológica comum (CÂMARA JR., 1975), não raro alguns prefixos, como *ex-*, *super-*, *vice-*, *mini-*, entre outros, têm sofrido processo de lexicalização em contextos neológicos, empregados como formas livres na língua. É o que exemplificam os contextos abaixo, extraídos de nossa dissertação de mestrado, na qual estudamos, sob a orientação de Ieda Maria Alves, o fenômeno prefixal em *corpora* compostos por

blogues da internet:

“Após a separação, minha <ex> pôs meus filhos contra mim” (NAVARRO, R., 30/01/2014);

“Os preços são R\$ 14 para o <mini>, R\$40 o panetone de 500 gr e R\$ 65 o de um quilo”. (KATSUKI, 10/12/2014)

“(…), os visitantes já conseguem ver a cachoeira (de longe!) e podem relaxar em uma trilha (com piso <super de boa> para todos) cheia de árvores, bichos e plantas.”. (ASSIM COMO VOCÊ, 06/08/2014)

Em diversos estudos, Alves (1990, 2000, 2006, 2010) verificou o surgimento de novos prefixos no Português Brasileiro, oriundos da migração de bases léxicas neoclássicas das línguas de especialidade para a língua comum, em que formam neologismos prefixais em série. Nossa pesquisa de mestrado também verificou essa forte tendência de utilização de elementos de composição, na língua comum, em função prefixal, como *mega-*, *narco-*, *eco-* e *bio-*:

O bispo Rodovalho, líder da Sara Nossa Terra, resolveu promover uma competição particular com o bispo Edir Macedo, que acabou de inaugurar o <megatemplo> de Salomão, em São Paulo. (JARDIM, L., 27/08/2014)

“Na expressão de Krause, Iguala é uma <“narcocidade”>, na qual políticos e policiais não estão meramente associados ao tráfico de drogas, mas são o crime organizado”. (BLINDER, C., 11/11/2014);

“No caso dos recursos, eles combinaram numa única unidade de medida, o <eco-dólar>, (...)”. (MENSAGEIRO SIDERAL, 24/03/2014)

O secretário estadual de Meio Ambiente, Carlos Cavalcanti, diz estar em negociações avançadas com a Gol, companhia aérea que opera um dos três voos diários que chegam à ilha, para que ela passe a usar <bioquerosene> nos deslocamentos para Noronha. Esse combustível é menos poluente que o querosene utilizado hoje. (BRASIL 2014, 25/07/2014)

Esses neologismos prefixais escancaram a forte relação entre léxico e sociedade por materializarem, linguisticamente, as mudanças sociais pelas quais passam as sociedades. Nas palavras de Alves (2010, p. 70-71),

Alguns elementos, após sofrerem o processo da truncação, difundem-se pela língua comum e unem-se a unidades lexicais para formarem um derivado prefixal. Estes novos elementos truncados (*ciber-* < *cibernética*; *e-* < inglês *electronic*; *bio-* < *biodiversidade*; *eco-* < *ecologia*; *narco-* < *narcótico*) passam a exercer função prefixal e representam questões vivenciadas pela sociedade contemporânea: o avanço tecnológico proporcionado pela Informática (*ciber-* e *e-*), os esforços pela preservação da saúde e do meio-ambiente (*bio-* e *eco-*), os problemas relativos ao consumo e ao comércio de drogas (*narco-*).

No que tange à derivação sufixal, podemos defini-la como a associação entre um sufixo e um radical ou uma base lexical. Segundo Alves (1990, p. 29), um formante sufixal é um “elemento de caráter não autônomo e recorrente”, o qual “atribui à palavra-base uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.”. Reside justamente na função de alterar a classe gramatical das palavras uma das principais diferenças entre o sufixo e o prefixo.

A quase totalidade das obras gramaticais da língua portuguesa costuma apresentar os sufixos agrupados de acordo com a classe gramatical em que inserem a base a que se associam. Assim, temos, frequentemente, a apresentação dos sufixos nominais (formadores de substantivos pelos verbos: *-ção*, *-mento*, *-dor* etc.; formadores de adjetivos pelos verbos: *-vel*; formadores de adjetivos pelos substantivos: *-ano*; dentre outros), sufixos verbais (formadores de verbos pelos nomes: *-ar*, *-izar*; dentre outros) e o sufixo formador de advérbios pelo adjetivos: *-mente*.

Alves destaca, em seu estudo acerca das formações neológicas do português, que, contemporaneamente, os sufixos mais produtivos para a formação de novidades lexicais têm sido os nominais *-ismo*, para designar movimento sócio-político-cultural, geralmente ligado a personalidades, e *-ista*, para indicar os que aderem a esses

movimentos. (ALVES, 1990, p. 29-30). Destaca ainda a autora que os sufixos, em especial os diminutivos e aumentativos, têm sido utilizados em formações neológicas de caráter satírico. Esse fato foi identificado também por Sandmann (1992, p. 27).

Quanto ao fenômeno da composição, como dissemos, trata-se este da associação menos recorrente ou mais imprevisível entre duas bases lexicais. Nas palavras de Alves (1990, p. 41):

O processo da composição implica a justaposição de bases autônomas ou não autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação. Revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo.

A composição subordinativa é aquela em que seus elementos apresentam a relação determinante + determinado ou determinado + determinante. Geralmente, esse tipo de relação se dá entre elementos de classes gramaticais diferentes (substantivo + adjetivo; verbo + substantivo etc.). Todavia, também se verificam casos em que a relação subordinativa deu-se entre dois substantivos, como *enredo-denúncia*, *Operação-Desmonte* etc.

Na composição coordenativa, por sua vez, os elementos lexicais que a formam não apresentam relação determinado + determinante ou determinante + determinado, por se tratarem de bases lexicais de mesma classe gramatical (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, verbo + verbo etc.).

A despeito de a composição ser tradicionalmente descrita como um processo *ad hoc*, com produtos mais imprevisíveis e não-seriados, Gonçalves, em estudo recente (GONÇALVES, 2016, p. 52-58), tem nos chamado a atenção para alguns padrões composicionais (geralmente associações entre dois substantivos em que um deles aparece recorrentemente na mesma posição) surgidos ultimamente no português brasileiro, que criam palavras novas em série, “com padronização bem próxima à da

derivação” (GONÇALVES, 2016, p. 57). São os casos de **X-bomba**: *homem-bomba, carta-bomba, avião-bomba, mulher-bomba* etc., **Maria-X**: *maria-chuteira, maria-gasolina, maria-tatame* etc. e **Mulher-X**: *mulher-pêra, mulher-maçã, mulher-melancia* etc. Antes dele, Alves já verificara, no início da década de 90, a tendência à criação de padrões composicionais no português do Brasil alicerçados a composições neológicas formadas pelo padrão **X-chave**: *testemunha-chave, amigo-chave* etc. (ALVES, 1990, p. 48-49). Em trabalho posterior (ALVES, 2006, p. 137-138), a autora traz exemplos de outros neopadrões composicionais do português, como **X-base**: *cidade-base, moeda-base, núcleo-base* etc.; **X-chefe**: *cargo-chefe, cozinheiro-chefe, embaixador-chefe* etc.; **X-fantasma**: *candidato-fantasma, cheque-fantasma, conta-fantasma* etc.; **X-monstro**: *biblioteca-monstro, bicho-monstro, comício-monstro* etc.; **X-padrão**: *comportamento-padrão, argumento-padrão, paciente-padrão* etc. e **X-relâmpago**: *ataque-relâmpago, campanha-relâmpago, torneio-relâmpago* etc. Tais exemplos evidenciam que a demarcação de limites precisos entre derivação e composição é assunto mais complexo do que se pode, a princípio, imaginar.

Além da derivação e da composição, são processos formais de criação neológica do português, ainda que não necessariamente sintáticos, registrados por Alves: a neologia fonológica (muito rara), a siglagem e a acronímia e a lexicalização de sintagmas, isto é, quando um sintagma passa a ser sentido pelos falantes como tendo um único referente, um único sentido, configurando-se, portanto, como um único item léxico. A lexicalização de sintagmas, contemporaneamente, tem sido o principal processo de formação de termos nas línguas de especialidade (ALVES, 1990, p. 50-55).

Alocam-se igualmente entre os neologismos formais aqueles que resultam de processos deformacionais, ou seja, processos nos quais as bases lexicais que são a eles submetidos deformam-se em alguma medida. Entre eles, Alves destaca a truncação, processo no qual há perda de parte da palavra; o cruzamento vocabular ou palavra-valise, em que há o encontro entre partes de palavras distintas para formar um terceiro

elemento, não raro satírico e causador de estranhamento; a reduplicação, quando o neologismo se forma pela repetição de sílabas iguais e a derivação regressiva, quando a nominalização de verbos se dá, não pelo acréscimo de sufixos, mas pela perda do morfema flexional verbal (ALVES, 1990, p. 68-71).

Entre os neologismos formais, os estudiosos costumam citar também o elemento lexical estrangeiro, uma vez que se trata de nova forma que penetrou o sistema lexical de uma determinada língua. Alves chama de empréstimo a palavra que, oriunda de sistema linguístico diverso, esteja adaptada gráfica, fonética ou morfossintaticamente à língua de chegada, podendo, inclusive, servir de base para novas formações. Estrangeirismo, por sua vez, é uma expressão que a autora prefere reservar apenas aos casos em que a palavra não esteja adaptada, ou seja, não tenha entrado como virtualidade no sistema lexical. Nestes casos, destaca Alves (1990, p. 72-73) que ela geralmente é empregada em contextos que se referem à cultura alienígena em questão e, quase sempre, vem assinalada entre aspas, destacando, assim, o não pertencimento da unidade lexical ao código linguístico em que foi escrita a mensagem.

O segundo grupo de neologismos identificados pelos principais estudos realizados sobre o tema é o dos neologismos semânticos. Como dissemos anteriormente, qualquer alteração no significado da palavra sem que se lhe altere a forma tem sido considerada processo de neologia semântica. Apesar de não apresentar uma tipologia tão vasta quanto a formal, trata-se, obviamente, de um fenômeno linguístico bastante comum e, ao mesmo tempo, complexo.

Na segunda parte do seu estudo intitulado *Teoria Linguística*, mais especificamente no capítulo nono, Biderman (1978, p. 145-157) debruça-se sobre a questão da construção do significado das unidades lexicais. Grosso modo, diz-nos a autora que cada lexema, ou unidade lexical, apresenta um significado nuclear e outros significados periféricos dados pelo contexto de uso. Dentre os significados periféricos, têm-se aqueles oriundos de conotações afetivas, metáforas, metonímias, usos

estilísticos etc. O chamado “campo semântico”, ou semasiológico, seria, então, formado pela união entre o significado nuclear da palavra e todos os seus significados periféricos. Ora, prever uma situação de uso metafórica ou uma conotação afetiva associada a uma palavra é praticamente impossível e tanto escritores, jornalistas ou publicitários quanto falantes comuns demonstram diariamente que a expansão do campo semântico de um signo linguístico é ilimitada. Com efeito, a neologia semântica ocorre diariamente, nos mais variados contextos, formais ou informais.

5 Considerações finais

Dentre todos os níveis linguísticos, certamente o Léxico é o que melhor espelha a dinamicidade constante da língua. Nesse sentido, a Neologia, como processo perene de criação e renovação lexical, atesta não apenas a vivacidade da língua, como, igualmente, as mudanças sociais, históricas e culturais pelas quais atravessa uma comunidade de fala.

Não é recente, por certo, o interesse de gramáticos e de linguistas pelos processos de formação de palavras. Os estudos neológicos de Alves, contudo, por meio dos dados colhidos ao longo das décadas no Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, têm evidenciado que os mesmos processos tão detalhadamente descritos nas gramáticas são, em verdade, igualmente dinâmicos e surpreendentes.

Lexicalização de afixos, surgimento de novos prefixos pela migração de bases neoclássicas para o sistema prefixal, identificação de padrões composicionais, o que contraria a própria definição linguística de composição como processo *ad hoc*, tudo isso são contribuições de inestimável valor que os estudos sobre a Neologia têm trazido ao entendimento do léxico. E é justamente isso que procuramos destacar neste artigo. Os estudos de Neologia, sem intenções de exagero, são, a nosso ver, vitais para captar a

fluidez e a plasticidade da língua, esse organismo vivo, vibrante, que continua a maravilhar todos os estudiosos que a ela dedicam seu tempo.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo: Criação lexical**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Tese (Livre Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALVES, I. M. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa*, v. 50, n. 2, p. 131-144, São Paulo, 2006.

ALVES, I. M. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. *In: ALVES, I. M. (org.). Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 63-82.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**: Processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BASILIO, M. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BOULANGER, J. C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. *In: Néologie et lexicologie*. Paris: Larousse, 1979. p. 36-46.

CABRÉ, M. T. La neología, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los observatorios. *In: ALVES, I. M. (org.). Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 13-33.

CÂMARA JR., J. M. Ampliação e renovação lexical. *In: CÂMARA JR., J. M. História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975. p. 213-234.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GUILBERT, L. Théorie du néologisme. *In: Cahiers de l'association internationale des études françaises*, n. 25, 1972. p. 9-29. DOI <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

REY, A. Néologisme: um pseudoconcept? **Cahiers de Lexicologie**, n. 28, p. 3-17, 1976.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SABLAYROLLES, J. F. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine. *In: ALVES, I. M. et al. (org.). Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2013. v. III, p. 6-20.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scienza e Labor/Ícone, 1989.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

Artigo recebido em: 06.08.2019

Artigo aprovado em: 06.12.2019

Tipologias dos neologismos: breve percurso histórico

Typologies of neologisms: brief historical path

*Ana Maria Ribeiro de JESUS**

RESUMO: Desde as primeiras investigações sobre o fenômeno da neologia, várias tipologias para a categorização das unidades lexicais neológicas vêm sendo propostas. O presente artigo busca apresentar uma breve descrição das tipologias mais presentes nos trabalhos da área. A maioria delas, principalmente aquelas adotadas pelos Observatórios de Neologia, são classificações baseadas em processos de formação lexical. Há grande diferença nas propostas de classificação, mas, de modo geral, é possível sintetizar os processos de formação em três tipos fundamentais: processos formais, semânticos e por empréstimo. Refletimos, igualmente, sobre a importância de se considerarem os fatores pragmático e discursivo como inerentes a qualquer unidade neológica e, conseqüentemente, a qualquer proposta de tipologização.

PALAVRAS-CHAVE: Neologia. Tipologias de neologismos. Processos de formação de palavras.

ABSTRACT: Since the first investigations into the phenomenon of neology, several typologies for the categorization of neological lexical units have been proposed. This article seeks to present a brief description of the typologies most present in the studies of this domain. Most of them, mainly those adopted by the Observatories of Neology, are classifications based on lexical formation processes. There is a big difference in the classification proposals; however, in general, it is possible to synthesize the formation processes in three fundamental types: formal, semantic and loan processes. We also reflect on the importance of considering pragmatic and discursive factors as inherent to any neological unit and, consequently, to any typologization proposal.

KEYWORDS: Neology. Typologies of neologisms. Word formation processes.

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5479-5564>. ana.m.jesus@ufes.br

1 Introdução

Como a maioria dos fenômenos linguísticos, as unidades coletadas nas pesquisas em neologia são dispostas em tipologias, de modo que, a partir delas, os pesquisadores observem o fenômeno da criação lexical sob vários ângulos. Uma análise de cunho quantitativo pode revelar, por exemplo, a maior produtividade de um processo de formação em detrimento de outro, o contraste entre os subtipos, a frequência de produção de determinado formante etc. Em um viés qualitativo, pode-se relacionar determinado subtipo a um grupo de usuários, observar as questões culturais que estão por trás de determinada produção, detectar a influência ou não de estrangeirismos no gênero textual trabalhado – e, conseqüentemente, as questões que envolvem essa influência, como o próprio gênero textual ou as relações de poder.

Em cada estudo, o próprio conceito de *neologismo* está vinculado a uma tipologia. Os principais Observatórios de Neologia adotam, usualmente, as tipologias baseadas em processos de formação lexical. Há grande diferença nas propostas de classificação, mas, de modo geral, é possível sintetizar esses processos de formação em três tipos fundamentais: processos formais, semânticos e por empréstimo.

No âmbito da metodologia da pesquisa neológica, essa categorização ocorre, geralmente, na chamada **fase de tipologização**, que procede as fases de seleção (coleta de unidades lexicais que serão candidatas a neologismos) e de contraste (comparação dessas unidades com um *corpus* de exclusão, composto, tradicionalmente, por dicionários de língua geral e, mais recentemente, por grandes *corpora* digitais e/ou pela própria internet).

A fase de tipologização consiste, portanto, em dispor as unidades selecionadas e validadas como neológicas em uma tipologia. As tipologias são elencadas de acordo com critérios teórico-metodológicos estabelecidos em cada pesquisa. Tais critérios podem estar relacionados ao gênero textual em que os neologismos serão coletados, a questões de frequência, à função, a questões etimológicas ou ao próprio sistema

linguístico. Nos trabalhos da área, o procedimento de tipologização pode constituir uma via de mão dupla: (1) pode-se partir de uma classificação pré-estabelecida e atestada em trabalhos anteriores e submeter grupos de unidades neológicas aos subtipos estipulados por essa classificação; ou (2) pode-se partir das unidades neológicas coletadas e atestadas na própria pesquisa e estipular uma classificação que as abarque. Procedemos desta última forma em trabalho anterior (cf. JESUS, 2011, p. 173): os neologismos, carregados das peculiaridades do gênero textual em estudo, levam à proposta de uma nova tipologia. De qualquer forma, é importante considerar que, independentemente do caminho escolhido, e apesar de a categorização dos neologismos ocorrer na fase de tipologização, todas as fases da pesquisa serão impactadas pela tipologia empregada.

Desde as primeiras investigações sobre o fenômeno da neologia, várias tipologias vêm sendo elaboradas. De acordo com Alves (2000, p. 101), a neologia lexical teve seu maior impulso após as investigações realizadas por Matoré (1952), Guilbert (1972) e Boulanger (1979), com propostas das primeiras classificações. A essa lista, Adelstein (2015, p. 152) acrescenta Corbeil (1971) e Deroy (1971). Dentre as classificações mais atuais, estão as de Sablayrolles (2000) e Cabré (2006). A respeito do grande número de tipologias propostas, afirma Sablayrolles:

As tipologias não somente são numerosas e estabelecem classes e subclasses mais ou menos numerosas (e esses dados aritméticos podem ser facilmente comparados, ainda que o tratamento dos resultados e as conclusões a que se possa chegar sejam, por vezes, delicados), mas se baseiam, igualmente, em critérios que não pertencem aos mesmos domínios: podem ser radicalmente heterogêneos, o que proíbe qualquer comparação direta de uma tipologia com outra (SABLAYROLLES, 1997, p. 15)¹.

¹ Non seulement les typologies sont nombreuses et établissent des classes et sous-classes plus ou moins nombreuses (et ces données arithmétiques peuvent facilement être comparées, même si le maniement des résultats et les conclusions qu'on peut en tirer sont parfois délicats), mais encore elles sont fondées

Nesse sentido, o problema apontado por Sablayrolles envolve, principalmente, a imprecisão da classificação dos critérios, que acabam sendo distribuídos por cada autor em categorias distintas. Esse tratamento não homogêneo, no entanto, não impede a constatação de lugares comuns quando se exploram as categorizações mais notórias, como se expõe a seguir.

2 Revisitando as tipologias de neologismos

Para os primeiros lexicólogos, o conceito de neologismo foi determinado a partir de uma oposição entre aspectos formais e semânticos. Matoré (1952, *apud* ALVES, 2000) concebe a manifestação do neologismo principalmente nos níveis morfológico e semântico. Ele descreve três formas de apresentação das unidades lexicais neológicas, a saber: 1. por meio de uma nova unidade lexical, que pode ser criada *ex nihilo*, a partir de uma onomatopeia, de um nome próprio e, na maior parte dos casos, extraída do conjunto linguístico (prefixação, sufixação, composição), ou emprestada de uma língua viva ou morta; 2. por meio de uma unidade lexical já empregada e à qual se atribui um significado novo; 3. por meio da mudança de classe gramatical.

Por sua vez, Guilbert (1972), em seu artigo *Théorie du néologisme*, apresenta um estudo que busca classificar o neologismo com base em algumas dicotomias saussurianas. Segundo esse autor, o neologismo constitui um signo linguístico que comporta uma face significante e uma face significado, que são modificadas conjuntamente no ato da criação neológica, ainda que a mutação pareça estar baseada apenas na morfologia ou no significado da palavra. Guilbert faz referência também à dicotomia sincronia – diacronia: a tendência de definição do neologismo é classificá-lo na perspectiva diacrônica, uma vez que se trata do aparecimento de um novo elemento (ao longo do tempo); entretanto, pode também parecer melhor definir o neologismo

sur des critères qui ne relèvent pas des mêmes domaines: ils peuvent être radicalement hétérogènes, ce qui interdit toute comparaison directe d'une typologie à l'autre.

na perspectiva sincrônica, que caracteriza a relação dos elementos entre si no sistema linguístico. O autor conclui, então, que é mais conveniente situar o conceito de neologia no limite da oposição sincronia/ diacronia, e defini-lo no âmbito de uma “sincronia dinâmica” (GUILBERT, 1972, p. 12). De acordo com seus estudos, as unidades lexicais neológicas podem ser classificadas em:

- a. neologismos *fonológicos*: a alteração no significante é responsável pelo novo termo;
- b. neologismos *sintáticos*: formados por derivação prefixal, derivação sufixal, derivação sintagmática e composição;
- c. neologismos *semânticos*: a alteração no significado é responsável pelo novo termo, bem como a passagem de uma unidade lexical da língua geral para uma língua de especialidade ou vice-versa;
- d. neologismos formados por *conversão* e por *empréstimo*.

Na proposta de Boulanger (1979, p. 65), são estipuladas três classes de unidades neológicas. Os neologismos criados com base na derivação, composição, formação por siglas, redução de palavras ou ainda na criação de um radical inédito são chamados pelo autor de *formais*. Aqueles resultantes de um novo significado atribuído a um significante já existente são classificados como *semânticos*. Quando as unidades neológicas forem oriundas da adoção de uma unidade lexical estrangeira, são neologismos *por empréstimo*.

Após a evolução dos estudos iniciais, que se referiam apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, Boulanger atribui cinco atividades ao conceito de neologia no âmbito terminológico. Para esse autor, a neologia terminológica inclui:

1. o processo prático de criação de novas unidades lexicais, na língua geral ou nos tecnoletos, por meio do recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais em uma língua;

2. o estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, a aceitabilidade e difusão de neologismos, os aspectos sociais e culturais da neologia;
3. a atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto de uma política da língua;
4. a tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção;
5. a relação com os dicionários, tanto gerais monolíngues como específicos. (BOULANGER, 1989, apud ALVES, 1998, p. 27).

Citamos ainda a contribuição de Rey (1976), que aponta o caráter altamente individual da percepção do falante sobre a condição de novidade de uma palavra, questionando se, por isso, o neologismo seria um *pseudo-concept*. Como essa percepção não é objetiva, o neologismo seria um conceito relativo, fluido. A novidade, para Rey, projeta-se em aspectos distintos de uma unidade considerada neológica: na forma, no conteúdo e no uso. De forma diversa, Rey inclui uma parte dos empréstimos dentre os neologismos *formais*, juntamente com as criações *ex nihilo*, as unidades morfológicas, siglas e acrônimos. Os neologismos ligados ao *conteúdo* dizem respeito ao sentido, que pode apresentar-se como totalmente novo (novidade total) ou, em se tratando de um sentido já estabelecido, sofrer alguma alteração (novidade parcial). Nesse último caso, o sentido novo pode ser totalmente previsível, parcialmente previsível ou imprevisível, de acordo com o contexto de uso.

No Brasil, temos o estudo feito por Alves (1994, p. 14), divulgado em sua obra *Neologismo, criação lexical*. Os processos de formação neológica levantados são designados como: neologia *fonológica*; neologia *sintática*, subdividida em derivação, composição, formação por siglas ou acrônimos, composição sintagmática; neologia *semântica*; neologia por *empréstimo*; *conversão*, entre outros processos. No âmbito desses outros processos, a autora descreve a *truncação*, a *palavra-valise*, a *reduplicação* e a *derivação regressiva*. Resumidamente, cada um desses processos é tratado pela autora como se segue:

- a. Neologia *fonológica*: a criação de uma unidade lexical supõe que o significante seja totalmente inédito;
- b. Neologia *sintática*: a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico;
 - i. *derivação prefixal*: ao unir-se à base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe um novo significado;
 - ii. *derivação sufixal*: o sufixo, unido a uma base, atribui-lhe uma ideia acessória e pode alterar sua classe gramatical;
 - iii. *composição subordinativa*: uma relação de caráter determinante/determinado ou vice-versa ocorre entre os elementos da composição;
 - iv. *composição coordenativa*: ocorre a justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical;
 - v. *siglas e acrônimos*: o sintagma sofre uma redução e torna a comunicação mais simples e eficaz, além da possibilidade de originar outros neologismos;
 - vi. *composição sintagmática*: em um segmento frasal, os membros estão ligados morfológica e sintaticamente de tal forma a constituir uma única unidade léxica, em uma relação sintática; geralmente, estão ligados por preposição;
- c. Neologia *semântica*: ocorre uma alteração no conjunto de semas da unidade lexical, alterando seu campo semântico;
- d. Neologia *por empréstimo*: compreende as unidades lexicais provenientes de um idioma estrangeiro;
- e. *Conversão*: também denominada *derivação imprópria*, implica alterações na distribuição da unidade léxica sem que haja mudanças formais;
- f. Outros processos:
 - i. *truncação*: ocorre uma abreviação em que uma parte da sequência lexical, na maioria das vezes a última, é eliminada;
 - ii. *palavra-valise*: tipo de redução em que duas unidades lexicais são privados de seus elementos para formarem um novo: um perdendo sua parte final e o outro, a parte inicial;
 - iii. *reduplicação*: processo no qual a mesma base é repetida duas ou mais vezes;
 - iv. *derivação regressiva*: processo em que a formação lexical resulta da supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal.

Em 1997, Sablayrolles publicou o influente trabalho *Neologismes: une typologie des typologies*, em que avalia amplamente os enfoques de classificação de neologismos e a diversidade de tipologias propostas até então. A esse respeito, explica Manzanares:

Sablayrolles mostrou a supremacia dos procedimentos como critérios para o estabelecimento de tipologias de neologismos: mais de dois terços de quase cem tipologias que revisou fundamentam-se em procedimentos e um terço restante das tipologias apresenta fundamentos múltiplos; [...] Ao mesmo tempo, observou que as tipologias que se fundamentam na estrutura dos neologismos não se distanciam tanto das classificações por procedimentos, uma vez que simplesmente adotam um ponto de vista mais estático do que dinâmico, concentrando-se mais no resultado do que no processo (MANZANARES, 2009, p. 124)².

Nessa avaliação, Sablayrolles estabelece comparações entre as várias tipologias para chegar, em seguida, a sua própria proposta de tipologização, procurando constituir uma classificação completa e coerente a partir da integração de classes de tipologias que julga pertinentes. Em 2004, na sequência do referido estudo, essa primeira proposta é reelaborada, juntamente com Humbley e Béciri, no âmbito do projeto NEOFRAN (Observatório de Neologia do francês da França), resultando na seguinte tipologia:

² Sablayrolles ha mostrado la supremacía de los procedimientos como criterio para el establecimiento de tipologías de neologismos: mas de dos tercios de casi un centenar de tipologías que revisa se fundamentan en los procedimientos y el tercio de tipologías restantes presentan múltiples fundamentos [...]. Al mismo tiempo, observa que las tipologías que se fundamentan en la estructura de los neologismos no se alejan demasiado de las clasificaciones por procedimientos, pues simplemente adoptan un punto de vista mas estático que dinámico, fijándose en el resultado mas que en el proceso.

Quadro 1 – Proposta tipológica do grupo NEOFRAN.

matrizes internas	Morpho- sémantiques	Construc- tion	Affixation	préfixation	supertribun, antiOGM
				suffixation	vieillardisme
				dérivation inverse **	auditer, orater
				parasyntétique	antichiraquisme
		flexion **		ils closirent	
		Compo- sition	composition	voiture-bélier	
			synapsie **	grenelle des retraites	
	quasimorphème **		batracianophile		
	Imitation et déformation		onomatopée	dzoing	
			fausse coupe	a nesthésie	
			jeu graphique	peintresse	
			paronymie	infractus	
	Syntactico- sémantiques	Changement de fonction	conversion**	la glisse, la gagne	
			combinatoire syntactique/lexicale**	ça craint une passe de viande	
		Changement de sens	métaphore	souris (inform.)	
métonymie			transistor (poste) vinyle (disque)		
autres figures**			vrai-faux, escorteuse		
Morpho- logiques	Réduction de la forme	troncation	blème, petit déj		
		siglaison**	ECUE, LMD		
Pragmatique		détournement**	piège à jeune loup		
matrice externe		emprunt	break, cool		

Fonte: Sablayrolles; Humbley; Béciri (2004, *apud* CABRÉ, 2006, p. 245).

Ao comentar o resultado desse estudo, Cabré (2006, p. 247) aponta uma grande melhora com relação a propostas anteriores. No entanto, a autora levanta questionamentos em cinco pontos: (1) a distinção não clara entre processos morfossemânticos, sintático-semânticos e puramente morfológicos; (2) a disposição da conversão e da derivação inversa como grupos distintos; (3) a inclusão das formações sintagmáticas na composição; (4) a ausência de casos de lexicalização de formas flexionadas; e (5) a formação de uma sigla correspondente a um nome próprio como sendo um neologismo lexical.

Nesse sentido, a autora propõe uma classificação que denomina de “tipologização multivariante”. Nesta, cada neologismo teria um perfil geral no qual, para cada critério, “haveria um valor marcado, estipulado como positivo (+ presença de um valor) ou negativo (- ausência de valor) e um valor não marcado (0 irrelevância de um valor para um determinado tipo de neologismo)” (CABRÉ, 2006, p. 248). A proposta estrutura os seguintes campos principais:

- a) Variación gráfica/ fonológica, en los casos que no se trate de una variante ortográfica.
- b) Vía o proceso final por el que el neologismo entra en el uso lingüístico: creación/formación/préstamo.
 1. Creación: sí/-
 2. Formación: especificar tipo y subtipo
 - 2.1 Combinación
 - 2.1.1 Combinación morfológica
 - 2.2 Cambio
 - 2.2.1 Cambio gramatical
 - 2.3 Reducción
 - 2.4 Repetición
 - 2.4.1 Siglación
 - 2.4.2 Acronimia
 - 2.4.3 Abreviación
 - 2.5 Fijación o lexicalización
 3. Préstamo:
 - 3.1 Origen lingüístico: especificar lengua
 - 3.2 Procedente de lengua del mismo alfabeto/de distinto alfabeto: en el caso de préstamos de distinto alfabeto: transcripción/ transliteración/ mixto
 - 3.3 Préstamo directo/a través de otra lengua
 - 3.4 Adaptación a la lengua de acogida: sí/no
 - 3.5 Adaptación gráfica/fónica/morfológica
- c) Estructura interna: simple/construida (representación)
- d) Agente neológico: neologismo planificado/espontáneo

Assim, ao assumir que seria necessária uma nova revisão das classificações tipológicas de neologismos, Cabré chega a essa proposta, estruturada em quatro grandes pilares – variação do meio de expressão, processo linguístico, estrutura

interna e agente externo. Os neologismos não são categorizados sob um único critério, mas a eles é atribuído mais de um valor (positivo, negativo ou neutro); nisso consiste o caráter “multivariante” da tipologia. Mesmo com uma proposta inovadora, no entanto, a autora reconhece que se trata de um primeiro passo que visa a facilitar futuras discussões conjuntas.

3 Algumas considerações

Os pontos convergentes e divergentes explicitados pelos estudos das tipologias neológicas mostram que qualquer proposta será determinada e influenciada tanto por estudos anteriores quanto pelos princípios estabelecidos por cada autor e pela natureza de cada pesquisa. De fato, essa é uma tendência de toda classificação disposta em categorias.

De qualquer forma, é importante ressaltar que nenhuma criação neológica pode ser dissociada dos componentes pragmático e discursivo. Como bem esclarece Alves (2000, p. 105), “excetuando-se as formas onomatopaicas, todos os neologismos são criados no âmbito das sentenças e dos textos em que estas se inserem, ou seja, em um contexto pragmático”. Reconhecemos essa necessidade, em especial, em nosso atual projeto de pesquisa, que objetiva descrever o fenômeno da neologia em memes digitais. Parece imperativo, por causa da natureza das unidades em estudo, que se considerem os fatores pragmático e discursivo como inerentes à sua tipologização.

Os memes, por definição, são conceitos que funcionam em conjunto, ou seja, constituem grupos de significação: eles podem surgir a partir de um discurso político, um costume, um grande evento público, um fato inusitado, ou mesmo uma situação calamitosa – como uma pandemia; a partir dessa origem, um meme é criado, copiado com algumas modificações e reproduzido. Os memes manifestam o interesse da audiência digital em determinado momento e, nesse sentido, eles funcionam como ferramentas de comunicação das grandes massas, que só os reproduzem por causa da

imersão conjunta na situação e no contexto. A figura abaixo, por exemplo, faz parte do grupo de memes conhecido como “Segunda guerra memeeal”:

Figura 1 – Meme do grupo “Segunda guerra memeeal”.



Fonte: disponível em: <https://goo.gl/SpgQLX>.

A *primeira guerra memeeal* e a *segunda guerra memeeal* constituíram grupos de memes que representaram, em 2015 e 2016, respectivamente, uma “guerra” entre Brasil e Portugal e outra entre Brasil e Argentina. As “guerras”, protagonizadas por internautas no Twitter e estendidas ao Facebook e a alguns portais de notícias, consistiam em conflitos de memes criados pelos usuários para satirizar o país adversário. Em junho de 2018, “ecloidiu” a *terceira guerra memeeal*, novamente entre Brasil e Portugal, durante a Copa do Mundo daquele ano.

A expressão neológica “guerra memeeal”, por analogia a “guerra mundial”, pode, certamente, ser categorizada – e analisada – como neologia sintática (seguindo a tipologia de ALVES, 1994): *memeal* constitui-se de derivação sufixal pela junção com o sufixo formador de adjetivos –al à base *meme*. Entretanto, para além desta análise e classificação com base nos formantes morfossintáticos, não se pode deixar de apreciar o rico viés pragmático e discursivo da unidade neológica. As “guerras memeeais” mobilizaram milhares de usuários da cultura digital, e só “aconteceram” porque esses usuários compartilham de um conhecimento de mundo: a colonização, com Brasil e

Portugal, e a rivalidade esportiva, com Brasil e Argentina, que envolvem ideologia, história, manifestação de poder, conhecimento esportivo e político e, no caso do meme da Figura 1, conhecimento religioso.

Nesse sentido, os processos de formação das unidades lexicais descritos em quaisquer categorias irão, necessariamente, colocar em jogo as relações que os elementos neológicos mantêm não apenas entre si, mas com o sujeito e suas concepções históricas e culturais. Os neologismos, assim como os memes, são criações inerentes à originalidade de expressão do sujeito que os cria. Por essa razão, eles compreendem, como os outros elementos da linguagem, não apenas os mecanismos linguísticos os constituem, mas também os extralinguísticos – que constituirão, conseqüentemente, o fundamento de toda tipologização.

Referências bibliográficas

ADELSTEIN, A. Metodología de trabajo neológico y tipologías: aspectos de neología semántica. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (org.) **Neologia das línguas românicas**. São Paulo: Humanitas, 2015.

BOULANGER, J. C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. In: **Néologie et lexicologie**. Paris: Larousse, 1979. p. 36-46.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Tese (Livro-Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CABRÉ, M. T. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. **Alfa**, São Paulo, n. 50, v. 2, p. 229-250, 2006.

GUILBERT, L. Théorie du néologisme. **Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises**, vol. 25, p. 9-29, 1972. DOI <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>

JESUS, A. M. R. **Terminologia da Astronomia**: estudo da neologia e da variação. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MANZANARES, M. C. S. Procedimientos trópicos en la neología semántica: sistematicidad y creatividad. **Revista de Investigación Lingüística**, n. 12, p. 123-146, 2009.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? **Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie**, n. 28, p. 3-17, 1976.

SABLAYROLLES, J. F. Néologismes: une typologie des typologies. **Cahiers du CIEL**, p.11-48, 1997.

SABLAYROLLES, J. F. **La néologie en français contemporain**: examen du concept et analyse de productions neologiques recentes. Paris: Honore Champion, 2000.

Artigo recebido em: 04.04.2020

Artigo aprovado em: 12.05.2020

Composições com dois substantivos: o significado de seus elementos

Compounds with two nouns: the meaning of its elements

Denise Augusta PEREIRA*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é descrever as palavras compostas formadas por dois substantivos, observando a forma como são classificadas nas gramáticas tradicionais, bem como outras formas de classificá-las, segundo Sandmann (1997) e Alves (2004). Além disso, buscou-se classificar as palavras compostas quanto ao significado de seus dois elementos, visto que nas gramáticas tradicionais são classificados apenas quanto à constituição de suas classes gramaticais, sem dar explicações sobre o seu sentido. Foram analisadas, classificadas, definidas e agrupadas apenas palavras compostas formadas por dois substantivos extraídas da imprensa jornalística, disponíveis na Base de Neologismos constituída pelo Projeto TermNeo (disponível no site www.fflch.usp.br/dlcv/neo/). O trabalho concluiu que as palavras compostas podem ser classificadas de acordo com conceitos diferentes dos que aparecem nas gramáticas, propondo novas formas de observar esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Composição. Gramática. Neologismo.

ABSTRACT: The objective of this work is to describe the words composed by two nouns, observing the way they are classified in traditional grammars, as well as other ways to classify them, according to Sandmann (1997) and Alves (2004). In addition, we sought to classify the compound words according to the meaning of their two elements, since they are classified only according to the constitution of their grammatical classes in traditional grammars, without giving explanations about their meaning. Only words composed of two nouns, available from the journalistic press, were extracted, analyzed, classified, defined and grouped, available at the Neologisms Base, constituted by the TermNeo Project (available at www.fflch.usp.br/dlcv/neo/). The work concluded that the compound words can be classified according to different concepts from those that appear in the grammars, proposing new ways to observe this phenomenon.

KEYWORDS: Composition. Grammar. Neologism.

* Graduada em Letras, UFGD. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4978-9148>. deniseaugustapereira@gmail.com

1 Introdução

Neste artigo, será feito um estudo morfológico e semântico da composição, descrevendo a forma como são apresentadas as palavras compostas formadas por dois substantivos.

Nas gramáticas da língua portuguesa (por exemplo, CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2009), os processos de formação de palavras são classificados em derivação (subdividida em prefixação, sufixação, parassíntese, derivação imprópria e regressiva) e composição (subdividida em justaposição e aglutinação).

As palavras compostas são observadas de acordo com a sua forma, sendo rara a consideração do significado de seus dois elementos; estes, por vezes, são divididos em termo determinado, o que contém a ideia geral; e termo determinante, o que encerra a noção particular; o determinante pode tanto preceder o determinado como vir depois.

Neste estudo, faremos uma averiguação da forma como são apresentadas as palavras compostas abordando seus dois elementos; em contraste, selecionaremos outras formas de classificar esses elementos de acordo com o seu significado, além de defini-los e agrupá-los, podendo finalmente afirmar que a classificação de novas palavras, neste caso, as palavras compostas, pode ser renovada e inovada.

2 Classificação das composições nas gramáticas

Os processos de formação de palavras podem acontecer por derivação ou por composição; a derivação é assim classificada por Cunha e Cintra (1985):

DERIVAÇÃO PREFIXAL Os PREFIXOS são mais independentes que os sufixos, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua (p. 83).

DERIVAÇÃO SUFIXAL Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL formam-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em mente) (p. 87).

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA [...] Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS (p. 101).

DERIVAÇÃO REGRESSIVA [...] Consiste na redução da palavra derivante (p. 102).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma (p. 103).

Em relação à composição, ainda segundo Cunha e Cintra (1985): “Quanto à FORMA, os elementos compostos podem estar” (p. 104):

(a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor, segunda-feira, bem-me-quer, chapéu-de-sol, madrepérola, passatempo.

(b) intimamente unidos por se ter perdido a idéia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica. aguardente (água + ardente), embora (em + boa + hora), penalta (perna + alta), viandante (via + andante). (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 104)

E, em trecho mais adiante:

Quanto ao sentido, distingue-se o elemento DETERMINADO que contenha a idéia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em escola-modelo, o termo escola é o DETERMINADO e modelo o DETERMINANTE. Em mãe-pátria, ao inverso, mãe é o DETERMINANTE, e pátria o DETERMINADO. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 105).

Bechara (2009) aponta que “A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si” (p. 355), e a classifica, de acordo com a classe dos Substantivos + Substantivos, em:

Coordenadas, quando há sequência de coordenação de seu elemento: 1- o determinante precede: mãe-pátria, papel-moeda; 2- o determinante vem depois: peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor"; Subordinadas, quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: arco-íris, estrada de ferro, pão de ló." (BECHARA, 2009, p. 355).

BECHARA (2009, p. 356) observa: "neste tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo". Considera possível também:

a) Omissão da preposição de, como arco-íris (por arco da íris, Íris sendo um nome mitológico), porco-espinho (=porco de espinho), beira-mar (=beira do mar), pontapé (=ponta do pé);

b) Quando o gênero ou o número do segundo elemento diverge do primeiro, dando-se muitas vezes a concordância por influência deste: pedra-raia (por pedra de raio), bolo-rei (por bolo de Reis [Magos]), sete-estrela (por sete estrelas).

3 Outras formas de classificar a composição segundo Sandmann (2007)

Sandman (2007, p.40-1), ao abordar a composição, especifica que os compostos formados por classes de palavras diferentes são sempre de estrutura binária; neles, há um elemento que é o principal, o núcleo, e um elemento que é o especificador, o adjunto, classificando-os como determinativos ou subordinativos. O autor ressalta que, nos compostos pertencentes à mesma classe, formados por dois adjetivos ou dois substantivos, os elementos formados por coordenação são chamados de compostos coordenativos ou copulativos; o autor assim conceitua:

a) Nos compostos de S+S coordenativos temos uma entidade que é duas ou mais coisas ao mesmo tempo e em igualdade de condições: alguém é cantor-compositor, copeira-faxineira, uma dependência da casa é copa-cozinha, como podemos ter um

bar-restaurante e uma meia-calça, sendo que alguém pode ser cantor-compositor-autor, o que mostra que a estrutura não é binária;

b) Nos compostos de S+S subordinativos ou determinativos, a estrutura é necessariamente binária; por exemplo, trem-bala, samba-enredo, em que trem e samba são os núcleos especificados, respectivamente, por bala e enredo. Nos exemplos que acabamos de apresentar, ocorre a sequência DM(determinado)-DT(determinante), sendo que podemos ter também a sequência DT-DM: videolocadora, cineclube, em que temos uma locadora e um clube especificados por vídeo e cine, respectivamente.

Sandmann (2007, p. 42) também observa em seus estudos as classificações em compostos metafóricos e metonímicos, exocêntricos e endocêntricos, que não são apresentadas nas gramáticas, e as define:

a) Compostos metafóricos, quando o fundamento de se aplicar o significante de um signo linguístico a outro referente repousa na semelhança entre os referentes; em outras palavras, há uma transferência baseada na semelhança: é o caso de copo-de-leite “flor”, perna-de-moça “tipo de pescada”, pente-fino “operação policial”;

b) Compostos metonímicos, quando o significante de um signo linguístico passa a ser aplicado a outro referente do nosso universo com fundamento na contiguidade ou na coocorrência espaço-temporal dos referentes; dito de outra maneira, quando a transferência se dá na contiguidade física: (Ele come) boia-fria = (Ele é um) boia-fria, (Ele tem) cara pálida/pele vermelha;

c) Compostos exocêntricos, como viúva-negra “tipo de aranha caranguejeira”; a motivação é mesmo direta, pois o referente não é literalmente uma viúva, mas uma aranha;

d) Compostos endocêntricos, como ataque-relâmpago, em que temos em primeiro lugar um ataque, palavra que forma o núcleo do composto.

4 Outras formas de classificar a composição segundo Alves (2004)

Alves (2004, p. 41-44) trabalha com processos de formação de palavras que contribuem para a renovação e ampliação de novos vocábulos (neologismos), processos estes em que muitas vezes é preciso considerar não apenas o contexto, o enunciado, mas até mesmo o sentido. Ela aborda neologismos formados por composição e classifica as palavras compostas em coordenativas e subordinativas. A autora trabalha também com os conceitos de composição sintagmática e acronímica, que constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical. Neste texto não vamos tratar da composição sintagmática e acronímica.

A respeito das palavras compostas coordenativas, reforça: “A função sintática de coordenação é exercida pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical. Processa-se sempre entre bases que possuem a mesma distribuição” (p. 44) e, mais adiante, defende que “De maneira análoga à coordenação adjetiva, dois ou mais substantivos, justapostos e coordenados, formam um novo item léxico substantival. Exemplo outono-inverno [...]” (p. 45).

Já nas compostas subordinativas, destaca que:

A relação subordinativa revela-se entre dois substantivos, em que o primeiro exerce o papel de determinado e o segundo, de determinante. Em outras palavras, a base determinada constitui um elemento genérico, ao qual o determinante acresce uma especificação, característica da classe adjetival, enredos-denúncias...; [...] operação desmonte [...]; [...] político-galã [...] (ALVES, 2004, p. 41).

Compreendeu-se, ao analisar estes processos de formação de palavras por composição, que as classificações contidas nas gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009) apresentam apenas a que classe de palavras a que os elementos pertencem, sem se referir ao seu sentido, sendo possível mostrar, segundo Sandmann (1997) e Alves (2004), que existem outras formas de classificá-las, defini-las e agrupá-las quanto ao sentido.

Pode-se surpreendentemente observar que Bechara, ao classificar as palavras compostas por coordenação, as conceituou de forma diferente dos outros autores aqui mencionados. Enquanto Sandmann e Alves classificaram as palavras compostas por bases determinadas/determinantes ou determinantes/determinadas como compostas subordinadas, Bechara as classifica como compostas coordenadas. É possível contestá-lo com esta citação de Alves:

Os compostos adjetivais e substantivais citados, justapostos e coordenados, não manifestam relação de subordinação do tipo determinado/determinante. As bases que compõem a nova unidade lexical desempenham a mesma função que a do elemento recém-formado e associam-se copulativamente a fim de formarem esse neologismo (ALVES, 2004, p. 45).

5 Análise dos dados

Os dados analisados foram extraídos da Base de Neologismos constituída pelo Projeto TermNeo (disponível no *site* www.fflch.usp.br/dlc/neo/). Trata-se de palavras extraídas da imprensa jornalística e que não são registradas nos principais dicionários da língua portuguesa.

Nesta análise descrevemos apenas as palavras compostas formadas por dois substantivos, na tentativa de encontrar uma forma de classificá-las quanto ao significado de seus dois elementos. Ao todo, foram selecionadas 27 palavras compostas.

5.1 Classificações das palavras compostas de acordo com o significado de seus dois elementos como aparecem nas gramáticas de Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009) e em Sandmann (2007) e Alves (2004)

CUNHA E CINTRA	SANDMANN / ALVES
----------------	------------------

PALAVRA COMPOSTA	TERMO DETERMINADO	TERMO DETERMINANTE	COMPOSTOS POR COORDENAÇÃO (COORDENATIVOS)	COMPOSTOS POR SUBORDINAÇÃO (DETERMINATIVOS)	COMPOSTOS METAFÓRICOS/METONÍMICOS	COMPOSTOS ENDOCÊNTRICOS	COMPOSTOS EXOCÊNTRICOS
Abono-família	abono	família		×		×	
Bairro-cota	bairro	cota		×		×	
Adolescente-velho			×			×	
Público-objeto	público	objeto		×		×	
Candidato-sabonete	candidato	sabonete		×	×	×	
Capitão-médico			×			×	
Amigo-jogador			×			×	
Cidadão-cliente			×			×	
Redator-ator			×			×	
Protagonista-narrador			×			×	
Bispo-artista			×			×	
Situação-limite	situação	limite		×		×	
Sexoturismo	turismo	sexo		×		×	
Sessão-notícia	sessão	notícia		×		×	
Amor-paixão	amor	paixão		×		×	
Salário-horário	salário	horário		×		×	
Checklivro	check	livro		×		×	
Tiquete-alimentação	tiquete	alimentação		×		×	
Aeroporto-shopping Center			×			×	
Livros-brinquedo	livros	brinquedo		×		×	
Livro-bomba			×			×	
Romance-relógio	romance	relógio		×		×	
Trem-bala	trem	bala		×	×	×	
Carro-pipa	carro	pipa		×		×	

Caminhão-guincho	caminhão	guincho		×		×	
Substância-chave	substância	chave		×		×	
Cabra-aranha				×			×

5.2 Definições das palavras compostas analisadas

Foram elaboradas definições para as palavras analisadas, de modo que fiquem explícitas as relações entre os elementos formadores das palavras compostas.

Abono-família = Abono para a família.

Bairro-cota = Bairro que tem aspectos que o beneficiem a ter uma determinada cota.

Adolescente-velho = Adolescente que pensa ou age como uma pessoa bem mais velha.

Público-objeto = O público que é objeto de alguma ação.

Candidato-sabonete = Candidato que se sai bem em perguntas do horário político da TV, deslizando nas respostas como sabonete. Pode-se dizer que o candidato é liso como sabonete, no sentido metafórico, mas não se pode dizer que ele tem características físicas de um sabonete ou se parece fisicamente com um sabonete.

Capitão-médico = Indivíduo que é ao mesmo tempo capitão e médico. Capitão e médico são qualidades do mesmo indivíduo.

Amigo-jogador = Indivíduo que é ao mesmo tempo amigo e jogador.

Cidadão-cliente = Indivíduo que é ao mesmo tempo cidadão e cliente.

Redator-ator = Indivíduo que é ao mesmo tempo redator e ator.

Protagonista-narrador = Indivíduo que é ao mesmo tempo protagonista e narrador.

Bispo-artista = Indivíduo que é ao mesmo tempo bispo e artista.

Situação-limite = Situação que está no limite de algo.

Sexoturismo = Turismo sexual.

Sessão-notícia = Sessão (de um jornal) dedicada a notícias.

Amor-paixão = Tipo de amor em que se enfatiza a paixão.

Salário-horário = Salário que é pago por hora.

Checklivro = Cheque específico para compra de livros.

Tique-alimentação = Um tíquete específico para se obter uma alimentação.

Aeroporto-shopping Center = Edifício que tem as funções de aeroporto e de shopping center.

Livro-brinquedo = Livro em forma de brinquedo.

Livro-bomba = Bomba em forma de livro.

Romance-relógio = Romance que tem o tempo marcado no relógio.

Trem-bala = Trem que percorre o seu percurso em alta velocidade, como uma bala.

Carro-pipa = carro que tem características de uma pipa.

Caminhão-guincho = caminhão que serve para guinchar.

Substância-chave = substância que é o elemento principal em uma mistura química.

Cabra-aranha = célula que contém o DNA de cabra e de aranha.

Algumas das palavras compostas analisadas têm significado semelhante e podem ser agrupadas de acordo com o sentido de seus elementos. Alguns exemplos:

Uma pessoa que tem duas qualidades: bispo-artista, protagonista-narrador, redator-ator, cidadão-cliente, amigo-jogador, capitão-médico, adolescente-velho;

Um local que tem duas funções é: sessão-notícia, aeroporto-shopping center;

Um objeto que possui duas funções: livro-bomba, livros-brinquedo, caminhão-guincho;

Um objeto que possui dois valores: tíquete-alimentação, checklivro.

6 Considerações finais

Este trabalho teve o intuito de mostrar que a classificação gramatical pode ser inovada, visto que as novas classificações aqui enumeradas não são observadas nas gramáticas. No caso das palavras compostas, percebeu-se que estas são

frequentemente utilizadas nos meios de comunicação, estando também presentes nos dizeres e jargões populares, renovando-se a cada dia; a prova disto são as outras formas de observar estes fenômenos enumerados por Sandman e Alves e as definições aqui criadas para as palavras analisadas.

Referências

ALVES, I. M. Neologismo. **Criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004a.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Artigo recebido em: 13.05.2019

Artigo aprovado em: 11.10.2019

Memos: a ostentação de neologismos e uma ferramenta de ensino

Memos: the ostentation of neologisms and a teaching tool

*Leticia Pena SILVEIRA**

RESUMO: Este artigo teve como objetivo investigar a existência de neologismos em memes, textos predominantes em ambientes cibernéticos. Analisaram-se os neologismos baseando-se na Neologia, que compreende, segundo Ferraz (2010), três tipos: a neologia formal, a neologia semântica e a neologia por empréstimos. Utilizou-se o critério lexicográfico, em que foram selecionadas quatro obras para a exclusão do termo: Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Caldas Aulete Digital. Ao fim da pesquisa, verificou-se que os neologismos são interessantes ferramentas de ensino nas aulas de língua portuguesa, visto que confirmam o domínio do falante da língua em relação aos processos de formação de palavras. Ademais, o ensino por meio da exploração dos neologismos em memes pode possibilitar um desenvolvimento da competência criativa e, principalmente, lexical do falante.

PALAVRAS-CHAVE: Memos. Neologismos. Neologia. Ferramenta de ensino. Desenvolvimento da competência lexical.

ABSTRACT: This article aimed to investigate the existence of neologisms in memes, texts that are predominant in cyber environments. Neologisms were analyzed based on Neology, which, according to Ferraz (2010), comprises three types, formal neology, semantic neology and loan neology. It was used the lexicographic criterion, on which four books were selected: Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Caldas Aulete Digital. At the end of this research, it was found that neologisms are important and interesting teaching tools in Portuguese Language classes, since they confirm the language speaker's mastery of word formation process. Furthermore, teaching through the exploration of neologisms in memes can enable the development of the speaker's creative and, especially, lexical competence.

KEYWORDS: Memos. Neologisms. Neology. Teaching tool. Development of lexical competence.

* Especialista em revisão de texto. UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1194-3437>. leticiapenasilveira@hotmail.com

1 Introdução

No dia 8 de julho de 2014, acontecia o que ficou conhecido como Mineiraço, a inesquecível partida entre Brasil e Alemanha para a Copa do Mundo, no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte. Esse episódio ficou marcado na memória do futebol, não só brasileiro, mas mundial, devido ao desempenho dos atletas da equipe brasileira e ao placar final, 7 a 1 para a seleção europeia. Logo após esse acontecido, milhares de imagens, dos mais variados tipos, foram criadas por usuários da internet baseadas nos momentos da partida. A maior parte delas continha tom paródico, utilizando imagens de jogadores, do técnico Felipão, da presidente (na época, Dilma Rousseff) e de qualquer outra representação que fizesse sentido para a ideia de que se desejava caçar. Essas manifestações foram multiplicadas e reproduzidas ao longo dos dias de uma forma rápida e dinâmica, alcançando grandes distâncias, graças à sua disseminação por meio das redes sociais.

Nesse contexto, as redes sociais se tornaram hoje um universo onde é possível a livre criação e a liberdade de expressão, em todos os sentidos. Assim, o que é postado lá se reproduz facilmente, como acontece com os memes – muito encontrados no ambiente das mídias digitais. Segundo Silva (2012),

memes de internet são todo tipo de ideia que se propaga rapidamente, geralmente manifestado por expressões; desenhos padronizados (...) que, dentro de algum contexto, abruptamente se tornaram populares na internet e ganharam valores simbólicos para representar alguma situação ou sentimento, de modo lúdico. Há diversos deles, cada um com seu valor e função (p. 131).

O termo meme foi cunhado pelo cientista britânico Richard Dawkins, em “O gene egoísta” (DAWKINS, 1976), referindo-se à mimema, que significa “imitação”. Nesse sentido, mediante a comparação com um gene, que propaga suas características em uma disputa constante por espaço, Dawkins criou um conceito para a difusão de

ideias por material “memético”, ou seja, por imitação e por replicação constante de si mesmas. Para ele, ideias mais adequadas ao momento e às condições tenderiam a se disseminar, a se expandir e a se reproduzir em grande escala, ao mesmo tempo em que outras ideias seriam abandonadas e desapareceriam.

Aplicando essas questões ao episódio na Copa do Mundo de 2014, percebe-se que, enquanto o contexto da partida se fazia presente, a chuva de memes era constante. Hoje, porém, depois de cinco anos, de outra Copa do Mundo e de outros acontecimentos marcantes na sociedade brasileira, novos memes com novas abordagens ganharam espaço, e aqueles sobre tal evento esportivo foram abandonados – alguns até mesmo desapareceram –, corroborando a ideia de Dawkins. Para ilustrar o que foi mencionado até então, a seguir encontram-se alguns famosos memes no ano de 2014:

Figura 1 – Memes divulgados no período da Copa do Mundo 2014.



Fonte: consultar nota de rodapé.

¹ Neymar, na partida do 7 a 1, não esteve em campo por ter sofrido uma lesão em jogos anteriores. Imagem disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tres-anos-do-7x1-relembre-os-memes-da-derrota-do-brasil-na-copa/>. Acesso em: 21 maio 2019.

² Felipão, técnico da seleção brasileira em 2014, fantasiado da Bruxa do 71, personagem da série Chaves, fazendo alusão, pois, ao placar da partida. Imagem disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/07/13-memes-para-relembrar-derrota-do-7x1-na-copa.html>. Acesso em: 21 maio 2019.

³ Paródia da Presidente Dilma Rousseff referente ao desastre na partida com a Alemanha. Imagem disponível em: <https://www.lance.com.br/humor-esportivo/vai-ter-volta-relembre-melhores-memes-fatidico.html>. Acesso em: 21 maio 2019.

A popularização dos memes nas redes sociais, principalmente entre os jovens, pode ser creditada, primordialmente, à facilidade de criação, já que existem sites em que qualquer pessoa pode criar um meme. Além disso, é importante salientar as características de fácil reprodução e de rápida decodificação. Por fim, o mais interessante a ser observado em relação a essas produções é a capacidade criativa em que estão envolvidas. Nelas, a possibilidade de uso da língua é infinita, o que proporciona o aparecimento de uma diversidade enorme de sentidos e de itens lexicais, inclusive de neologismos.

Entende-se por neologismos os elementos resultantes da neologia lexical, que diz respeito ao fenômeno responsável pela formação de palavras novas e que compreende três mecanismos: a neologia formal, a neologia semântica e a neologia de empréstimos. Dessa forma, um neologismo equivale a uma unidade léxica que é sentida como nova pela comunidade linguística (REY, 1976). Ferraz (2010a, p. 37) salienta ainda que os neologismos surgem nos discursos oral e escrito e que, apesar da possibilidade de a efemeridade dificultar que as criações lexicais sejam recebidas na língua, a frequência de uso “dos neologismos faz com que, gradativamente, a sensação de novidade lexical vá se perdendo até que naturalmente as unidades passem a integrar o conjunto das unidades memorizadas”.

É fato que pouco se fala sobre o léxico nas aulas de língua portuguesa. Há pouco os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), começaram a se preocupar com a integração desse conteúdo aos currículos da escola básica do Brasil. Trabalhos como o de Liska (2017) já chamam a atenção para essa tomada de atitude, também percebida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Nesse sentido, essa questão é de importante discussão, tendo em vista que o estudo de neologismos pode favorecer o desenvolvimento da competência lexical do corpo discente, uma vez que colabora para a ampliação do léxico mental do falante e para a capacidade de formar novas unidades consideradas aceitáveis no sistema. Faz-se,

assim, imprescindível o ensino do léxico, visto que é a condição fundamental para desenvolver no aluno habilidades de compreensão e de produção textual.

Dessa forma, com base em uma observação realizada em redes sociais – ambientes em que os memes se fazem mais presentes –, foi percebida uma quantidade significativa de uso de itens lexicais considerados recentes, ou novos, na língua portuguesa. Diante disso, faz-se interessante o estudo desses memes para que seja possível a investigação da existência ou não de neologismos nesses textos. Acredita-se que esses sejam um lugar de frequente uso, logo, de constante propagação – e até mesmo de produção – de novos itens lexicais que podem ser, posteriormente, incluídos em dicionários devido a diversos fatores, como a constância de uso.

Diante dos neologismos encontrados, objetiva-se, primeiramente, analisá-los pela perspectiva da teoria da neologia, que compreende, como já falado, a neologia formal, a semântica e a de empréstimos. Ademais, tendo em vista que os alunos hoje em dia estão imersos nas redes sociais, afirma-se que eles têm contato com memes de forma recorrente. Logo, secundariamente, almeja-se defender a ideia de que os memes seriam importantes e interessantes ferramentas para se ensinar o léxico em sala de aula, tanto por desenvolver a competência lexical, quanto a criatividade. Dessa forma, este trabalho estaria, por fim, contribuindo para o campo da Linguística Aplicada.

Este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, encontra-se uma breve consideração teórica acerca da neologia, especificando cada tipo. Em seguida, é apresentada a metodologia, em que se expõem os critérios de seleção e de análise de memes e dos itens lexicais selecionados. Em terceiro plano, tem-se a análise e a discussão dos dados e, por fim, as considerações finais.

2 Pressupostos teóricos

A mudança linguística é uma característica intrínseca de toda e qualquer língua viva no mundo, sendo, dessa forma, a renovação que confere a vitalidade da língua. A

mudança atinge todos os componentes do conhecimento linguístico, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática e, também, o nível lexical. Nesse sentido, pode-se considerar que o fato de alguns itens lexicais caírem em desuso e outros aparecerem na língua de forma dinâmica são sim registros de mudança da língua. Dessa forma, faz-se presente a neologia, termo referente à capacidade de renovação lexical de uma língua pela obsolescência ou pela incorporação de termos – estes, os neologismos. Tal fenômeno compreende três mecanismos: a neologia formal, a neologia semântica e a neologia de empréstimos.

2.1 Neologia Formal

Entende-se por neologia formal aquele processo em que a invenção de uma unidade léxica se faz fundamentada em padrões de formação e de estruturação já existentes na língua. Assim, são utilizados aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos para a formação de novas palavras, como a combinação de morfemas – prefixação e sufixação, por exemplo. Nesse sentido, Ferraz (2010, p. 262) afirma que se identifica o neologismo formal “como um produto que resulta dos processos de formação de palavras”. Entre os tipos dessa neologia, têm-se a prefixação, a sufixação, a composição, a composição sintagmática, a conversão sintática, a siglagem, a acronímia, a reduplicação, o truncamento, a variação gráfica e o cruzamento lexical. Focar-se-á aqui somente naqueles que interessam para a análise do *corpus*.

2.1.1 Prefixação

A formação de palavras por derivação diz respeito ao processo pelo qual se obtém uma palavra nova, chamada derivada, baseada em outra já existente, a primitiva, por meio da combinação de morfemas. No caso da prefixação, acontece a

inserção de um prefixo à base existente, formando, assim, um novo item lexical na língua em questão, que pode ter valor substantivo ou adjetivo.

Como exemplo, Ferraz (2010), ao analisar neologismos presentes em publicidade, traz o item megaportal, em que o prefixo mega- é acrescido à base portal, resultando, pois, em um novo item lexical.

2.1.2 Sufixação

O processo de sufixação, também inserido na derivação, ocorre quando se acrescenta um sufixo à base. Nesse caso, ocorre uma interação dinâmica entre esses elementos, tendo em vista os aspectos morfológicos e semânticos. Também ilustrado por Ferraz (2010), têm-se os termos jipeiro e disqueteira, encontrados em textos publicitários.

2.1.3 Cruzamento lexical

Nesse processo de formação de neologismos, o que se observa é a aglutinação de duas bases, “quando estas perdem parte de seus elementos para formarem uma nova unidade lexical, através da mesclagem lexical de palavras já existentes” (FERRAZ, 2010, p. 269-270). Esse autor encontrou em seu *corpus* exemplos como odontomóvel e investfone.

2.2 Neologia Semântica

A neologia semântica diz respeito à mudança de significado, em um determinado contexto, de uma forma lexical já dicionarizada, transformando-a, assim, em um neologismo, com a possibilidade de ocorrer em outra situação de uso. De acordo com Ferraz (2010), esses neologismos se dividem em metonímicos e

metafóricos. Os primeiros dizem respeito à tomada da parte pelo todo (1), enquanto o segundo refere-se à atribuição de sentido da palavra usada ao sentido que se deseja obter (2).

(1) Responda logo e corra o risco de sair de chave nova⁴.

(2) Para você, é só um cartucho alternativo. Para sua impressora, é terrorismo.

Em (1), o termo chave refere-se ao todo automóvel. Já em (2), o sentido negativo atribuído à palavra terrorismo é concedido a um cartucho sem qualidade atestada. Assim, percebe-se a mudança de sentido dessas palavras quando são utilizadas em outros contextos.

Neologia por empréstimo

A neologia de empréstimo diz respeito à adoção de um estrangeirismo lexical de um sistema linguístico por outro, que pode ou não sofrer adaptações quando é utilizado em um novo idioma. É importante salientar os dois principais fatores que desencadeiam esse processo, o contato linguístico e o prestígio social de uma língua, como ocorre com o inglês contemporaneamente. Além disso, como menciona Contiero e Ferraz (2014, p. 52), alguns termos estrangeiros em geral podem se

manifestar como produto de um modismo, de uma necessidade de nomear um novo objeto ou conceito, mas ainda pode emergir a partir de uma criatividade linguística que o falante exerce sobre esses elementos da língua, como é o caso do termo *tuítar*, (...) que, apesar de não estar dicionarizado, já faz parte dos discursos orais e escritos, uma verdadeira invenção lexical brasileira, mostrando, mais uma vez, a

⁴ Exemplos retirados de Ferraz (2010).

dinamicidade e produtividade lexical da nossa língua (CONTIERO; FERRAZ, 2014, p. 53).

Aqui, analisar-se-á a primeira fase desse processo, em que o elemento lexical importado não é sentido como parte integrante da língua.

3. Metodologia

A seleção do *corpus* para análise neste artigo foi feita por meio da utilização das redes sociais, por se considerar que essas são, como já falado, ambientes propícios para o aparecimento e a propagação de memes. Nesse sentido, foram utilizadas as redes sociais Instagram e Facebook, duas das mais populares e acessadas por adolescentes em processo de formação na educação escolar básica. Nelas, sabe-se da existência de perfis que são criados por terceiros com o intuito primário de entreter por meio da publicação de memes. Essas postagens têm a possibilidade de serem compartilhadas por outras pessoas, aumentando ainda mais a chance de propagação do que é criado.

Após o acesso às redes sociais, buscaram-se memes que continham itens lexicais inovadores e atuais, de uso constante. Encontraram-se memes desse tipo em cinco perfis, sendo eles: @oemputecido, @ironicadisney, @tricotei, @sobreex e @pensadorsincero. Essas páginas são seguidas por muitos inscritos nas redes sociais, por isso apresentam muitas curtidas, fato que faz com que as postagens apareçam em outros perfis, de interesses semelhantes, devido aos algoritmos presentes no universo cibernético. Assim, foram analisados 11 memes, logo, 11 itens lexicais serão examinados aqui.

Para a verificação dos itens lexicais, foi utilizado o critério lexicográfico. Segundo Ferraz (2010a), por meio desse critério,

considera-se neologismo aquele item lexical que não se encontra registrado em nenhuma das obras de um *corpus* lexicográfico de

exclusão. De modo que se o candidato a neologismo encontra-se atestado em algum dos dicionários que compõem o *corpus* de exclusão, deixa de ser objeto de análise, por se considerar que este já tenha perdido o estatuto de unidade lexical nova (FERRAZ, 2010a, p. 37).

Assim, comprovou-se aqui a aparição de unidades lexicais numa seleção de obras lexicográficas da língua para que se pudesse excluir as unidades que não são consideradas ainda partes integrantes da língua portuguesa. Os trabalhos selecionados para compor o *corpus* de exclusão foram:

- a) Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa: modalidade virtual, que contém 381.000 verbetes.
- b) Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: modalidade virtual, que conta com cerca de 133.000 entradas lexicais.
- c) O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: versão 5.0, 2004, que contém 435 mil verbetes.
- d) Caldas Aulete Digital: mais de 818 mil verbetes.

4. Resultados

A seguir, encontram-se os itens lexicais que foram destacados dos memes retirados das redes sociais, que são adicionados a este trabalho no Anexo. A análise está dividida de acordo com o tipo de formação neológica.

4.1 Neologia Formal

4.1.1 Neologismo por prefixação

Entre os itens lexicais classificados como neologismo por prefixação, foram encontrados dois exemplos no *corpus* formado, sendo que ambas as palavras foram aprovadas no critério lexicográfico:

Figura 2 – Grupo de memes para neologismo por prefixação.



Fontes: disponível nos perfis de Instagram @oemputecido e @ironicadisney

- (1) Feio não. Desbonito.
- (2) Sofro de ansiedade pré-nada.

Em (1), a palavra desbonito foi formada pelo acréscimo do morfema des- à base bonito, criando uma palavra antes inexistente no português. Devido ao léxico virtual, o falante nativo de língua portuguesa conhece as possibilidades de formação de palavras; logo, sabendo do significado de negação que envolve o prefixo des-, adquirido, dentre outras formas, por analogia a outras palavras, como fazer/desfazer, o falante consegue atribuir esse sentido ao item bonito, cuja acepção oposta aproximaria-se à de feio, e não desbonito, como fora criado. Porém, percebe-se que a necessidade de nomear uma palavra que se encontre no meio termo, entre bonito e feio, fez com que fosse criada a unidade em análise, o que é percebido, inclusive, pela negação elaborada no próprio meme: Feio não. Desbonito.

O mesmo ocorre em (2), em que a unidade lexical pré-nada é formada também pelo acréscimo do prefixo pré-. Ansiedade está relacionada ao sentimento de angústia causada por um receio ou medo de algo que ainda está por vir. Assim, combinando

essa ideia com a carregada pelo prefixo pré-, que significa antes de, o texto do meme ressalta a angústia a, nesse caso, algo sem motivo, sem razão; a ansiedade é, pois, pré-nada. É interessante chamar atenção aqui para a presença do hífen, comprovando ainda mais o fato de que o falante domina as regras de formação de palavras na língua. No caso da prefixação, os dois neologismos têm valor adjetival.

4.1.2 Neologismo por sufixação

No *corpus*, a formação de neologismos por sufixação se mostrou bastante produtiva. Foram encontrados quatro itens:

Figura 3 – Grupo de memes para neologismo por sufixação.



Fonte: disponível nos perfis de Instagram de @guiacme e @instasurreal.

- (3) Chegou a falsiane.
- (4) Keep Calm and Topzera.
- (5) Pela glória do Altíssimo, gourmetizaram o tênis do patati patatá.
- (6) Sextou com s de sem money irmã.

Em (3), temos a palavra falsiane, que é formada pelo acréscimo do elemento com função sufixal -ane à base do adjetivo falso, transformando, dessa forma, o adjetivo em um substantivo para se referir à pessoa – quase sempre mulher – que tem como característica mais marcante a de ser falsa. Assim, não basta para o falante dizer “chegou a pessoa falsa”; é preciso reforçar a característica em destaque e identificar

aquela pessoa por sua característica mais marcante. Ela é denominada, dessa forma, como falsiane.

No caso (4) e (5), temos pontos interessantes a serem destacados. As expressões *topzera* e *gourmetizaram* também se configuram como neologismos por sufixação, uma vez que se observa a adição do elemento com função sufixal *-zera* e das desinências do verbo *-aram*. O que chama a atenção aqui, porém, é o fato de que as bases *top* e *gourmet* são empréstimos, uma vez que vêm do inglês e do francês, respectivamente. Após seu reconhecimento como palavras presentes no vocabulário do português e sua inclusão nos dicionários, deixaram de ser neologismos. Os dicionários Priberam, Caldas Aulete e o Volp contam com a entrada *top*, e a palavra *gourmet* aparece nas quatro obras analisadas. Depois de receberem os elementos em função sufixal e se transformarem em outros itens lexicais, um adjetivo e um verbo, configuraram-se como neologismos constituídos por elementos em função sufixal.

Por fim, em (6), observa-se a palavra *sextou*, que é formada pelo acréscimo da desinência indicativa de verbo *-ar* (no pretérito perfeito *-ou*) à base *sexta*, substantivo. Nesse sentido, a palavra que originalmente era um substantivo ganhou status de verbo por necessidade de o falante expressar que, quando chega a sexta-feira, é hora de festejar, agir, divertir-se, ser feliz. Por isso, *sextar* foi criado devido a uma necessidade do falante, sendo, ainda, um neologismo.

4.1.3 Neologismo por cruzamento lexical por hibridismo

Não muito produtivo quanto os outros tipos, o neologismo por cruzamento lexical por hibridismo apareceu em apenas um caso:

Figura 4 – Meme para neologismo por cruzamento lexical.



Fonte: disponível no perfil de Instagram @geradormemes.

(7) Quando o crush é bolsominion.

Aqui, percebemos a união de duas bases, bolso + minion. A primeira base, que sofre alteração, vem do nome próprio do atual presidente da República Jair Bolsonaro, que foi apelidado durante sua campanha eleitoral como Bolso. Além disso, aparece, na outra base, o estrangeirismo minion. Ele vem do inglês e significa “capanga”, “criado”, “servo”, ideia que foi ilustrada no filme *Minions*, em que os seres amarelos milenares têm uma missão: servir os maiores vilões. Nessa perspectiva, os opositores do governo de Bolsonaro nomearam aqueles que são a favor do presidente como bolsominion, por necessidade de dar-lhes nome. Dessa forma, um bolsominion seria aquela pessoa que é servo, criado de Bolsonaro, aquele que o apoia e a todas as suas ações. Nesse caso, considera-se cruzamento lexical por hibridismo pelo fato de haver a junção de uma palavra do vernáculo e outra do inglês.

4.2 Neologismo semântico

Quando a palavra já é dicionarizada, porém o sentido se altera quando usada em outro contexto, tem-se o neologismo semântico. No *corpus*, encontrou-se um exemplo:

Figura 5 – Meme para neologismo semântico.



já vi mulher fazer de tudo, mas pegar dois
do mesmo bonde nunca kkkkk

Fonte: disponível no perfil de Instagram @sobreex.

(8) Já vi mulher fazer de tudo, mas pegar dois do mesmo bonde nunca kkkk.

Em (8), temos a palavra bonde, que, no contexto em que aparece, tem o sentido de grupo de homens que são amigos e, por isso, encontram-se sempre juntos. Considera-se esse um neologismo semântico pelo fato de não ter sido encontrada, em nenhuma das obras lexicográficas⁵, acepção equivalente a essa criada. No Priberam e no Aurélio, tem-se:

- a. Título da dívida externa, pagável ao portador.
- b. Carro de tração animal que se movia sobre trilhos.
- c. Viatura urbana de transporte de passageiros, geralmente com apenas uma composição, movida por eletricidade e que circula sobre carris de ferro.
- d. Negócio que dá prejuízo.
- e. Mau jogador.
- f. Pessoa que é considerada feia ou fisicamente pouco atraente.

⁵ É importante mencionar aqui que para a análise destes neologismos semânticos não foi levado em consideração o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), tendo em vista que ele não é uma obra que apresenta acepções, mas sim ortografia e classe de palavra.

Já o Caldas Aulete acrescenta:

- a. Deslocamento de bandidos em grupo.

Pela aceção desse último dicionário, podemos afirmar que esse neologismo semântico é metafórico, uma vez que se estendeu o sentido de “grupo” para o de conjunto de amigos. A diferença percebida aqui é quanto à ideia de “bandidos” e de “amigos”.

4.3 Neologismo por empréstimo

Quanto às palavras vindas de outra língua que ainda não foram consideradas parte da língua portuguesa, foram encontradas três:

Figura 6 – Memes para neologismo por empréstimo.



Fonte: disponível no perfil de Instagram @pensadorsincero.

- (9) Qual a letra do nome do seu futuro crush?
- (10) O frio chegou e no guarda-roupa de vocês só tem cropped, né?!
- (11) Você mitou, agora é só esperar seus likes.

Em (9), (10) e (11), observam-se neologismos por empréstimos, uma vez que os três itens são advindos da língua inglesa e passaram a ser usados por falantes de língua portuguesa. Nenhum deles, porém, está introduzido nas obras analisadas. Logo, ainda não possuem status de empréstimos, sendo estrangeirismos e, portanto, neologismos. A palavra *crush* significa, no inglês, “paixão súbita” e é usada no português com o sentido de “paquera” – sentidos próximos. *Cropped*, na língua inglesa, tem o significado de “recortado”; em português, refere-se a um tipo de roupa feminina que apenas cobre até os seios, deixando a região da barriga à mostra – tendo sido, nesse sentido, ‘recortado’. Por fim, *like* em inglês tem a acepção de “gostar” e, no contexto do Brasil, é utilizado para acionar um botão em redes sociais indicativo de que o usuário “gostou” da publicação do outro. Esse uso tem como sinônimo a palavra “curtir”. Assim, “curte-se” ou “dá-se like a” uma foto, um vídeo, uma postagem que foi de agrado do usuário.

5. Considerações finais

Este artigo se dedicou a buscar memes encontrados em redes sociais com a finalidade de investigar neologismos, da língua portuguesa, que neles aparecem. Acreditava-se, inicialmente, que os memes seriam ambientes propícios para o aparecimento e para a propagação de novas unidades lexicais pela característica criativa que envolve o uso da língua na criação desses textos das mídias digitais.

Com base no exame, foi constatada uma presença significativa, nos memes, de palavras não integradas aos dicionários e aos vocabulários de língua portuguesa selecionados para o critério lexicográfico de exclusão. Assim, foi possível alcançar o primeiro objetivo, o de analisar, fundamentado na teoria da neologia, os tipos de formação de neologismos que foram explorados pelos usuários do meio cibernético. Este estudo inicial possibilitou a confirmação da ideia de que o falante domina as regras de formação de palavras da língua portuguesa, reafirmando a existência do

léxico virtual, já que demonstrou que o falante formou unidades consideradas aceitáveis no sistema devido a necessidade ou de nomear realidades novas, ou de se expressar melhor em determinado discurso.

Em segundo lugar, tinha-se como desejo defender a ideia de que os memes poderiam vir a ser importantes ferramentas para o ensino de língua portuguesa, principalmente no que diz respeito às aulas de morfologia e às aulas em que o foco principal seja o desenvolvimento da competência criativa do aluno. Sendo os memes publicações que devem propagar ideias por imitação e por replicação constante de si mesmas e que os adolescentes estão imersos nesse universo, sugere-se a utilização de memes na sala de aula para enriquecer a abordagem da língua portuguesa. Alicerçado neles, poderia ser trabalhada a polissemia, a seleção de imagens que se relacionam ao texto verbal, a intertextualidade e a escolha lexical. Quanto a esse último item, a abordagem de neologismos em memes estaria desenvolvendo, no aluno, sua competência lexical, importante fator para o desenvolvimento de habilidades de compreensão e de produção textual.

Este trabalho, portanto, contribuiu com os estudos referentes ao campo da Linguística Aplicada e da Neologia. Por fim, levanta-se, ainda, a hipótese de que os memes podem ser ambientes favoráveis não só de aparecimento e de propagação, como foi comprovado aqui, mas de produção, de surgimento de neologismos. Para comprovar tal questão, novos estudos seriam necessários, tendo em vista a dificuldade de se alcançar a origem de certos itens lexicais.

Referências

CONTIERO, E; FERRAZ, A.P. A neologia de empréstimos no LDP: uma abordagem a partir dos atos discursivos. *In*: SIMÕES, D.; OSÓRIO, P. (org.). **Léxico: investigação e ensino**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. p. 45-59.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1976].

FERRAZ, A. P. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. *In: ALVES, I. M. (org.). Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

FERRAZ, A. P. A lexicalização de sintagmas na linguagem da publicidade. *In: ISQUIERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 5, Campo Grande: UFMS, p. 33-48, 2010a.

LISKA, G. J. R. Léxico e ensino de palavras e sentidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). *In: FERRAZ, A. P. (org.). O léxico do português em estudo na sala de aula II*. Araraquara: Letraria, 2017.

REY, A. Néologisme: um pseudoconcept?. *Cahiers de lexicologie*, n. 28, p. 3-117, 1976.

SILVA, G. de L. Arte e a cultura dos memes. *Revista eletrônica labore polêmica*, v. 11, n. 1, Rio de Janeiro, p. 130-134, 2012.

Artigo recebido em: 07.08.2019

Artigo aprovado em: 04.11.2019

Os usos do neologismo *spoiler* no português brasileiro

The uses of “spoiler” as neologism in Brazilian Portuguese

Mariana Giacomini BOTTA*

RESUMO: A palavra *spoiler*, do inglês, usada como um alerta sobre a antecipação de fatos importantes da narrativa de obras literárias, audiovisuais ou de vídeo game, está em circulação na variante brasileira da língua portuguesa desde meados de 2004. Isso é o que mostram dados da ferramenta “Google Trends”, registros de dicionários e sites de jornais como “Folha de S. Paulo”, “O Globo”, “O Estado de São Paulo” e “Extra”. Nos últimos anos, observa-se um aumento de popularidade e uma ampliação dos contextos de emprego dessa palavra, caracterizando um processo de adaptação semântica marcado pela polissemia, que assinala sua passagem do estágio de estrangeirismo ao de neologia por empréstimo (ALVES, 2002). É o estudo dessa variabilidade de usos que é apresentada neste artigo, a partir de teorias e conceitos de Guilbert (1974), Alves (2002) e Sablayrolles (2000), entre outros. De acordo com as análises, *spoiler* está em processo de integração ao léxico do PB e apresenta diferentes tipos de adaptação linguística. Esse neologismo tem comportamento semelhante em outras línguas românicas, como o francês, e o espanhol, o que sugere pistas para pesquisas futuras.

ABSTRACT: The English word “spoiler” has been in circulation in the Brazilian Portuguese language since mid-2004. It is used as a warning about the anticipation of important facts of some narrative of literature, films, TV shows or games. This is what shows data from the “Google Trends” tool, dictionaries, and texts from newspaper websites such as “Folha de S. Paulo”, “O Globo”, “O Estado de São Paulo” and “Extra”. In recent years, we've verified the popularity of this word, which has led to an increase in employment contexts. This characterizes a process of semantic adaptation marked by polysemy, which shows its transition from a stage of foreignism to loanwords (ALVES, 2002). It is this variability of linguistic uses that we study in this article, based on theories and concepts of Guilbert (1974), Alves (2002) and Sablayrolles (2000), among other authors. According to the analyzes, the word “spoiler” is in the process of being integrated into the Portuguese lexicon and demonstrates different types of linguistic adaptation. Initial studies show that “spoiler” as neologism behaves similarly in other Romance languages, such as French and Spanish, which suggests clues for further research.

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela FCLAr/UNESP e em Sciences du Langage pela Université Sorbone Nouvelle. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9568-4593>. marianabotta@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Neologia. Empréstimo. Estrangeirismo. Lexicologia.	KEYWORDS: Neology. Loanwords. Foreignism. Lexicology.
---	--

1 Introdução

Este artigo tem como ponto de partida a observação do uso crescente da palavra de origem inglesa *spoiler* na variante brasileira da língua portuguesa em situações de pouca formalidade e baixo monitoramento, principalmente em interações em sites e aplicativos de redes sociais, como Facebook (<https://facebook.com>), Twitter (<http://twitter.com>) e Instagram (<https://instagram.com>). A popularidade dessa palavra tem levado a uma ampliação de seus contextos de emprego, e já é possível encontrá-la também em textos jornalísticos, tanto de publicações tradicionais, quanto populares – indício de que se trata de uma unidade lexical em processo de neologia por empréstimo.

Nos anos 2000, *spoiler* começou a ser usada em sites e blogs especializados em cinema, TV, quadrinhos, literatura e games, quando o internauta queria avisar que um texto ou comentário estava prestes a revelar algum detalhe importante do desenvolvimento do enredo de um livro, série de TV, filme ou jogo, para não estragar a surpresa de quem ainda não havia conhecido a obra. O aviso costumava aparecer nas formas “*spoiler alert*”, somente “*spoiler*” ou “atenção: *spoiler*”, diferentes variações de “*spoiler alert if you don't want to know*”, fórmula completa usada inicialmente em inglês.

A expressão “*spoiler alert*”, dicionarizada em inglês, aparece nas versões on-line tanto do “Oxford Dictionary”, que o define como “(in a discussion or review of a film, book, television drama, etc.) a warning that an important detail of the plot development is about to be revealed”, quanto do “Merriam-Webster”, que a apresenta como “a reviewer’s warning that a plot spoiler is about to be revealed”, e indica o ano de 1994 como data da primeira ocorrência conhecida naquela língua.

Na internet brasileira, por meio de pesquisa com a ferramenta “Google Trends” (<https://trends.google.com.br/trends>), que permite realizar buscas de palavras na web

a partir de 1º de janeiro de 2004, é possível verificar que *spoiler* já era usada naquele ano. Cada vez mais popular, observa-se que essa palavra também está sendo utilizada em outros contextos, deixando de ser empregada somente com o sentido relacionado à antecipação de um acontecimento do enredo de uma obra literária ou audiovisual.

Um exemplo desse tipo de emprego foi ouvido em um seminário, em 2017¹, ministrado por um jornalista, colaborador do jornal “Folha de S. Paulo” e de outros veículos, que falava sobre os resultados de estudos que tentavam mostrar se a fé contribuía para a cura de doenças, que disse: “*spoiler*: não ajuda”. Usos similares da palavra são recorrentes em posts e comentários de redes sociais, em programas de televisão e em conversas do dia a dia, o que pode indicar uma predominância na modalidade oral da língua e/ou em contextos informais.

O sentido mais amplo de *spoiler*, entretanto, também já pode ser encontrado em textos de veículos da imprensa tradicional brasileira, em conteúdos não apenas relacionados ao entretenimento, sempre que o enunciador deseja antecipar a conclusão de algo que ainda vai ser dito ou explicado. Por isso, neste estudo, parte-se da hipótese de que essa unidade lexical esteja na fase neológica, que integra as etapas de anexação das unidades externas a uma língua, conforme explica Alves (2002) sobre a neologia por empréstimo. Nessa fase, o elemento estrangeiro está se integrando à língua receptora, e pode passar por adaptações gráficas, morfológicas ou semânticas. No caso em questão, parece se tratar de uma ampliação semântico-enunciativa.

Para estudar os usos dessa palavra, para esta pesquisa foi constituído um *corpus* com as ocorrências da unidade lexical *spoiler* encontradas em sites de notícias brasileiros, como é descrito na seção 3 deste artigo. Elas são analisadas a partir de

¹ Workshop “Jornalismo Científico para quem tem pressa: ferramentas básicas para cobrir ciência e saúde”, com o jornalista Reinaldo José Lopes, no Instituto do Câncer Infantil, de Porto Alegre (R.S.), realizado em 31 de outubro de 2017, registrada em notícia do site “O Sul”: <http://www.osul.com.br/jornalista-referencia-no-segmento-cientifico-e-da-saude-apresenta-workshop-no-instituto-do-cancer-infantil/>.

metodologia baseada nas teorias apresentadas por autores como Guilbert (1973), Alves (1984; 2002), Biderman (1984; 2001), Barbosa (1978), Carvalho (1984; 1989) e Sablayrolles (2000), entre outros, discutidas na sequência. Ao final deste texto, após a exposição de exemplos das ocorrências analisadas, são feitas algumas considerações sobre os resultados obtidos até o momento, e são apontadas pistas para o seguimento dos estudos sobre o tema.

2 Pressupostos teóricos

A neologia é definida, pela maioria dos pesquisadores que se dedica a seu estudo, como o processo de criação lexical responsável pela ampliação do acervo vocabular de uma língua. Neologismo, resultado da neologia, pode ser, segundo Boulanger (1979), "uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua" (BOULANGER, 1979, p. 65-66 *apud* ALVES, 1984, p. 119).

Os neologismos definidos por esse autor podem ser gerados por dois tipos de processos neológicos, explicados por Alves (2002, p. 5): autóctone, decorrente da combinação ou modificação de elementos existentes em um sistema linguístico, também chamado vernacular, e com base em estrangeirismo, aquele em que o acréscimo ao léxico se dá pela entrada de unidades lexicais de outros códigos. Nesse segundo caso, fala-se em neologia por empréstimo ou por adoção, essa última denominação, a adotada por Carvalho (2010, p. 290).

O empréstimo é, portanto, um procedimento natural e universal de enriquecimento das línguas e, segundo Pruvost e Sablayrolles (2012, p. 115), tem a característica de, ao mesmo tempo em que importa uma denominação, importar também uma nova realidade, que pode ser concreta (como radar e fast food) ou abstrata (como vibe). Os autores afirmam que, apesar dos frequentes discursos

alarmistas contra o uso de estrangeirismos que circulam na sociedade, especialmente conta os anglicismos², os empréstimos ocupam espaço reduzido no acervo lexical das línguas: 2,5% do vocabulário dos dicionários e 0,6% das palavras de um jornal diário de grande circulação, de acordo com estudos realizados por diferentes pesquisadores franceses, em 1980 e 2000.

Assim, aos estudiosos dos sistemas linguísticos cabe, portanto, investigar, compreender e descrever os fenômenos relacionados à neologia por empréstimo. Para Guilbert (1973, p. 23), trata-se de um processo por meio do qual um signo que funciona conforme as regras próprias do sistema linguístico de uma determinada língua é inserido em outro sistema, que tem regras fonéticas, fonológicas, gráficas, morfológicas e sintáticas diferentes do primeiro. Esse autor afirma que é preciso distinguir as diversas formas de adaptações a que a unidade estrangeira está sujeita em sua integração à língua receptora, que podem ser: (a) alterações de ordem fonética e/ou gráfica; (b) modificações semânticas com manutenção da forma original; e (c) manutenção da significação original apesar da adaptação morfológica ao novo sistema. “É o fenômeno de adaptação ao novo código que caracteriza o empréstimo, mais que a forma estrangeira.” (GUILBERT, 1973, p. 23, *tradução nossa*³).

Tais adaptações são imprevisíveis e fazem parte da integração da unidade lexical ao novo sistema linguístico, que significa que essas palavras podem ter, na língua receptora, o status de estrangeirismo ou de empréstimo, dependendo do grau de assimilação da mesma. “A fase neológica do termo estrangeiro situa-se entre o estrangeirismo e o empréstimo e corresponde à sua instalação no sistema de uma língua.” (ALVES, 1984, p. 120).

² O que ocorre tanto na França quanto no Brasil.

³ No original : « C'est le phénomène d'adaptation au nouveau code qui caractérise l'emprunt plus que la forme étrangère ».

Essa autora explica que o termo estrangeirismo é mais comumente utilizado para designar termo ou expressão sentidos como externos à língua portuguesa. “O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua [...]” (ALVES, 1988, p. 3). Ela segue o raciocínio de Guilbert (1975), para quem a palavra empréstimo refere “o elemento já integrado ao sistema linguístico adotante”.

Segundo Sablayrolles (2009, p. 26-28), todos os neologismos apresentam uma escala de “neologicidade”, o que significa que são mais ou menos neológicos de acordo com certos parâmetros. Ele diz que o período neológico é também um parâmetro nessa escala, mas que o fator mais importante está nas flutuações do sentimento neológico.

Além do sentimento de novidade por parte do falante nativo, que contribui para distinguir estrangeirismo e empréstimo, Alves (1984) propõe o critério da frequência. “Parece-nos, entretanto, que a frequência do termo emprestado, ainda que empregado na sua forma nativa, constitui um critério para a sua aceitabilidade na língua portuguesa.” (ALVES, 1984, p. 125). A autora cita como exemplos as palavras *design*, *jeans* e *grife*, bastante comuns no português contemporâneo. É importante, porém, fazer uma ressalva: nem todo estrangeirismo se fixa obrigatoriamente na língua receptora. Alguns simplesmente deixam de ser usados e nunca se tornam empréstimos.

Alves (2002, p. 72) explica que, numa primeira etapa da neologia por empréstimo, a unidade lexical estrangeira, empregada em outro sistema linguístico, é sentida como externa à língua receptora. Por ainda não fazer parte do repertório lexical da nova língua, essa palavra é chamada de estrangeirismo, e costuma ser usada com finalidades estilísticas, para dar “cor local” ao enunciado.

A segunda etapa, nomeada pela pesquisadora como tradução do estrangeirismo, é aquela em que a unidade lexical proveniente de outra língua vem seguida por uma tradução ou de uma definição de seu significado. Isso acontece por

que “o emissor é muitas vezes consciente de que ele não poderá ser interpretado pelos receptores do texto” (ALVES, 2002, p. 76).

A integração do neologismo por empréstimo é a terceira etapa desse tipo de neologia. Trata-se da fase em que a palavra importada de outra língua começa a sofrer adaptação gráfica, morfológica ou semântica. Para identificar se uma unidade lexical importada está nessa fase, há critérios (morfofossintático, semântico, fonológico), estabelecidos por Guilbert (1975 *apud* ALVES, 1984, p. 121).

O critério morfofossintático diz respeito ao fato de a palavra tomada de outro sistema linguístico passar a constituir a base de uma derivação ou de uma composição, de acordo com a morfofossintaxe da nova língua. Isso indica que ela está se anexando ao léxico da comunidade linguística, fazendo parte dos seus usos. Também pode ocorrer a criação de palavras com sufixo estrangeiro associado a uma base vernácula.

Esse critério inclui, ainda, a verificação de uma tendência à conservação da classe gramatical que a unidade possuía na língua de procedência. No caso dos substantivos, de acordo com Alves, é mais provável que sejam integrados no gênero masculino. Pode ocorrer também o chamado decalque, a criação de uma versão literal da palavra na língua de origem, como o francês *haute couture*, que virou “alta costura” em português.

O segundo critério é o semântico, e Alves (1984, p. 123) explica que ele indica a instalação do elemento linguístico estrangeiro que, depois de ter sido introduzido na língua receptora com um único significado, torna-se polissêmico. Ela cita como exemplo a palavra *jeans*, que significava uma peça de roupa (calça) e, em português, passou a ser aplicada ao tipo de tecido de que a peça é composta.

O terceiro é o critério fonológico, que está relacionado com a adaptação fonológica da unidade lexical ao sistema da língua receptora, e nem sempre implica a adaptação gráfica.

Ao ser aceita pela comunidade de falantes e tornar-se de uso frequente na língua receptora, a unidade lexical importada perde, aos poucos, seu caráter de estrangeirismo, etapa final da neologia por empréstimo. Após a incorporação da unidade ao léxico do novo sistema, a permanência do empréstimo na língua depende de fatores não apenas linguísticos, mas sociais, culturais e comunicativos, porque

Será incorporado a um campo semântico e começará a sofrer influxos de seus vizinhos de significação. A combinação léxica no discurso e as conotações estilísticas também imprimirão a ele matizes novos, ampliando seu halo de significação. Passará, assim, a fazer parte da semântica evolutiva da língua. (BIDERMAN, 2001 [1978], p. 212)

Para Barbosa (1978), a prova final da inclusão da palavra no novo sistema é a sua inserção no dicionário, porque esse registro “confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua, ao lado dos outros já existentes. [...] o figurar na lista das palavras do dicionário faz que o termo seja considerado ‘definitivo’” (BARBOSA, 1978, p. 205). O mesmo é confirmado por Alves (1984, p. 125): “Constitui o dicionário o critério final, segundo o qual um neologismo é integrado ao léxico da língua”. Para essa autora, o lexicógrafo tem o poder de decidir sobre a aceitabilidade de uma palavra e sua incorporação à língua.

Cabe ressaltar que, nos estudos sobre a anexação de estrangeirismos ao português brasileiro, esse não parece mais ser um critério suficiente, uma vez que a publicação de dicionários impressos não é regular, nem periódica (a última versão do Grande Dicionário Houaiss, por exemplo, foi lançada há dez anos, em 2009). Isso se deve ao fato de não haver um mercado de consumo desse tipo de produto no país, o que leva as editoras a investir apenas em dicionários escolares e em versões digitais on-line. O Dicionário Houaiss, por exemplo, mantém uma versão on-line no portal UOL, com acesso exclusivo a assinantes, que parece receber atualizações, como

mostram os dados deste estudo. Entretanto, não é possível encontrar informações sobre a metodologia utilizada, data de inclusão e periodicidade.

3 Metodologia

Esta pesquisa teve início com a consulta a dicionários on-line de inglês, o “Oxford English Dictionary” (oed.com), “Merriam-Webster” (merriam-webster.com) e “Cambridge Dictionary” (dictionary.cambridge.org), e também à plataforma Lexico.com (lexico.com/en), elaborada em uma parceria entre “Dictionary.com” e “Oxford University Press” (OUP). A intenção foi ter acesso às acepções e demais informações linguísticas sobre a palavra *spoiler* naquela língua. Foram encontradas entradas de *spoiler* e *spoiler alert*.

Na sequência, realizou-se uma busca pela palavra na ferramenta “Google Trends” (trends.google.com.br), que mostra a evolução do interesse dos usuários da internet por diferentes assuntos ao longo do tempo, desde janeiro de 2004, a partir das pesquisas feitas no motor de buscas “Google” (google.com). Por meio desse recurso, foi possível verificar que a palavra inglesa já motivava buscas na internet no Brasil desde o início do funcionamento da ferramenta.

O passo seguinte foi a constituição do *corpus* de pesquisa. Ele foi elaborado a partir de buscas feitas nos sites dos jornais “Folha de S. Paulo” (folha.uol.com.br/), “O Globo” (oglobo.globo.com), “O Estado de São Paulo” (estadao.com.br) e “Extra” (extra.globo.com/) e do portal de entretenimento e notícias “BuzzFeed Brasil” (buzzfeed.com/br) pela palavra *spoiler*.

Nos sites da Folha e do Estadão, foi feita a consulta por período; no primeiro, a partir de janeiro de 1990, e no segundo, desde 1995 (o ano limite permitido), ambos até setembro de 2019. As ferramentas de busca dos jornais O Globo e Extra, ambos do Grupo Globo, não permitem a pesquisa personalizada por período e, portanto, não foi possível encontrar com precisão a data da primeira ocorrência do neologismo. Além

disso, os resultados das buscas nesses veículos contemplaram apenas o período entre 2014 e 2019. Em todos os casos, foram considerados apenas os resultados referentes a textos publicados nas versões impressas de cada um, de todas as editorias, independentemente do gênero de discurso.

A opção por incluir no *corpus* o “BuzzFeed Brasil” se justifica pelo fato de ser um site inovador e voltado ao público jovem, com linguagem muito próxima à usada nas redes sociais da internet e à oralidade. O BuzzFeed é uma empresa de notícias e entretenimento, fundada nos Estados Unidos em 2006, com objetivo de buscar entender que tipo de conteúdo tinha potencial de se propagar rapidamente na web. Em 2013, começou sua expansão para outros países, com a criação de sites no Reino Unido, Índia, Austrália e França. A versão brasileira foi inaugurada em outubro daquele mesmo ano. No site, o emprego da palavra *spoiler* é muito frequente, tanto em notícias sobre política, em textos produzidos em outros países e traduzidos para o português, quanto em conteúdos voltados apenas ao lazer. Desta forma, acredita-se que essas ocorrências podem mostrar diferentes usos da palavra, o que também é relevante para este estudo, e que, talvez elas possam ter, de alguma forma, influenciado o uso em outros veículos.

Após a busca das ocorrências de *spoiler* nos sites mencionados, foi feita uma seleção das acepções em que ela é usada com o sentido correspondente à definição que aparece nos dicionários de língua inglesa. Os empregos diferentes foram separados em grupos, para serem analisados na sequência. Foram usados como parâmetros as etapas da neologia por empréstimo, descritas por Alves (2002, p. 72-76), e os critérios de integração do neologismo por empréstimo, estabelecidos por Guilbert (1975 *apud* ALVES, 1984, p. 121).

Por último, foi feita uma consulta a dicionários gerais de língua portuguesa, impressos e on-line, em busca de registros das acepções de *spoiler* no português.

4 Contextualização e dados iniciais

Em inglês, o verbo *to spoil* tem o sentido de estragar, arruinar. Mas a primeira acepção registrada nos dicionários para o substantivo *spoiler* não está relacionada com o sentido do verbo. Naquele verbete, o sentido de interesse para este estudo, dicionarizado pelo menos desde 2017⁴, não é o principal, mas aparece normalmente como a terceira acepção. O primeiro sentido encontrado é a descrição de uma peça de aviões, e o segundo, uma parte dos automóveis. Só depois vem a informação procurada, que também é encontrada na entrada *spoiler alert*, essa presente apenas nas versões on-line do “Oxford English Dictionary” e do “Merriam-Webster”, como pode ser visto a seguir:

(I) Oxford English Dictionary: spoiler alert – “noun (in a discussion or review of a film, book, television drama, etc.) a warning that an important detail of the plot development is about to be revealed”.

(II) Webster: spoiler alert – “noun a reviewer's warning that a plot spoiler is about to be revealed”. => indica o ano de 1994 como data da primeira ocorrência conhecida com esse sentido.

(III) Cambridge Dictionary: spoiler – “(taking attention) noun a newspaper article, television programme, etc. that is produced just before or at the same time as another similar one in order to take attention away from it; (telling sth) noun information in a newspaper article, blog, etc. that tells you what happens in a television programme, which may spoil your enjoyment of it if you have not already seen it: Spoiler alert - if you haven't seen Sunday's episode, stop reading now!”

(IV) Lexico.com: spoiler – “noun A news story published to divert attention from and reduce the impact of a similar item published elsewhere. ‘the paper ran a spoiler’”,

⁴ A data de inclusão varia conforme a obra.

A partir das ocorrências do *corpus*, verifica-se que a palavra *spoiler* é usada no Brasil desde antes do ano 2000, com sentido especializado, relacionado à indústria automotiva. Em uma pesquisa no acervo on-line do jornal “Folha de S. Paulo”, as primeiras ocorrências dessa unidade lexical foram encontradas em reportagens de 1994, uma na seção de Automóveis, e outra no caderno Esporte, sobre uma corrida de Fórmula 1, reproduzidas abaixo:

(a) O pára-choque dianteiro, com *spoiler* integrado, traz entradas de ar suplementares para intercooler e radiador de óleo, e ainda faróis de "milha". (FSP, 06 mar.1994, *grifo nosso*)

(b) As modificações feitas em seu carro – o desenho do *spoiler*, a asa dianteira, e uma nova suspensão em a frente – não puderam nem ser avaliadas. (FSP, 30 abr.1994, *grifo nosso*).

Essa acepção está registrada em dicionários do português disponíveis on-line:

(V) Houaiss (UOL): substantivo masculino 1 *eng, aer* flape na asa dos aviões, us. para aumentar a resistência ao ar e reduzir a força de sua sustentação; 1.1 defletor similar, ger. fixo, instalado em carros, para aumentar a sua estabilidade e reduzir a tendência de levantarem do chão a altas velocidades [...] etim. *ing. spoiler* no sentido de 'pessoa ou coisa que pilha ou rouba; pessoa ou coisa capaz de prejudicar, etc.' (sXIV).

(VI) Priberam: spoiler |spóiler| (palavra inglesa) - substantivo masculino
1. [Automóvel] Peça instalada na parte traseira ou dianteira de um carro desportivo ou de corrida, destinada a dar-lhe mais aderência e estabilidade.
= AILERÃO

Ainda quantos aos usos da palavra *spoiler* no Brasil, dados importantes para compreender sua introdução na língua e popularização podem ser obtidos por meio da ferramenta on-line “Google Trends”, que mostra a evolução do interesse dos internautas por diferentes assuntos ao longo do tempo, desde janeiro de 2004, a partir das buscas realizadas no motor de buscas “Google”. Por meio desse recurso, é possível

verificar que a palavra inglesa já era usada no português e motivava buscas na internet naquele ano, como mostra o gráfico reproduzido a seguir:

Gráfico 1 – Interesse pela palavra *spoiler* na internet brasileira entre 2004 e 2019.



Fonte: ferramenta Google Trends, a partir da palavra *spoiler*, gerado em 01 set. 2019.

O gráfico⁵ mostra o interesse dos internautas brasileiros pelo termo ao longo do tempo, a partir de janeiro de 2004. Além do crescente interesse pela palavra *spoiler*, os dados indicam que, nas buscas, a pergunta mais comum é “o que é spoiler?”, que apresenta picos de aumento repentinos. Em seguida, os consulentes procuram mais por *spoilers* de séries ou mangás específicos, como “Naruto”, “The Walking Dead” e “Game of Thrones”, por exemplo. Entre os cinco tópicos mais buscados, está “significado de *spoiler*”, com crescimento constante desde fevereiro de 2015, e um pico de interesse em abril de 2019.

Por meio da ferramenta, pode-se também ter acesso às localidades de origem das buscas. Dessa forma, na opção “Interesse por sub-região”⁶, é possível verificar em

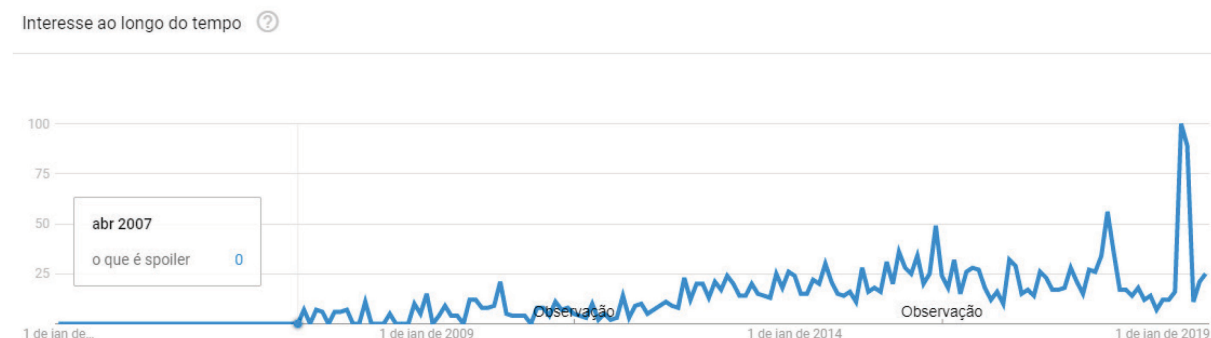
⁵ Segundo informações disponíveis no site da ferramenta, no gráfico Interesse ao longo do tempo, “os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo”.

⁶ Interesse por sub-região mostra o local em que “o termo foi mais famoso durante um período específico. Os valores são calculados em uma escala de 0 a 100, em que 100 é o local com a maior popularidade como uma fração do total de pesquisas naquele local; 50 indica um local que tem metade da popularidade; e 0 indica um local em que não houve dados suficientes para o termo. Observação: um valor maior significa uma proporção maior de consultas, não uma contagem absoluta maior. Um

qual local a palavra foi mais procurada no “Google” em um período específico. O pico de interesse observado em abril de 2019, por exemplo, foi puxado por buscas provenientes principalmente, em ordem decrescente, do Amapá, Maranhão e Rio de Janeiro, relacionadas ao lançamento do filme “Vingadores: Ultimato”, do diretor Anthony Russo.

Numa segunda pesquisa, com recorte a partir da pergunta por “o que é spoiler?”, os resultados mostram que o interesse começou a surgir em maio de 2007, como pode ser visto no gráfico a seguir, e cresceu nos últimos 12 anos. Os cinco estados que concentram o maior número de acessos foram, em ordem decrescente, Amazonas, Maranhão, Ceará, Pará e Rio Grande do Norte.

Gráfico 2 – Interesse de internautas ao longo do tempo – busca “o que é spoiler” entre 2004-2019.

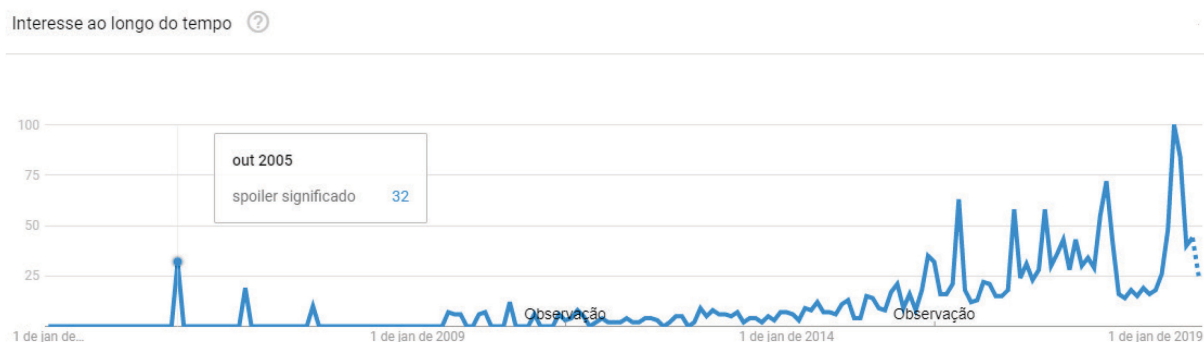


Fonte: ferramenta Google Trends, gerado em 01 set. 2019.

Na pesquisa por “spoiler significado”, o gráfico indica que o interesse começou em outubro de 2005, mas teve apenas picos em setembro de 2006 e em agosto de 2007, passando a uma evolução um pouco mais constante nas buscas a partir de junho de 2009, como pode ser visto na sequência. Nesse contexto, as regiões com maior número de acessos, em ordem decrescente, foram Piauí, Amazonas, Alagoas, Distrito Federal e Paraíba.

Gráfico 3 – Interesse de internautas ao longo do tempo – busca “spoiler significado” entre 2004-2019.

pequeno país em que 80% das consultas são sobre "bananas" terá duas vezes a pontuação de um grande país em que somente 40% das consultas são sobre esse termo” (GOOGLE TRENDS, 2019, on-line).



Fonte: Ferramenta Google Trends, gerado em 01 set. 2019.

Os usos de *spoiler* em sites de jornais, com o sentido de antecipação de parte do enredo ou do desfecho de uma história, aparece no *corpus* somente em agosto de 2006, em um alerta numa reportagem do caderno Ilustrada da “Folha On-Line”, antigo site do jornal “Folha de S. Paulo” que, naquela época, tinha conteúdo distinto da edição impressa. A ocorrência é reproduzida a seguir:

Imagem 1– Reportagem do caderno Ilustrada On-line, da Folha On-line de 22 ago.2006.

ilustrada

[A A](#)
[Maior](#) |
 [Menor](#)
[Enviar por e-mail](#)
[Comunicar erros](#)
[Link](#)

22/08/2006 - 17h30

AXN terá maratona de "Lost"; leia perguntas sem respostas

da **Folha Online**

Neste sábado, o canal pago AXN exibe a maratona final da segunda temporada de "Lost", das 14h às 20h, com os cinco últimos episódios. No Brasil, o final da segunda temporada foi mostrado ontem em episódio de duas horas.

[ALERTA: PARA QUEM ODEIA LER "SPOILERS" (TEXTO CONSIDERADO "DESMANCHA-PRAZER" POR REVELAR FATOS CRUCIAIS DE UMA TRAMA), NÃO SIGA EM FRENTE]

Confira as questões abertas pelo seriado para a terceira temporada.

Fonte: reprodução da internet – Acervo on-line do jornal “Folha de S. Paulo”.

Na versão impressa da publicação, *spoiler* aparece pela primeira vez no extinto caderno “Folhateen”, voltado ao público adolescente, em outubro de 2006, em uma reportagem sobre a mesma série televisiva que é tema da reportagem anterior:

Imagem 2 – Reportagem do caderno Folhateen, da Folha de S. Paulo de 02 out.2006.



Fonte: reprodução da internet – Acervo on-line do jornal “Folha de S. Paulo”.

Em uma busca no site do jornal “O Estado de São Paulo”, verifica-se que, até outubro de 2006, o emprego de *spoiler* também se restringia a textos especializados sobre automóveis e aeronáutica, passando posteriormente a ser usada em reportagens da editoria de Cultura, na cobertura da série de televisão “Lost”. A primeira ocorrência nessa publicação foi na edição de 19 de outubro de 2006, na reportagem “Veja no YouTube a performance de Santoro em Lost”, cuja fonte é a Agência Estado, no trecho:

(c) “Segundo o blog voltado para fãs do seriado, Dude! We Are Lost - Sua fonte de **Spoiles**, Fofocas e Amenidades [...]”. (OESP, 19 out.2006, *grifo nosso*)

Percebe-se que a palavra ainda não foi usada com o sentido de antecipação de uma história, mas que figurou apenas na citação do título de um blog. Somente no ano seguinte, a unidade lexical reaparece nessa seção do jornal, na subseção Livros, na reportagem “Chega o grande dia para os fanáticos por Harry Potter”, de 20 de julho de 2007. *Spoiler* é usada na reprodução de uma fala da autora do livro, J.K. Rowling,

que se dizia abalada pelo fato de alguns jornais americanos terem decidido publicar ‘*spoilers*’ da sua obra. Ao lado da palavra, a jornalista inseriu, entre parênteses, uma explicação sobre o significado: “do inglês *spoil*, estragar, no sentido de revelar fatos importantes [...]”. Isso indica, segundo Alves (2002), a fase neológica da unidade na língua.

A partir desses dados, verifica-se que o neologismo *spoiler* começou a ser usado no português brasileiro em contextos restritos e especializados: desde a metade dos anos 1990, nas áreas automobilística e aeronáutica (nomes de peças ou partes de aviões e carros); e a partir de meados dos anos 2000, por fãs de cinema, livros, séries de televisão e mangás, em sites e blogs bastante específicos. Ele chega à imprensa e, assim, ao grande público e à linguagem corrente em por volta de 2006, impulsionado pelo sucesso da série “*Lost*” (2004-2010), de Jeffrey Lieber, J. J. Abrams e Damon Lindelof. Depois, ele passa a ser usado em outros textos de cultura, com o mesmo sentido que estava em alta no inglês na época: como um alerta sobre a revelação de partes de uma história, para não estragar a surpresa de quem ainda não tinha visto ou lido a obra.

Assim como no inglês, a chegada dessa acepção aos dicionários de língua portuguesa é mais recente, ocorreu entre 2017 e 2019, quando a palavra ganhou popularidade mundial. A consulta às versões on-line de dicionários do português traz as acepções seguintes:

(VII) Houaiss (UOL): [...] 2 revelação de fatos importantes ou do desfecho da trama de um filme, de conteúdos televisivos, de livros, video games etc., que pode ser prejudicial à apreciação de quem os vê, lê ou joga pela primeira vez.

(VIII) Priberam: [...] 2. Informação que revela partes importantes do enredo de um filme, de uma série televisiva ou de um livro, sobretudo para quem ainda não os viu ou leu (ex.: o resumo que a revista faz do filme contém spoilers). Plural: spoilers.

5 Análise dos dados e resultados

No português brasileiro, desde as primeiras ocorrências encontradas no *corpus*, a palavra *spoiler* aparece de diversas formas, sozinha ou em combinações fixas: “spoiler alert”, “spoiler”, “cuidado: spoiler”, “atenção: spoiler”, todas adaptações da expressão “*spoiler alert if you don’t want to know*”, da língua inglesa. Tanto em inglês quanto em português, ela é usada frequentemente como um alerta da antecipação de parte do enredo de uma obra narrativa artística, primeiramente em contextos especializados, por fãs, críticas e outros profissionais de cinema, livros e séries de TV. O uso inicial no discurso especializado é bastante comum nos casos de neologia por empréstimo:

Na tradição dos estudos neológicos, considera-se que os neologismos que se instalam nas línguas frequentemente têm origem no discurso especializado, porque são criados pela necessidade de denominação de novos conceitos e de novos produtos. A partir do momento em que os neônimos se difundem, eles se tornam comuns, entrando nos discursos dos não especialistas, eles integram a língua geral, perdendo parcialmente seu status especializado (DINCĂ, 2009, p. 85, *tradução nossa*⁷).

Além disso, os dados do *corpus* mostram que, nas primeiras ocorrências de *spoiler* na imprensa brasileira, *spoiler* sempre é acompanhada por uma explicação entre parênteses, como: “texto considerado ‘desmancha-prazer’ por revelar fatos cruciais de uma trama” (FSP, 22 out.2006). Nestes casos, ela ainda é usada em contextos relacionados a obras artísticas (filmes, livros e programas de televisão), ou seja, numa transição da linguagem especializada para a língua geral, com a preservação de seu sentido inicial, em discursos de mediação entre especialistas e o público não especializado.

⁷ No original: “Dans la tradition des études néologiques, on considère que les néologismes qui s’installent dans les langues relèvent fréquemment au départ du discours spécialisé, car ils sont créés pour des besoins de dénomination de nouveaux concepts et de nouveaux produits. Lorsque les néonymes se divulguent, puis se banalisent, entrant dans les discours du non spécialiste, ils intègrent la langue générale, en perdant en partie leur statut spécialisé.”

Segundo Alves (2002), esse tipo de emprego corresponde à segunda etapa da neologia por empréstimo, nomeada pela pesquisadora como tradução do estrangeirismo, aquela em que a unidade lexical proveniente de outra língua vem seguida por uma tradução ou de uma definição de seu significado. Isso acontece porque “o emissor é muitas vezes consciente de que ele não poderá ser interpretado pelos receptores do texto” (ALVES, 2002, p. 76). A unidade lexical ainda é sentida como externa à língua receptora, pois ainda não faz parte de seu repertório, e costuma ser usada com finalidades estilísticas.

A terceira etapa é a de integração do neologismo por empréstimo, na qual a palavra importada pode passar por adaptação gráfica, morfológica e/ou semântica (ALVES, 2002, p. 78). Observa-se que *spoiler* passou por alterações fonético-fonológicas relacionadas à adaptação ao sistema do português brasileiro (*ingl.* /'spɔɪlə/ > *pb.* /is.'pɔi.ler/), marcadas sobretudo pela prótese do [i]. Para Guilbert (1973, p. 23), isso faz parte do processo de integração à língua receptora, que caracteriza o empréstimo.

Outras ocorrências do *corpus* confirmam que *spoiler* se apresenta atualmente no estágio de ampliação semântica, devida ao esvaziamento do sentido especializado, como pode ser verificado nos seguintes excertos (*todos os grifos são nossos*):

(c) Não é um *spoiler*, mas como o título diz, o gourmet vai morrer. (OESP, 25 jun.2009)

(d) Isso já não é *spoiler*. Só que quem assistiu este episódio transmitido nesta terça-feira não gostou muito e foi para o Twitter reclamar [...] (O GLOBO, 29 mar.2016)

(e) Já em "Material Bond", a outra montagem nacional do festival, a história real do dramaturgo Edward Bond é uma espécie de *spoiler* bem-vindo. (FSP, 27 mai.2016)

(f) [...] não apareceu pela primeira vez na declaração do presidente da Câmara ou no ensaio de discurso de posse do vice-presidente Michel Temer, cujo *spoiler* já recebemos. (FSP, 05 mai.2016)

(g) Pele depilada de porco e até carne de cavalo são usados na produção de alimentos... *Spoiler*: é tudo perfeitamente legal. (BUZZFEED BRASIL, 26 mar.2017)

(h) A equipe do E+ foi testar a escape room de Bates Motel no Escape 60', em São Paulo, a convite do Canal Universal. *Spoiler*: por pouco não conseguimos escapar, mas saímos impressionados em diversos sentidos. (OESP, 13 jul.2017)

(i) Por definição, todas as grandes empresas são os blockbusters dos seus setores. E só com este *spoiler*, você sabe como essa história vai acabar. Nem todos conhecem o impacto que o filme Apolo 13 teve para a indústria cinematográfica, por isso vale a pena contá-lo. (OESP, 26 mai.2017)

(j) [...] a famigerada “falta de proteínas” dos pratos sem carne (*spoiler*: o reino vegetal tem muitas fontes proteicas). (O GLOBO, 13 ago.2018)

(k) Responda a perguntas 100% aleatórias e diremos um *spoiler* na sua cara (BUZZFEED BRASIL, 26 ago.2018)

(l) “[...] ‘E aí não aconteceu nada, só tomamos um chá de cadeira. Estamos superarrumados. Já estão tendo um *spoiler* do figurino’, disse Júnior.” (EXTRA, 09 abr.2019)

(m) Quem for atrás de um lanchinho, encontrará opções de salgados, tortas, bolos, biscoitos e frios. E temos *spoiler*: o carro-chefe da casa é o pão de queijo. (O GLOBO, 01 set.2019)

É possível verificar que, aos poucos, a palavra passou a ser usada também em conteúdos não apenas relacionados ao entretenimento, quando se desejava antecipar alguma parte ou a conclusão do que estava sendo dito sobre uma narrativa. Parece ser o caso das ocorrências encontradas nos exemplos c (gastronomia), f (política), g (indústria alimentícia), i (negócios), j (alimentação e saúde), k (comportamento), l (celebridades) e m (serviços).

Ao mesmo tempo, *spoiler* foi deixando de ser empregada somente em contextos que tratam do adiantamento de algo, futuro, e entrou em situações relacionadas a fatos

presentes (ocorrências c, d, f, h, i, k e l) e até passados (exemplos e, g), nos quais a ideia de antecipação ou surpresa possivelmente estaria no próprio texto ou na descoberta de uma verdade oculta até então.

Alves (2002, p. 78) relata que não é incomum que uma unidade lexical de origem estrangeira, depois de ser introduzida em um novo sistema com um único significado (caráter monossêmico), no processo de adaptação semântica seja conduzida à polissemia, devido a seu emprego constante. Há casos, no entanto, em que a mudança semântica parece levar ao quase esvaziamento do sentido inicial, como nos excertos (l) “Já estão tendo um *spoiler* do figurino [...]” e (m) “E temos *spoiler*: o carro-chefe da casa é o pão de queijo” citados anteriormente.

No primeiro caso, do emprego em (l), o jornal reproduz uma postagem do cantor Junior em uma rede social, dirigida a fãs, e acompanhada por foto, antes de uma apresentação. O figurino ao qual *spoiler* se refere já aparece na imagem que acompanha o texto, o que tornaria desnecessário o uso da palavra, que inicialmente seria usada como um alerta para não estragar a surpresa de quem não quisesse conhecer algo a ser revelado posteriormente.

No segundo, em (m), a reportagem é sobre a inauguração de um novo estabelecimento comercial no Rio de Janeiro, um café, que oferece diferentes opções de lanches e salgados. O uso de “temos *spoiler*” na apresentação do que seria o carro-chefe da casa, o pão de queijo, também parece privar a palavra de traços de significação como “surpresa”, “novidade” e “estragar”, porque este tipo de alimento é normalmente esperado em um café no Brasil. Poderia ser surpreendente se fosse na Europa ou nos Estados Unidos. *Spoiler*, nesse contexto, passa a ser algo esperado e agradável para o leitor.

Pode-se, então, resumir o processo de neologização de *spoiler* no PB, sua passagem de estrangeirismo a empréstimo, até o momento, em quatro fases: (1) emprego com o mesmo sentido e em contextos semelhantes aos da língua de origem

(mais especializados); (2) adaptação fonético-fonológica ao sistema do português (/is.'poi.ler/); (3) ampliação de usos – mudança de categoria, de interjeição a substantivo (o/um spoiler) => neologia por conversão; (4) ampliação semântica, com alteração do sentido inicial (=antecipação de detalhes do enredo de uma narrativa artística > qualquer narrativa) e perda do sentido especializado => neologia semântica; (5) perda de outros traços semânticos, como a ideia de futuro, de inesperado, de estragar a surpresa => palavra passa a ser usada em contextos ainda mais amplos (popularização).

As ocorrências a seguir, retiradas do *corpus*, encontradas no site “Buzzfeed Brasil”, ilustram o que vem de ser exposto:

(n) Os ingredientes bizarros que estão nos embutidos de carne e você não sabia. Pele depilada de porco e até carne de cavalo velho são usados na produção de alimentos... *Spoiler*: é tudo perfeitamente legal. (BUZZFEED, 24 mar.2017, *grifos nossos*)

(o) 27 fatos chocantes e inesperados que você aprende com 20 e poucos anos. Alerta de *spoiler* sobre a vida: você estava errado a respeito de tudo, literalmente. (BUZZFEED, 19 dez.2013, *grifos nossos*)

Nos dois exemplos, a palavra é usada em subtítulos de textos do site, que têm a função de chamar a atenção do leitor e conquistá-lo, incentivando-o a clicar no hiperlink e ler o conteúdo. Em ambos, *spoiler* funciona como interjeição, sua função inicial, mas o sentido não é o de revelação de um detalhe importante ou do desfecho de uma história, mas apenas uma pista sobre informações que se supõe serem do interesse do público-alvo do site, predominantemente adolescentes e jovens. A palavra parece não ser necessária em nenhum dos dois casos, parece vazia de significado e empregada apenas com finalidade expressiva.

6 Considerações finais

A palavra *spoiler* é usada no Brasil desde antes do ano 2000 e está registrada nos principais dicionários gerais da língua portuguesa com sentidos especializados, relacionados à aeronáutica e à indústria automotiva. Mais recentemente, alguns dos dicionários digitais on-line também incluíram a acepção do aviso “estraga-prazeres” para quem gosta de ser surpreendido por reviravoltas no enredo de narrativas.

Há cerca de quatro anos, ela começou a ser usada com maior frequência também em conteúdos não apenas relacionados ao entretenimento, sobretudo na imprensa e em conversas informais, quando se deseja criar suspense ou um efeito de expectativa no interlocutor sobre o que vai ser dito ou informado, independentemente do assunto. Além dessa ampliação de possibilidades de emprego e, conseqüentemente, de significado(s), observam-se outras transformações semânticas, como a perda de alguns traços de sentido, uma forma de esvaziamento, como foi mostrado na seção 5.

Por não pertencerem ao léxico do falante da língua que os recebe, os empréstimos não têm, segundo Barbosa (1981, p. 294), mecanismos próprios de criação. Nessa etapa, há a manutenção da forma com alteração do significado, a neologia semântica ou conceptual, um processo recorrente nas línguas, caracterizado pela mudança no conjunto de semas. Trata-se do que Ferreira (1999, p. 3) chama de reconfiguração semântica, fenômeno em que há ampliação ou redução do campo semântico. A palavra extrapola os limites da esfera social em que é mais comumente empregada (mais especializado) e passa a fazer parte de outro campo semântico ou da língua comum.

Apesar de a neologia por empréstimo ser um fenômeno natural, observada em todas as línguas naturais, ela costuma ser estudada individualmente no interior de cada sistema linguístico, uma vez que a anexação de neologismos não segue um mesmo padrão ou tendência nos diferentes idiomas.

Entretanto, é relevante destacar o comportamento da palavra *spoiler* em outras línguas românicas, bastante semelhante ao do português. Fenômeno parecido

aconteceu com “selfie”, escolhida como a palavra do ano em 2013 pelo “Dicionário Oxford”, que passou a ter um significado internacional, devido à globalização e à assimilação cultural, conforme explicam Curti, Rocha e Alves (2016).

A comunicação contemporânea mediada pelas novas tecnologias digitais, on-line e em tempo real, rompeu certas barreiras de tempo e espaço, com impactos na dinâmica das línguas. O intenso contato entre falantes de diversos idiomas tem acelerado o intercâmbio cultural e a internacionalização de fenômenos linguísticos, alguns deles já tratados por Sablayrolles, Jacquet-Pfau e Humbley (2011). Para dar conta dos casos de neologia que surgem e circulam prioritariamente na internet, já foram criados conceitos como neologismo da internet (CORREIA, 2003) e cyberneologismo (ISSAC, 2011).

Um levantamento preliminar, a partir dos usos de *spoiler* em português, espanhol e francês, indica a passagem por fases similares de anexação e adaptação às línguas receptoras, que podem ser comparadas em aspectos formais, semânticos e discursivos. Tais observações remetem a Vilela (1997), que menciona brevemente os “internacionalismos”, unidades lexicais provenientes de línguas de prestígio mundial, e que funcionam como palavras-chave de determinado momento, mostram “mitos, crenças e hipnose, esquemas mentais, os receios e temores do ‘nosso tempo’” (VILELA, 1997, p. 46), assunto a ser desenvolvido em pesquisas futuras.

Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, n. 28 (supl.), p. 119-126, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3681/3447>. Acesso em: 15 mar. 2019.

ALVES, I., M. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, n. 32, p. 1-14, 1988. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3794>. Acesso em: 12 mar. 2019.

ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. **Alfa**, São Paulo, n. 40, p. 11-16, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3992>. Acesso em: 30 abr. 2019.

ALVES, I. M. **Neologismo**. Criação lexical. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2002, 2ª ed.

BARBOSA, M. A. Aspectos da dinâmica do neologismo. **Língua e Literatura**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 7, p. 185-208, 1978. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/138126>. Acesso em: 15 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1978.138126>.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global Editora, 1981, 323 p.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. **Alfa**: Revista de Linguística. São Paulo, v. 28, 1984 (suplem.). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676>. Acesso em 10 mai.2017.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo; Martins Fontes, 2001, 2ª ed..

CARVALHO, N. Caminhos do neologismo no Brasil. In: ALVES, I. M. **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 277-291.

CORREIA, M. Os neologismos da Internet e a política de língua. **Expresso** (Caderno principal). Paço de Arcos (Portugal), p. 28, 2003. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mcorreia-neo_internet.pdf. Acesso em: 21 set. 2019.

CURTI, B.; ROCHA, J. M. P.; ALVES, F. C. O uso de selfie: a internet viralizando o empréstimo em três línguas. **Revista GTLex**. Uberlândia, v. 2, n. 1, 2016 (jul./dez.). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/37335>. Acesso em: 13 fev.2020. DOI: [10.14393/Lex3-v2n1a2016-5](https://doi.org/10.14393/Lex3-v2n1a2016-5).

DICIONÁRIO **Priberam** da Língua Portuguesa [on-line]. Verbete *spoiler*. 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/spoiler>. Consultado em: 02 set. 2019.

DICTIONARY Cambridge. **English Dictionary**. On-line (desde 1999). Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/>. Consulta em: 13 abr. 2020.

DICTIONARY **Lexico.com**. Oxford's free English and Spanish dictionaries and multi-language dictionary. On-line. Oxford University Press. 2019. Disponível em: <https://www.lexico.com/en/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

DICTIONARY **Merriam-Webster**. Springfield (Estados Unidos), on-line (desde 1996). Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

DICTIONARY **The Oxford English**. On-line (2000 / 2004). Disponível em: <https://www.oed.com/>. Acesso em : 12 abr. 2020.

DINCĂ, D. La néologie et ses mécanismes de création lexicale. **Lingvistică**, v. 1-2, p. 79-90, 2009. Disponível em: http://cis01.ucv.ro/litere/activ_st/articole_anale_lingvistica_2009/dinca_daniela.pdf. Acesso em: 30 set. 2019.

FERREIRA, M. Palavras de origem indiana no léxico da língua portuguesa: Processos de reiteração, reconfiguração e dispersão semântica. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, GEL, n. XXIX, p. 429-434, 2000. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/arquivo/anais/1304105424_60.ferreira_mario.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

GEIGER, P. (ed.). **iDicionário Aulete**: o dicionário Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexikon, 2006 (1986). Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GOOGLE TRENDS. **Software de estatísticas** a partir do site de buscas Google. Produzido por **Google Labs**, 2006 (maio). Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/?geo=BR>). Consultas em: set. 2019.

GUILBERT, L. Théorie du néologisme. In: **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, n. 25, p. 9-29, 1973. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020. Acesso em: 07 fev. 2019. DOI <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975. 285 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. On-line (versão eletrônica). 2012 (2001). Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ISSAC, F. Cybernéologisme : Quelques outils informatiques pour l'identification et le traitement des néologismes sur le web. **Langages**, v. 3, n. 183, p. 89-104, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langages-2011-3-page-89.htm>. Acesso em: 12 jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.3917/lang.183.0089>

PRUVOST, J.; SABLAYROLLES, J.-F. **Les néologismes**. Collection Que sais-je? 2a. ed. Paris: Presses Universitaires de France-PUF, 2012.

SABLAYROLLES, J.-F. **La néologie en français contemporain**. Examen du concept et analyse de productions néologiques récentes. Coll. Lexica. Paris: Honoré Champion, 2000. 589 p.

SABLAYROLLES, J.-F. Néologie et classes d'objet. **Neologica**: revue internationale de la néologie, Paris, Garnier, p. 25-36, 2009. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00608879/document>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SABLAYROLLES, J.-F.; JACQUET-PFAU, C.; HUMBLEY, J. Emprunts, créations "sous influence" et équivalents. Passeurs de mots, passeurs d'espoir: lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité. **Actes des 8^e Journées scientifiques du réseau LTT de l'AUF**. Lisboa: Édition des archives contemporaines, 2011. p. 325-339. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00608872>. Acesso em 14 out.2019.

VILELA, M. O léxico do português: perspectiva geral. **Filologia e linguística portuguesa**. São Paulo: USP, 1997, n. 1, p. 31-50. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59644>. Acesso em: 06 dez.2019. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i1p31-50>

Bibliografia complementar

CARTIER, E.; SABLAYROLLES, J.-F.; BOUTMGHARINE, N.; *et al.* Détection automatique, description linguistique et suivi des néologismes en corpus: point d'étape sur les tendances du français contemporain. In: 6^e CONGRÈS MONDIAL DE LINGUISTIQUE FRANÇAISE - CMLF 2018. **SHS Web Conf.**, v. 46, 2018. Disponível em: https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2018/07/shsconf_cmlf2018_08002/shsconf_cmlf2018_08002.html. Acesso em: 14 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1051/shsconf/20184608002>.

CARVALHO, N. **O que é neologismo**. Coleção Primeiros passos (117). São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1989.

MEJRI, S. Figement, néologie et renouvellement du lexique. **Linx**, n. 52, 2005. Disponível em: <http://linx.revues.org/231>. Acesso em: 23 fev. 2017. DOI <https://doi.org/10.4000/linx.231>

MEJRI, S.; SABLAYROLLES, J.-F. Présentation: Néologie, nouveaux modèles théoriques et NTIC. **Langages**, v. 3, n. 183, p. 3-9, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langages-2011-3-page-3.htm>. Acesso em: 20 fev. 2017. DOI <https://doi.org/10.3917/lang.183.0003>

Artigo recebido em: 05.05.2020

Artigo aprovado em: 20.05.2020

Produtividade lexical e neologia em textos humorísticos sobre política

Lexical productivity and neology in humorous texts on politics

Geraldo José Rodrigues LISKA*

RESUMO: O objetivo central deste trabalho é apresentar a análise de um pequeno conjunto de textos humorísticos sobre a política no Brasil e suas associações semânticas (eleições, bancadas, partidos, ações dos governantes), selecionados por mostrarem formações lexicais que resultarão em efeito de sentido humorístico. Pretendemos, com isso, ressaltar o estudo da língua por meio de fatores cognitivos e culturais, levando em conta as diversas construções morfológicas e semânticas permitidas na interação entre sujeito, língua e mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Neologia. Produtividade lexical. Estilística léxica. Humor. Política.

ABSTRACT: The main objective of this work is to present the analysis of a small set of humorous texts about politics in Brazil and its semantic associations (elections, benches, parties, rulers' actions), selected because they show lexical formations that will have a humorous effect. We intend to emphasize the study of language through cognitive and cultural factors, taking into account the different morphological and semantic constructions allowed in the interaction between subject, language and world..

KEYWORDS: Neology. Lexical productivity. Lexical stylistics. Humor. Politics.

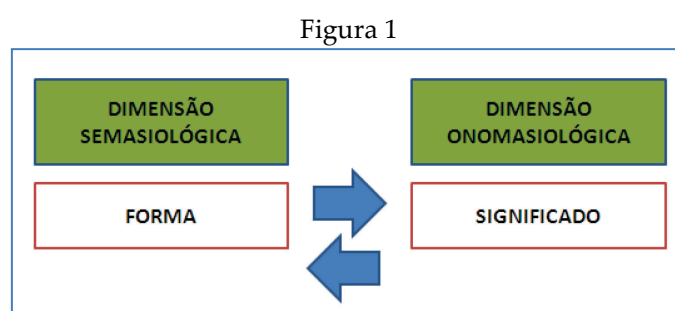
1 Introdução

Ao analisarmos as mudanças pelas quais a língua passa, temos o desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra, isto é, a mudança semasiológica, e a expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical, isto é, a mudança onomasiológica. Essas mudanças têm a função de atribuir um conceito ou uma referência a uma nova forma

* Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9027-5926>. geraldo.liska@unifal-mg.edu.br

ou a um novo sentido, podendo assumir tanto a finalidade denominativa dos processos de formação de palavras, como ser motivadas pela busca de maior expressividade no discurso, com fins estilísticos.

Dito isso, temos então duas formas de direcionar o estudo das palavras: de um lado, da palavra para os seus sentidos e referentes, e, do outro, de um significado ou conceito (ou uma entidade referencial) para as diferentes palavras ou itens lexicais que o podem designar (SILVA, 2006):



Fonte: elaborada pelo autor.

Optando por um ou outro direcionamento dado ao estudo das palavras, concordamos com Ferrarezi Júnior (2010) quando nos debruçamos sobre a cultura dos falantes para as análises linguísticas. Ele defende que a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis (FERRAREZI JÚNIOR, 2010). Deve-se notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. Ao mesmo tempo em que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo), uma interinfluência: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam.

Em razão disso, nosso foco de interesse são as várias criações estilísticas presentes nos textos de fins humorísticos. Percebemos que a maioria delas se aproveita da significação intencional ocasionada pelo jogo de relação entre as palavras para criar

um efeito de sentido e levar o leitor ao riso. São várias as criações formais ou semânticas para determinado texto e contexto que o interlocutor pode resgatar por meio da inferenciação, produção e efeito de sentidos.

Investigamos a neologia presente em textos de fins humorísticos que envolvem assuntos políticos. Percebemos que a motivação tanto no processo de criação quanto no de compreensão encontra-se na representação de conceitos e de associação da nova forma a um material lexical já existente, incluindo as formas subjacentes e derivacionais e os valores semânticos das palavras, permitindo ao falante reconhecer as várias possibilidades de uso do léxico por meio da sua multissignificação. Pretendemos, com isso, ressaltar o estudo da língua por meio de fatores sociais e culturais, levando em conta as diversas construções morfológicas e semânticas permitidas na interação entre sujeito, língua e mundo.

2 Escolhas lexicais e humor

Conforme Richards (1976), quando uma criança chega por volta dos doze anos, é de se esperar que tenha adquirido conhecimento sobre a sintaxe da sua língua, que tem pequenas alterações ao longo da fase adulta de acordo com o papel social e o modo do discurso para atender às necessidades de comunicação e expressão do dia a dia. Já com a aquisição lexical é diferente, pois, como o léxico de uma língua é vasto, constantemente palavras e significados serão adicionados ao vocabulário do falante, por meio da sua interação com outros falantes e com os textos. Todas as atividades que envolvem estudo do léxico têm como consequência a sua expansão.

Além de tratarmos da expansão, concordamos com Gil (2007) ao dizer que as escolhas lexicais se ligam a modelos e representações mentais construídos subjetivamente por indivíduo através de acontecimentos vivenciados e experiências cotidianas. Mesmo que esses modelos e representações mentais se realizem de modo

subjetivo, “podem ser afetados pela cognição social, pelas crenças coletivas traduzidas na ideologia” (GIL, 2007, p. 3).

A nossa intenção ao usar esses textos não é veicular alguma ideologia, mas sim mostrar como podemos observar fenômenos linguísticos na produção do humor. Sabemos que esses textos de fins humorísticos, por serem discursos, servem à ideologia, que também é matéria-prima para o efeito de sentido do interdiscurso no acontecimento discursivo. "Possivelmente todas as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor" (POSSENTI, 1998, p. 38). Também, para que as piadas aconteçam, além da criatividade, é preciso que haja um “solo” fértil de problemas, fruto da manifestação social que envolve assuntos polêmicos e estereotipados, na maioria das vezes ligados ao preconceito, como acontece com as piadas de português ou de loira, ou, quando tratamos de política, relacioná-la a ações negativas (ex: político associado a ladrão). No entanto, como falamos, a nossa intenção é mostrar o jogo de palavras e sentidos no processo de construção do texto.

Por exemplo, na Figura 2, temos inicialmente uma relação entre ‘quadrilhas’ e ‘Congresso Nacional’, como sugere a imagem. Ao observar a imagem, caracterizada por bandeirinhas e balões, infere-se que ‘concurso de quadrilhas’ se refere à dança típica das festas juninas. Esse é o entendimento inicial para decifrar a ambivalência na palavra ‘quadrilhas’. Depois, é necessário que o leitor busque no cenário cultural a relação metafórica convencionalizada e generalizada de que ‘político’ é ‘ladrão’ e que um ‘grupo de ladrões’ é uma ‘quadrilha’. Nessa relação, há a sobreposição de um traço da ação do ‘ladrão’ no domínio de aplicação de ‘político’, compartilhado por esses dois termos, que se tornou consenso cultural no Brasil, como um novo sentido para a palavra ‘político’.

Figura 2



Fonte: <http://abre.ai/UG6>, acesso em: 14 maio 2019.

É o fato de que ‘quadrilha’ e ‘ladrão’ costumam ser usadas para se referir a um mesmo domínio cultural que permite realizar a composição de sentido desejada de associar “política” e “ladroagem”, composição esta vista, em nossa cultura, como uma metáfora. Tal construção é tão cultural que, provavelmente, não funcionaria em países como a Suíça ou a Dinamarca, com baixíssimos índices de corrupção na vida política. Assim, a metáfora se realiza não na língua, mas pela língua. A metáfora se realiza no falante, em sua mente, em função de sua visão de mundo, de suas construções culturais, da leitura permanente que ele faz do cenário em que a enunciação ocorreu ou a que ela remete. A metáfora é mais do que um fato linguístico: ela é um fato cognitivo e, portanto, participa de nossa existência cotidiana.

O mesmo acontece na Figura 3: a palavra ‘política’ ganha um novo sentido, de traço semântico [+negativo], comparada a palavrão, ofensa, a partir de uma visão cultural da personagem:

Figura 3



Fonte: <http://abre.ai/UHQ>, acesso em: 15 maio 2019.

Nos textos humorísticos, essas referências se fazem muito presentes e nelas estará o efeito de sentido que vai proporcionar o riso. Para compreender esses textos, então, estabelecer relações de sentido entre as palavras é imprescindível e é necessária uma escavação textual, provocada pela inferência de significações em estratégias cognitivas. Koch (1997) defendia que o texto é como um iceberg: possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente em que, para se chegar a ela, é necessário percorrer vários sistemas de conhecimento e ativar processos e estratégias cognitivas e interacionais.

3 Neologismos formais e semânticos e a criação neológica estilística

A escolha lexical, responsável para o efeito de sentido humorístico dos textos que constituem o corpus de análise, é um dos fatores que evidenciará um estilo próprio do autor de se expressar. Essa manipulação da linguagem é objeto de estudo da estilística, cujo objetivo, entre outros, é analisar a escolha feita, verificando-se de que maneira se consegue com ela efeitos estéticos e expressividade e, sobretudo, tentando-se chegar à intencionalidade discursiva, conforme Cardoso (2004).

Entre as características estilísticas de expressão citadas por Cardoso (2004), estão a flexibilidade da língua; no enunciado, a escolha entre objetividade e

subjetividade, entre discurso direto e indireto; quanto à organização dos períodos, há a subordinação e a coordenação; e à organização das frases, ordem direta ou indireta.

Em relação ao léxico, a escolha pode ser entre uma palavra que detém um valor (+/-) emotivo, (+/-) avaliativo. Há ainda, a opção por sinônimos, hiperônimos/hipônimos, holônimos/merônimos, ou então “entre uma palavra do universo lexical e uma simplesmente criada para aquela situação de enunciação” (CARDOSO, 2004, p. 149). Nesse último caso, essas novas formações serão denominadas criações neológicas estilísticas.

Esse tipo de neologismo é motivado pela busca de maior expressividade no discurso. Diferentes dos neologismos denominativos, que surgem da necessidade de exprimir conceitos ou nomear realidades novas, os neologismos estilísticos são, de acordo com Ferraz (2006), na sua maioria formações efêmeras, uma vez que não serão utilizados por uma comunidade linguística e, por isso, dificilmente serão encontrados nos dicionários de língua. Aparecem na literatura, no discurso humorístico, em manchetes jornalísticas, em noticiários políticos e na publicidade.

Além disso, muitos não se encontram nos dicionários de língua, mas podem ser registrados em obras específicas, como “O léxico de Guimarães Rosa” (MARTINS, 2001) e “A Criação Lexical em Carlos Drummond de Andrade” (GARCIA, 1977).

Para tratar de processos de formação de palavras, consultamos nove obras de referência para os estudos morfológicos e semânticos do português, a saber: “Neologismo” (ALVES, 1990), “Teoria lexical” (BASÍLIO, 2007), “Formação de palavras do português” (KEDHI, 1997), “Manual de morfologia do português” (LAROCA, 1994), “Introdução à morfologia” (ROSA, 2000), “Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo” (SANDMANN, 1989), “Morfologia lexical” (SANDMANN, 1991), “O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição” (SILVA, 2006) e “Mecanismos de Produção Lexical no Português Europeu”

(RIO-TORTO, 1998). Em geral, podemos citar cinco tipos de operações de formação de palavras:

- Operações formais de adição: por afixação (prefixação, sufixação e circunfixação), por reduplicação e por composição;
- Operações formais de subtração, supressão, redução ou abreviação: hibridismos, truncamentos, cruzamentos, siglagens e abreviações;
- Operações semânticas: metáfora, metonímia, generalização e especialização de sentido.
- Operações sintático-semânticas: composições sintagmáticas, expressões idiomáticas.
- Operações de importações de novas palavras (que abarcam características das quatro operações citadas, com ou sem alteração formal e/ou semântica).

Assim, temos de um lado os neologismos formais, em que há a expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical, isto é, a mudança onomasiológica, de acordo com Silva (2006); e do outro os neologismos semânticos, que provêm de qualquer transformação semântica manifestada em um item lexical, conforme Alves (2004).

Ressaltamos que, entre as variações onomasiológicas, temos as extensões semasiológicas, pois entende-se que todas as mudanças semasiológicas são também onomasiológicas, principalmente quando se leva em conta a iconicidade e o isomorfismo da palavra.

4 Neologismos formais e semânticos e a criação neológica estilística

Para realizar um estudo das estruturas cognitivas e culturais que estão associadas à produção lexical, a fim de entendermos a motivação dessas escolhas

lexicais em sua relação com a experiência individual acumulada culturalmente e com as práticas coletivas da linguagem, “é preciso transpor o estudo dicionarizado dos elementos lexicais e avaliá-los nas manifestações discursivas” (GIL, 2007, p. 1). Analisamos, então, alguns itens lexicais utilizados no discurso, por meio do critério lexicográfico.

Através desse critério, são considerados neologismos lexicais as unidades que não estejam registradas em uma seleção de dicionários de língua. Para tanto, foram adotados como *corpus* de exclusão três importantes dicionários brasileiros: “Dicionário Houaiss da língua portuguesa” (2009), “Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa” (2014) e “Michaelis Português Brasileiro (on-line)”. Utilizamos ainda o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa on-line, da Academia Brasileira de Letras, e o iDicionário Aulete, da Lexikon Editora Digital¹.

Vejamos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Criações lexicais e novos usos de material lexical existente nos textos coletados.

item lexical	criação formal	criação semântica	operação	Motivação	Sentido inferido no contexto	Fig.
4k		X	Siglagem	4K refere-se à resolução das televisões digitais lançadas a partir de 2014 ²	4K relaciona-se com a utilização da letra K para reproduzir a sensação de riso, comum nas redes sociais.	4
balbúrdia		X	Metáfora	Em entrevista dada ao jornal Estadão em abril de 2019, o Ministro da Educação Abraham Weintraub disse que cortaria verba das universidades que	Refere-se à motivação do ministro pela decisão, alegando confusão, desordem acontecendo nas universidades.. Vale a pena frisar que esse comportamento teve como reação das comunidades acadêmicas vários registros das atividades de ensino, pesquisa e extensão sendo	5

¹ *Michaelis Português Brasileiro* (on-line), disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* on-line, da Academia Brasileira de Letras. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>. Acesso em: 20 maio 2019; *iDicionário Aulete*, da Lexikon Editora Digital. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/index.php>. Acesso em: 20 maio 2019.

² Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Resolu%C3%A7%C3%A3o_4K. Acesso em: 23 maio 2019.

item lexical	criação formal	criação semântica	operação	Motivação	Sentido inferido no contexto	Fig.
				estivessem fazendo balbúrdia. ³	divulgadas ironicamente como balbúrdia. ⁴	
Bolsomito	X		Cruzamento lexical	Formado pelo cruzamento do nome do presidente Jair Bolsonaro e 'mito'.	Trata-se do destaque que a figura do presidente tem para a população que o elegeu. O texto é modelo de um jogo de cartas colecionáveis.	6
Bolsominion	x		Cruzamento lexical	Formado pelo cruzamento do nome do presidente Jair Bolsonaro e 'minion'. 'Minion' é um personagem da animação "Despicable Me" (Meu Malvado Favorito), de 2010, da Universal Studios ⁵	Além do personagem, o dicionário Cambridge apresenta como sinônimos para 'minion': 'servo', 'escravo' e 'subordinado' ⁶ . Já 'bolsomilnion' seria o deputado favorecido pelo investimento milionário para a votação da reforma da previdência.	7
Comer a coxinha e a mortadela que o diabo amassou	X		Metáfora	Analogia a 'comer o pão que o diabo amassou'	Reflete na situação do país, negativa, no meio de brigas partidárias ou visões políticas divergentes.	8
Coxinha		X	Metonímia	No falar paulista ⁷ , coxinha é a forma de pagamento ao policial que faz segurança diante das padarias. Por extensão metonímica, o agente acabou sendo representado pelo evento.	No Michaelis on-line, trata-se da pessoa que revela comportamento elitista ou afetado.	9
Coxinha de mortadela		X	Composição	É o próprio alimento e seu próprio recheio.	Aquele que não é a favor de um ou outro partido político de esquerda ou direita.	9
Demônio da Bozomânia	X		Cruzamento lexical	Cruzamento lexical com 'diabo-da-tasmânia', porém não o animal em si, mas o personagem dos desenhos animados Looney Tunes, da Warner Bros.	Que age como o próprio personagem, devastando o que está a sua frente.	11
Dilmais	X		Cruzamento lexical	Cruzamento do nome da ex-presidente Dilma e 'mais'	Em excesso, demais.	12

³ Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>. Acesso em: 23 maio 2019.

⁴ Como pode ser observado nas notícias <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2019/05/15/balburdia-do-ministro-virou-inspiracao-nas-faculdades.htm> e <https://istoe.com.br/entenda-o-que-levou-a-balburdia-as-ruas-de-todo-o-pais/>. Acesso em: 23 maio 2019.

⁵ Como pode ser observado em https://pt.wikipedia.org/wiki/Despicable_Me. Acesso em: 23 maio 2019.

⁶ Consulta realizada em 23 maio 2019: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/minion>.

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2012/04/1078798-tipicamente-paulistanagiria-coxinha-tem-origem-controversa.shtml>. Acesso em: 23 maio 2019.

item lexical	criação formal	criação semântica	operação	Motivação	Sentido inferido no contexto	Fig.
Droga de elite	X		Cruzamento lexical	Analogia ao filme 'Tropa de Elite'	No diálogo, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso se dirige à ex-presidente Dilma de maneira similar ao personagem principal do filme. Refere-se ao ex-presidente como alguém ruim, inútil, que pertence à classe elitizada.	13
Efeito Itamar	X		Composição sintagmática	Referente às ações do político Itamar Franco tanto presidente como governador de Minas Gerais ⁸	Analogia com 'ih, tá mal', sentido negativo.	14
essalentíssima	X		Cruzamento lexical	Cruzamento de 'essa' com 'lentíssima', análogo à 'excelentíssima'.	Refere-se ao modo como são tratados os processos envolvendo políticos.	15
Deu PT	X		Metáfora	Analogia da sigla do partido político com 'perda total' ⁹	Os dois sentidos de PT: 'Partido dos Trabalhadores' e 'perda total' são importantes para entender esta charge.	16
Kasseroduto	X		Cruzamento lexical	Cruzamento do nome do político Gilberto Kassab com 'propinoduto' ¹⁰ .	Refere-se aos possíveis casos de corrupção do ex-prefeito Gilberto Kassab semelhantes ao "Escândalo do Propinoduto", no governo de Anthony Garotinho (RJ), em 2002.	17
Mito		X	Metonímia	Antonomásia para o presidente Jair Bolsonaro.	Trata-se do destaque que a figura do presidente tem para a população que o elegeu. O mesmo que 'Bolsomito'.	18
Mortadela		X	Metonímia	O pão-com-mortadela, de baixo custo, era distribuído aos militantes do PT quando participavam dos movimentos organizados pelo partido ¹¹ . Por extensão metonímica, os agentes acabaram sendo representado pelo alimento.	Refere-se aos simpatizantes do Partido dos Trabalhadores e às pessoas com ideologias mais à esquerda em geral.	10
paródio	X		Cruzamento lexical	Cruzamento de 'paródia' com 'ódio'.	Referência aos atos políticos aos quais o personagem está assistindo, como engraçados e tristes ao mesmo tempo.	19

⁸ Como em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi12019902.htm>. Acesso em: 23 maio 2019.

⁹ Podemos encontrar na internet alguns registros sobre o uso da sigla para 'perda total', como em <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaocolumnistas/paulo-briguet/isso-vai-dar-pt-b8wkgxf8vithm76v66whdissu/>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹⁰ O Escândalo do Propinoduto pode ser melhor esclarecido em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54971.shtml>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹¹ Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mortadela_\(alimento\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mortadela_(alimento)). Acesso em: 23 maio 2019.

item lexical	criação formal	criação semântica	operação	Motivação	Sentido inferido no contexto	Fig.
patriotário	X		Cruzamento lexical	Cruzamento de 'patriota' com 'otário'.	A mudança (negativa para o personagem) do nome do Partido Ecológico Nacional (PEN) para Patriota ¹²	18
PEC		X	Siglagem	PEC do teto dos gastos, aprovada em 2016 ¹³	Analogia com a palavra onomatopaica PEC, som do martelo batendo no prego	20
petralha	X		Cruzamento lexical	Cruzamento lexical de 'PT', do Partido dos Trabalhadores, a 'metralha', referindo aos Irmãos Metralhas, personagens de desenhos animados da Disney.	Caracteriza os políticos e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores como os personagens do desenho, que são ladrões.	9
Pikalula	X		Cruzamento lexical'	Cruzamento lexical de 'Pikachu', personagem do desenho animado Pokemon', ao nome do ex-presidente Lula. Em resumo, Pokemon são criaturas que podem ser capturadas pelas pessoas.	Refere-se ao julgamento de Sérgio Moro sobre o caso de corrupção do ex-presidente. ¹⁴	22
Pokemoro Go	X		Cruzamento lexical	Cruzamento lexical de 'Pokemon Go', desenho e jogo onde criaturas são capturadas pelas pessoas, ao nome do juiz Sérgio Moro.	Refere-se ao julgamento de Sérgio Moro sobre o caso de corrupção do ex-presidente.	22
privapetização	X		Cruzamento lexical	Cruzamento lexical de 'PT', do Partido dos Trabalhadores e 'privatização'.	Refere-se aos casos de corrupção envolvendo o partido político e a Petrobras.	21
Ruinddad	X		Cruzamento lexical	Cruzamento lexical de 'ruim' com o nome do político 'Fernando Haddad'.	Trata-se da candidatura do político filiado ao PT à presidência da República em 2018.	23
talkei	X		Abreviação	Forma lexicalizada de 'tá ok?', expressão utilizada pelo presidente Jair Bolsonaro.	No texto, serve para caracterizar o personagem da charge, referindo-se ao presidente Jair Bolsonaro.	24

¹² Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/o-pen-adora-e-oficialmente-patriota/>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹³ Disponível em <https://oglobo.globo.com/economia/pec-do-teto-dos-gastos-entenda-proposta-aprovada-em-2016-20245268>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/moro-determina-prisao-de-lula-para-cumprir-pena-no-caso-do-triplex-em-guaruja.ghtml>. Acesso em: 23 maio 2019.

item lexical	criação formal	criação semântica	operação	Motivação	Sentido inferido no contexto	Fig.
Trumpicareta	X		Cruzamento lexical	Cruzamento lexical do nome do presidente dos EUA Donald Trump com 'picareta'.	Enganador, fraudador, perseguidos pela mídia.	25
XingoCunha	X		Cruzamento lexical	Cruzamento de chikungunya ¹⁵ , xingo (conjugada de xingar) e Cunha (presidente da Câmara dos deputados)	Mosquito, praga	26

Fonte: elaborado pelo autor.



Figura 4

Disponível em: <http://abre.ai/VkL>.

Acesso em: 10 abr. 2019



Figura 5

Disponível em: <http://abre.ai/VkO>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 6

Disponível em: <http://abre.ai/UH6>.

Acesso em: 12 maio 2019.

¹⁵ Escrita conforme publicado pelo Ministério da Saúde, em <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/chikungunya>. Acesso em: 14 maio 2019.



Figura 7

Disponível em: <http://abre.ai/ahzp>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 8

Disponível em: <http://abre.ai/VkP>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 9

Disponível em: <http://abre.ai/VkQ>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 10

Disponível em: <http://abre.ai/VkS>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 11

Disponível em: <http://abre.ai/VkT>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 12

Disponível em: <http://abre.ai/VkU>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 13

Disponível em: <http://abre.ai/VfM>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 14

Disponível em: <http://abre.ai/VkW>.

Acesso em: 9 maio 2019.



Figura 15

Disponível em: <http://abre.ai/VkY>.

Acesso em: 12 maio 2019.

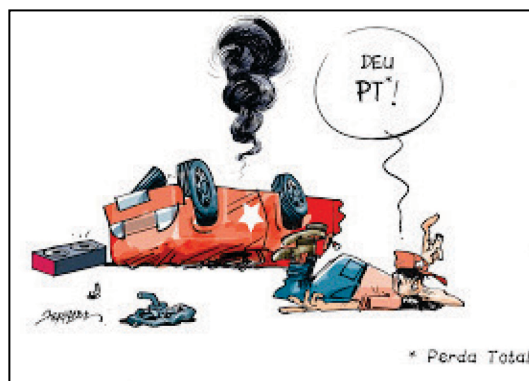


Figura 16

Disponível em: <http://abre.ai/Vqe>.

Acesso em: 10 abr. 2019.



Figura 17

Disponível em: <http://abre.ai/VkZ>.

Acesso em: 12 maio 2019.



Figura 18

Disponível em: <http://abre.ai/Vk2>.

Acesso em: 15 maio 2019.



Figura 19

Disponível em: <http://abre.ai/Vk3>.

Acesso em: 15 maio 2019.

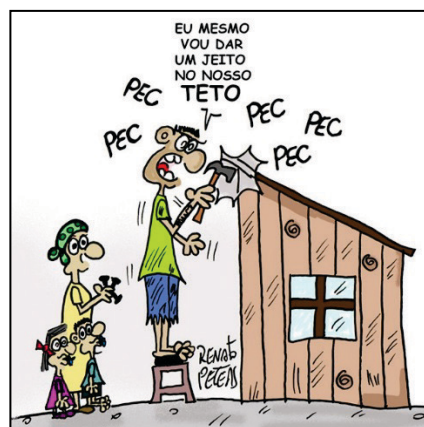


Figura 20

Disponível em: <http://abre.ai/Vk4>.

Acesso em: 15 maio 2019.



Figura 21

Disponível em: <http://abre.ai/Vk7>.

Acesso em: 15 maio 2019.



Figura 22

Disponível em: <http://abre.ai/VkK>.

Acesso em: 10 abr. 2019.



Figura 23

Disponível em: <http://abre.ai/VIR>.

Acesso em: 10 abr. 2019.



Figura 24

Disponível em: <http://abre.ai/VIT>.

Acesso em: 10 maio 2019.



Figura 25

Disponível em: <http://abre.ai/UH5>.

Acesso em: 10 abr. 2019.

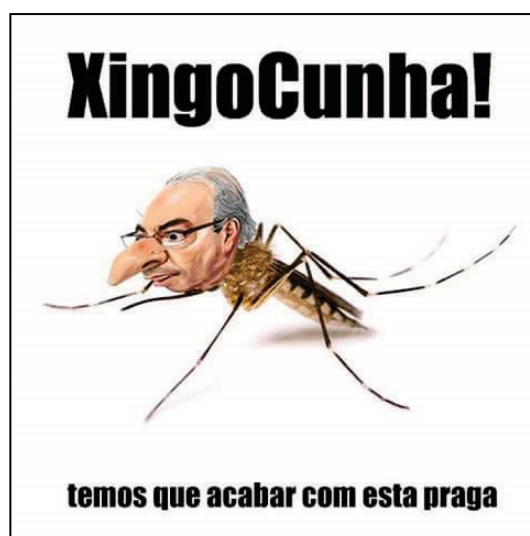


Figura 26

Disponível em: <http://abre.ai/Vkl>.

Acesso em: 10 abr. 2019.

5 Resultados

Nesta pequena amostra de textos, temos 27 palavras: 20 criações formais e 7 semânticas. Além de serem em menor número, os casos que envolvem a semântica das palavras não têm seus sentidos criados especialmente para os textos em que estão inseridos, como 'balbúrdia', 'coxinha', 'mortadela' e 'mito'. Esses textos aplicam criações estilísticas referenciais, independentes, isto é, quando a mudança lexical envolve uma perspectiva de interpretação da palavra que não é motivada a nível linguístico, mas sim encicloplédico e/ou em contextos e discursos específicos, como metáforas, metonímias, generalizações e especializações de sentido.

Para Ferrarezi Júnior, não tem como falar de metáfora desvinculada da cultura, assim como podemos defender a mesma ideia para os demais processos semânticos. A metáfora é a associação de uma característica de um elemento de um paradigma cultural a outro de outro paradigma, ou seja, uma operação de analogia (FERRAREZI JÚNIOR, 2008). Podemos ver que esse entendimento segue o mesmo de Silva (1997), ao tratar da relação entre domínios cognitivos.

Silva (1997) defende que as formas mais comuns de mudança semântica de um item lexical são a metáfora e a metonímia. Esta se manifesta por meio de relações de contiguidade de um domínio cognitivo, intensificando-o e ressaltando-o, já a primeira relaciona domínios cognitivos diferentes, projetando-se no sentido de um domínio-origem para um domínio-alvo, e há nessa relação uma “analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa” (SILVA, 1997, p. 73).

Embora utilizadas nos textos sob análise com funções estilísticas, defendemos que a metáfora e a metonímia estão além de figuras de estilo, como ocorre com ‘coxinha’, ‘mortadela’, ‘balbúrdia’ e ‘mito’, ressignificadas por meio de um processo histórico e sociodiscursivo. As metáforas e as metonímias fazem parte do dia a dia e estão presentes então nos processos de formação de palavras em todas as situações onde a linguagem se manifesta. Essa ideia partiu dos estudos de Lakoff e Johnson (1980) e hoje é amplamente investigada pela Linguística Cognitiva. A função da metáfora seria suprir a necessidade de expressar sentidos para os quais não há expressões específicas e costumeiras na língua, seguindo um critério cultural, que é a possibilidade de comparação de características atribuídas aos referentes representados pelos dois sentidos em questão, segundo a visão de mundo da comunidade que adota tal metáfora. De acordo com Ferrarezi Júnior (2008), isso é permitido no âmbito da nossa cognição porque essa comparação e o decorrente cruzamento de características de referentes, ou seja, essa forma de criar analogias, constitui-se numa das mais comuns formas do pensamento humano.

Essas relações de sentido passam por processos cognitivos e se realizam pela interdiscursividade e na cultura, como podemos observar na manchete da Figura 27 ao mencionar ‘balbúrdia’ no lugar de ‘universidade’. Essa menção dá à palavra ‘balbúrdia’ um novo sentido, graças à fala do Ministro da Educação Abraham

Weintraub, e, quando os jornais o retomam, por meio das escolhas estilísticas na divulgação das notícias, temos um produto neológico em circulação. Não conseguimos mensurar ainda a duração de seu uso.

Figura 27



Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2019/09/inovacao-na-balburdia-presenca-de-empresas-juniores-cresce-nas-universidades-brasileiras.shtml>.

Acesso em: 16 set. 2019.

Já a metonímia é um tipo de metáfora e apresenta as mesmas dimensões. A principal diferença é que o deslocamento de sentidos, na metonímia, ocorre dentro do mesmo conjunto cultural, que Silva (1997) trata como domínio cognitivo, de experiência, ou seja, dentro do mesmo paradigma, e não de um paradigma para outro. Exemplos de metonímia são 'cozinha' e 'mortadela', em que as pessoas envolvidas em uma rotina acabaram sendo representadas pelo alimento comum dessa rotina. Depois, por extensão metafórica, acabaram englobando todos aqueles que compartilham os mesmos sentimentos ou as mesmas ações dessas pessoas.

Segundo Ferrarezi Júnior (2008), quanto mais compreendemos sobre a cognição humana, mais nos damos conta da importância do fenômeno da metáfora, tanto para

a própria maneira de o homem ver, pensar e representar o mundo, quanto para a definição de sua própria humanidade. A capacidade de gerar e operar facilmente com metáforas é, também, um elemento diferenciador singular das línguas naturais em relação às linguagens artificiais, como as dos computadores, o que dá uma dimensão da importância desse fenômeno em um sistema linguístico qualquer.

Já as criações formais, numerosas, apresentam-se na forma de composições sintagmáticas, reduções (truncamentos, mesclagens, siglagens), deformações e/ou variações gráficas, motivadas pelo contexto e por similaridades com itens lexicais já existentes. Encontram-se também nas formas subjacentes e derivacionais das palavras, prefixações, sufixações e circunfixações. Contamos 16 ocorrências de cruzamentos lexicais, que são caracterizados pela interseção de palavras, mas se diferem da composição por aglutinação por não manterem obrigatoriamente seus radicais.

O significado da nova formação está associado a várias questões culturais e, como podemos perceber, refletem a visão crítica e o humor gerado por um momento específico. Segundo Martins, “a sua formação revela criatividade, espírito, e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação” (1997, p. 123-124).

Embora este artigo não trate especialmente do ensino de morfologia nos livros didáticos de português, quando nos deparamos com essa quantidade de cruzamentos lexicais, consideramos importante mencionar que, conforme evidenciado em nossa tese de doutorado (LISKA, 2018), o estudo e as atividades sobre os processos de formação de palavras ora se limitam a oferecer uma lista de palavras em que o aluno deve separar afixos de radicais, ora a apresentação das criações lexicais se resume a derivações e composições, num estudo voltado somente para a forma, sobrepondo o sentido das formações. Concordamos com Gonçalves (2016) e observamos também que as obras evitam o estudo de casos marginalizados (ou não lineares), como reduplicações, truncamentos, hipocorizações e cruzamentos lexicais.

Mesmo sendo tão produtivos, os cruzamentos ou mesclagens lexicais são apresentados nos livros didáticos sob formas híbridas, combinando radicais de origens diferentes, já componentes do acervo lexical da língua portuguesa. Diferentes das composições, há uma perda segmental de uma ou das duas bases, que pode ser facilmente recuperada com a inferenciação do novo significado, normalmente de caráter pejorativo. Palavras como 'chafé' e 'sacolé' fazem parte do cotidiano do aluno e desconsiderar essa realidade é uma das críticas mais frequentes ao ensino tradicional, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, para o ensino do português (BRASIL, 1998).

Sem essa flexibilidade morfológica e polissêmica, estaríamos lidando com uma língua estática e tendo que memorizar talvez trilhões de itens diferentes, cada uma com o seu significado, sem falar que essa capacidade de inferenciar significações relacionando as palavras umas com as outras não existiria. Cada ação comunicativa seria uma experiência nova e, quando não fosse, seria uma mera repetição de enunciados já utilizados, bloqueando a criatividade lexical. Conforme Taylor (2002), uma língua sem polissemia seria útil apenas num mundo sem variação ou inovação, em que os falantes não tivessem de responder a novas experiências nem encontrar símbolos para novas conceptualizações.

De acordo com Ferrarezi Júnior (2010), essa multiplicidade de sentidos é um recurso importante de economia para as línguas naturais, pois permite multiplicar os textos com o uso de um mesmo e menor conjunto de palavras do que seria necessário se cada uma delas tivesse um e apenas um sentido.

Reforçamos que a nossa intenção ao usar esses textos não é veicular alguma ideologia, mas sim mostrar como podemos observar fenômenos linguísticos na produção do humor.

6 Considerações finais

Vimos que, para se falar de significação, não há como analisar termos isolados, fora de um texto, de um contexto. Conforme Fregonezi (1994), a linguagem deixa de ser analisada nos limites do enunciado para englobar fatores relacionados à enunciação. Visamos trabalhos com a compreensão de diferentes possibilidades de uso da língua, entre palavras e/ou expressões, e os sentidos que esses usos podem produzir.

Percebemos que a motivação tanto no processo de criação quanto no de compreensão encontra-se na representação de conceitos e de associação da nova forma a um material lexical já existente, incluindo os cruzamentos lexicais, as formas subjacentes e derivacionais e os valores semânticos das palavras, permitindo ao falante reconhecer as várias possibilidades de uso das palavras por meio da sua multissignificação.

Quando pensamos nisso atrelado ao ensino de morfologia, por exemplo, possibilitamos que o aluno possa reconhecer e fazer uso do efeito de sentido decorrente de palavras e expressões formadas por meio de processos morfológicos e cognitivos, em textos de diversos gêneros, e utilizar, ao produzir texto, recursos expressivos/estilístico-enunciativos como estratégia da construção semântica do texto.

Além disso, nas ocorrências em que o efeito de sentido acarrete o humor, esse tratamento possibilita que casos assim passem a ser estudados por meio dos fenômenos linguísticos dos quais se originam, a fim de tornar objetos de estudo os textos de fins humorísticos. Quando fazemos isso, damos um sentido maior para o uso desses textos, além de servirem de suporte para análises morfossintáticas ou, em alguns casos, somente como entretenimento. Neles, podem ser trabalhadas as relações sócio-históricas e culturais entre o texto, seu cenário de produção e o cenário existencial do aluno.

Atividades assim criam a possibilidade de o aluno identificar todo um conjunto de questões de ordem linguística que vão desde a própria natureza e função de diversos textos (e do humorístico especificamente) e das questões específicas de construção lexical até aquelas de ordem mais ideologicamente valorativa, como, por exemplo, a utilização do humor para fins catárticos nas sociedades.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do Ensino fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, E. A. A criação neológica estilística. **Matraga**: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ano 11, n. 16. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

FERRAREZI JÚNIOR, C. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010. 296 p.

FERRAREZI JÚNIOR, C. **Semântica para a Educação Básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editora, 2008. v. 1. 270 p.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. *In*: SEABRA, M. C. T. da C. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

FREGONEZI, D. E. A formação permanente do professor de língua portuguesa. *In*: **Seminário do Gel- Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo**, 1994, São Paulo. XXIII Anais de Seminários do GEL. São Paulo/SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 705-711.

GARCIA, N. S. **A criação lexical em Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Rio, 1977.

GIL, B. D. Aspectos ideológicos nas escolhas lexicais de Bezerra da Silva. *In: Anais do VIII Encontro Nacional de Linguagem Verbal e Não-Verbal e II Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso*, 2007.

GONÇALVES, C. A. V. **Processos 'Marginais' de formação de palavras**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2016. v. 1. 146 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1997.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. The metaphorical structure of the human conceptual system. **Cognitive Science**, 4, 1980, p. 195–208. DOI https://doi.org/10.1207/s15516709cog0402_4

LAROCCA, M. N. de C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes, 1994.

LISKA, G. J. R. **O estudo do léxico na sala de aula: investigação do ensino dos processos semânticos de formação de palavras sob a perspectiva da Semântica de Contextos e Cenários (SCC)**. Belo Horizonte: UFMG, 2018. 265 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MARTINS, N. S. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2001.

MARTINS, N. S. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: T.ª Queiroz, 1997.

POSSENTI, S. **Os Humores da Língua: Análise Lingüística de Piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RICHARDS, J. The role of vocabulary teaching. **TESOL Quaterly**, v. 10, n. 1, p. 77-89, 1976. DOI <https://doi.org/10.2307/3585941>

RIO-TORTO, G. M. Mecanismos de Produção Lexical no Português Europeu. **Alfa**, São Paulo, 42 (número especial), p. 15-32, 1998.

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor / São Paulo: Ícone, 1989.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. I. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1997.

SILVA, A. S. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

TAYLOR, J. R. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Artigo recebido em: 27.05.2019

Artigo aprovado em: 18.09.2019

Neologismos por derivación en la traducción del portugués al español

Neologisms in the translation from Portuguese to Spanish

Ana María DÍAZ FERRERO*

Rafael PORLÁN MORENO**

RESUMEN: El proceso de formación de palabras en portugués y en español presenta falsas similitudes que obligan al traductor, particularmente cuando se trata de procesos con poco tiempo para la reflexión como es el caso de la traducción a vista (TAV), a prestar especial atención a la forma con el objeto de evitar errores. En este artículo presentamos una propuesta didáctica destinada a desarrollar la competencia léxica y adquirir habilidades de reformulación para evitar calcos que den lugar a neologismos innecesarios en el proceso de traducción. Se propone una actividad de TAV distribuida en cuatro fases: 1. traducción a vista sin preparación para tomar conciencia de los posibles errores; 2. activación léxica; 3. lectura y comprensión del texto original, y 4. reformulación. Esta propuesta didáctica pone de manifiesto que al traducir estos vocablos del portugués al español y viceversa hay que tener en cuenta factores como la tradición en el proceso de derivación de cada lengua y la frecuencia de uso de las palabras, así como las características de cada texto para emplear el término adecuado y ofrecer un texto

ABSTRACT: When approaching the translation process from Portuguese into Spanish and vice-versa there is a series of issues which must be taken into account such as, for example, traditions in language derivation and the frequency of use of some words, as well as the characteristics of each specific text for the most appropriate term to be used so the target text represents the semantic contents of the source text in a truly natural and idiomatic manner. This paper is a teaching proposal for sight translation aimed at developing student's lexical competence and helping them improve their rephrasing abilities so they can avoid loans which in turn create unnecessary neologisms in the translation process.

* Doctora en Filología Románica por la Universidad de Granada. Profesora titular de la Universidad de Granada (UGR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0916-5552>. anadiaz@ugr.es

** Doctor en Traducción e Interpretación por la Universidad de Granada. Profesor Asociado de la Universidad de Córdoba (UCO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1534-6763>. lr1pomor@uco.es

meta que reproduzca el contenido semántico del original de la forma más natural e idiomática.

PALABRAS CLAVES: Traducción a vista. Neologismos. Español y portugués. Didáctica de la traducción. Derivación.

KEYWORDS: Sight translation. Neologisms. Spanish and Portuguese. Translation didactics. Derivation.

1 Introducción

La derivación es el procedimiento de formación de palabras que consiste en agregar un afijo (prefijo, sufijo o infijo) a una base léxica dando como resultado una palabra derivada. En el caso del portugués y el español, debido a su origen etimológico común, existe un alto paralelismo en los procesos de derivación de estas lenguas lo cual facilita la adquisición del léxico y las tareas de traducción e interpretación. De este modo existen palabras en las dos lenguas parecidas o incluso idénticas formadas por prefijos o sufijos cuya forma y significado es igual o similar como *rever//rever*, *refazer//rehacer* formadas con el prefijo *re-//re-* que significa repetición; *aclamação//aclamación*, *votação//votación*, sustantivos deverbales obtenidos por derivación con el sufijo *-ção//ción* que significa 'acción y efecto', y *americano//americano* o *cubano//cubano*, gentilicios formados con el sufijo *-ano//ano* que indica el origen geográfico.

Esta correspondencia simétrica no es tal en otros casos y, si no nos percatamos de ello, podemos hacer un uso poco idiomático de la lengua o crear de forma inconsciente un neologismo cuyo uso resulta incorrecto al calcar la forma de una lengua en la otra. Estas diferencias en los procesos de derivación entre estas dos lenguas se producen ya sea porque los prefijos o sufijos no se agregan a las mismas bases léxicas en portugués y en español o porque las palabras derivadas, a pesar de ser similares, presentan divergencias de uso en cada lengua. Veamos en primer lugar algunos casos de palabras que siguen diferentes procesos de formación en portugués y en español. Por ejemplo, los prefijos *i-*, *in-*, *im-* y *de(s)-*, *di(s)-*, pueden emplearse tanto en portugués como en

español para indicar negación o acción contraria: *inútil//inútil*, *ilegal//ilegal* y *desidratar//deshidratar*, *desordem//desorden*, *díspar//dispar*. Sin embargo, para expresar en español lo contrario de «necesario» y de «respetuoso» se emplean normalmente los prefijos in-, i-: «innecesario», «irrespetuoso» respectivamente, y en portugués se usa el prefijo des-: *desnecessário* y *desrespeitoso*. Otro ejemplo lo hallamos en los sufijos *-ção//-*ción y *-mento //*-miento que se usan en portugués y en español respectivamente para indicar acción y efecto, y se emplean en ambas lenguas para formar sustantivos deverbales (*alterar* → *alteração//alteración*; *elaborar* → *elaboração//elaboración*; *funcionar* → *funcionamento//funcionamiento*; *agradecer* → *agradecimento//agradecimiento...*), pero para expresar acción y efecto de *cancelar//cancelar* y de *polir//pulir* se usa *cancelamento* y *polimento* en portugués, y «cancelación» y «pulido», en español.

En otros casos esa diferencia se pone de manifiesto porque en una de las dos lenguas el sustantivo se forma por sufijación cero y en la otra lengua se emplea un sufijo. Es lo que sucede para indicar la acción y efecto de *despedir//despedir* que se usa en portugués *despedimento* y *despedida* y en español «despido» y «despedida», o para expresar la acción y efecto de *deteriorar//deteriorar*, que se emplea en portugués: *deterioração* o *deterioramento* y en español: «deterioro» o la forma menos usada: «deterioración».

Por lo que respecta a las diferencias de uso, estas se deben principalmente a diferencias diatópicas, contextuales o a la desigualdad en la frecuencia de uso en cada lengua, es decir, las formas derivadas varían en términos de uso dependiendo de la lengua; puede ser que en una de las dos lenguas la forma esté en desuso, se trate de una voz de uso poco frecuente o que se emplee en cada lengua en diferentes contextos o lugares. Podemos denominarlos falsos amigos pragmáticos, dado que poseen una forma idéntica o parecida en portugués y en español, pero ocultan divergencias pragmáticas porque no se emplean en las dos lenguas en el mismo contexto, zona

geográfica o situación comunicativa (DÍAZ FERRERO, 2019, p. 486-487). Por ejemplo, *angolano/angolano* es un gentilicio empleado en portugués y español para designar a la persona natural de Angola, pero en español tan solo se emplea en Cuba y en el resto del ámbito hispánico se prefiere «angoleño». *Descontentamento* en portugués y «descontentamiento» en español son palabras formadas con el prefijo *des-//des-* y el sufijo *-mento// -miento* y significan en ambas lenguas: ‘falta de contento, disgusto’, si bien en español la palabra «descontentamiento» apenas se emplea, siendo más frecuente el uso de «descontento». Lo mismo sucede con *acolhimento*, en portugués, y «acogimiento», en español, que significa ‘acción y efecto de acoger’, pero en español la forma «acogimiento» se usa casi exclusivamente en la colocación «acogimiento familiar» y en los demás casos se prefiere la forma «acogida». Igualmente, en portugués y español existen respectivamente los sinónimos *desumano/inumano* y *deshumano/inhumano* pero en español se utiliza con más frecuencia «inhumano» y en portugués *desumano*. Como indica Akerberg (2013) estas variantes suponen un problema adicional dado que los diccionarios no siempre indican información diatópica sobre frecuencia de uso o indicaciones sobre preferencias de uso en diferentes contextos:

Para conferir qual é o substantivo do verbo ensinar, encontram-se no dicionário ensino, ensinamento, ensinança. Todos existem ou existiram alguma vez, mas alguma forma pode ter um uso especializado que os dicionários não assinalam claramente. Mesmo os dicionários bilingues não dão suficientes exemplos para permitir aos estudantes descobrir as pequenas diferenças: ensinamento como produto de um exemplo de atuação exemplar, muitas vezes com uma conotação religiosa frente à palavra frequente para a situação de educação: ensino. Insinança normalmente tem o comentário p.us., = pouco usado, não necessariamente percebido pelo aluno (AKERBERG, 2013, p. 22).

Cuando existe correspondencia plena (formal, semántica y pragmática) en las dos lenguas el traductor puede optar, si el contexto lo permite, por realizar una traducción

literal, pero si no existe paralelismo en las dos lenguas, se pueden generar traducciones poco idiomáticas o incluso incorrectas si se calcan estos términos de una lengua a la otra. Es el caso de la siguiente frase extraída de un artículo titulado «Brasil, Sou da paz» publicado en la revista Cuadernos para el diálogo y en la que se calca la palabra *desarmamento* del portugués en lugar de emplear la forma «desarme», que es mucho más frecuente en español:

El Instituto Sou da Paz trabaja para el **desarmamiento** y es una de las principales ONG del Brasil [...] (**Cuadernos para el diálogo**, nº 12, julio/agosto, 2006).

Puede encontrarse un caso similar en el siguiente texto que reproduce las palabras del ministro de Asuntos Exteriores en Brasil en 2012 y donde se traduce de forma literal la palabra *descontentamento* donde se podría haber usado «descontento» o incluso otras opciones como «insatisfacción»:

Irritada, ela ordenou ao Itamaraty que expressasse seu **descontentamento**. A mudança de tom ocorreu depois de Dilma ter lido na imprensa as críticas tecidas anteontem pelo secretário geral. Irritada, ela ordenou ao Itamaraty que expressasse seu descontentamento a Ki-moon. (Folha de São Paulo, 22 de junho de 2012)

La entrevista de sólo ocho minutos con periodistas brasileños, dejó a todos desconcertados, principalmente a los movimientos sociales. Según el diario Folha de São Paulo, el cambio de opinión de Ban Ki-moon ocurrió después de una reunión con el canciller brasileño, Antonio Patriota, que comentó el **descontentamiento** de Rousseff con su discurso de apertura. (ABC, 22 de junho de 2012)

Un ejemplo de neologismo, creado probablemente de forma inconsciente, lo observamos en la siguiente noticia publicada en el periódico español El Mundo en la

que se ha calcado el término portugués *moçambicano* y se ha creado una nueva palabra por sufijación en lugar de usar la forma existente en español: «mozambiqueño»:

Los **mozambicanos** de las regiones centrales miran constantemente hacia las nubes. Del cielo llegaron las aguas que sepultaron sus tierras y sus casas. Y del cielo vienen las ayudas que les permiten seguir teniendo esperanza. [...] (El Mundo, 5 de marzo de 2000).

La causa de estas traducciones inadecuadas puede deberse al “estado hipnótico” que se crea al trabajar con lenguas próximas. El uso continuado de dos lenguas tipológicamente tan próximas hace que, en ocasiones, sea difícil distanciarse y diferenciar la lengua portuguesa de la española lo que provoca una extraña sensación de mimetismo hipnótico que lleva a aceptar como propios términos que en realidad pertenecen a la lengua extranjera. En este caso la existencia de sufijos similares en portugués y en español y la productividad del sufijo –ano para expresar tanto en portugués como en español la procedencia o la nacionalidad con palabras como *mexicano//mejicano*, *italiano//italiano*, *sevilhano//sevillano* o *lituano//lituano* puede inducirnos a pensar que en español el sufijo –ano se emplea también para formar el gentilicio de la persona natural de Mozambique.

Otro ejemplo de creación de neologismo se produjo en el siguiente artículo publicado en eldiario.es en el que se emplea en español el término «descaracterizado» por influencia del portugués *descaracterizado*:

Boicotearon la investidura los diputados del Partido de los Trabajadores y del PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Ambos aceptaron desde el principio el resultado electoral, pero según indica el comunicado oficial del PT, eso no impide que en un acto de resistencia denuncien que el proceso ha estado **descaracterizado** “por el golpe del impeachment, por la prohibición ilegal de la candidatura del expresidente Lula y por la manipulación criminal de las redes sociales para difundir mentiras contra el candidato Fernando Haddad”. (eldiario.es, 01/01/2019)

En este caso la causa de la creación de este neologismo puede deberse a la realización de falsas analogías en los procesos de formación de palabras que pertenecen a una misma familia. Dado que podemos encontrar una correspondencia formal en español para palabras como *característica*, *caracterizar* o *caracterização* podemos pensar que también existe la palabra *descaracterizar en la lengua española.

Estos ejemplos ponen de manifiesto que al traducir del portugués al español y viceversa hay que tener en cuenta factores como la tradición en el proceso de derivación de una lengua, pero también hay que considerar la frecuencia de uso de las palabras, así como las características de cada texto y el encargo de traducción para emplear el término adecuado y ofrecer un texto meta que reproduzca el contenido semántico del original de la forma más natural e idiomática. Para ello es fundamental desarrollar la competencia léxica y aprender a distanciarse del texto original lo que permitirá realizar una reformulación natural.

2 Propuesta didáctica de Traducción a Vista (TAV). Fases

En este artículo presentamos una propuesta didáctica cuyo objeto es desarrollar la competencia léxica y adquirir habilidades de reformulación para evitar calcos que den lugar a neologismos innecesarios en el proceso de traducción. Este tipo de errores se producen con más frecuencia en tareas en las que, debido a su inmediatez, las posibilidades de revisión son escasas o nulas como sucede en la traducción a vista y en las tareas de interpretación. Por consiguiente, proponemos una actividad de traducción a vista distribuida en cuatro fases: 1. traducción a vista sin preparación previa; 2. activación léxica; 3. lectura y comprensión del texto original. 4. reformulación.

Antes de exponer el contenido y los objetivos de cada una de las fases de esta propuesta didáctica realizaremos una breve presentación para definir la TAV y los beneficios que proporciona en la formación de futuros traductores e intérpretes. La

TAV, que también recibe el nombre de traducción a simple vista, traducción a primera vista, interpretación a la vista, simultánea con texto, traducción a libro abierto, traducción al dictáfono (HURTADO ALBIR, 2011, p. 83) consiste en la reformulación oral en lengua de llegada de un texto escrito en lengua de partida (JIMÉNEZ; HURTADO, 2003, p. 48). La TAV es un ejercicio fundamental para comprender el proceso de reelaboración mental necesario para distanciarse del texto original y conseguir una producción oral natural. La propia necesidad de trasladar a la lengua oral un texto escrito, imbuyéndolo de la naturalidad necesaria en la lengua de llegada, supone para el estudiante una toma de contacto de gran valor con este proceso de traducción. En cualquier combinación de lenguas, esta labor obliga al estudiante a cobrar perspectiva sobre el conjunto del mensaje o discurso para poder conferir el necesario sentido a su producción oral (SELESKOVITCH; LEDERER, 2001) manteniendo la fidelidad al mensaje original. Asimismo, el hecho de contar con la referencia física del texto impreso original facilita la identificación de términos, palabras y estructuras que podrían suponer una tentación para la generación de neologismos en un proceso de producción. La ventaja para el traductor/intérprete es que, por un lado, cuenta con el soporte material del texto de partida, como sucede en la traducción escrita y, por otro, debe reformular sin perder la perspectiva del mensaje y la fluidez en la lengua de llegada.

Entre los beneficios de la TAV se encuentran: el criterio de selección de opciones, la capacidad de paráfrasis o de reformulación, el desarrollo de la habilidad de análisis textual y de las relaciones intradiscursivas, el entrenamiento de la división de la atención para poder leer el texto original y hablar al mismo tiempo, y la ampliación de vocabulario tanto en la lengua de partida como en la lengua de llegada (PORLÁN MORENO, 2017). El establecimiento de nuevas relaciones activas de carácter léxico-semántico en la mente del estudiante/intérprete es a menudo un elemento motivador para el proceso de aprendizaje. Que el estudiante identifique y sea consciente de su

propia capacidad para reelaborar y parafrasear sirviéndose del contexto y, a menudo, sin necesidad de recurrir a referencias terminológicas o de vocabulario externo (esto es, sin recurrir a diccionarios o listados) le hace cobrar confianza en su capacidad para abordar el proceso de producción en la lengua de llegada, al tiempo que promueve una sensación de responsabilidad sobre la fidelidad del mensaje final y su calidad idiomática.

La actividad que proponemos en este artículo la hemos llevado a cabo durante cuatro años académicos en la asignatura “Traducción 1 C-A Portugués” del grado de Traducción e Interpretación de la Universidad de Granada, primera asignatura de traducción de este par lingüístico en el mencionado plan de estudios. Los estudiantes que cursan esta asignatura tienen la lengua portuguesa como lengua C (segunda o tercera lengua extranjera) y poseen un nivel de competencia lingüística B2/C1 del *Marco Común Europeo de Referencia para las lenguas* (CONSEJO, 2002). La puesta en práctica de esta actividad ha demostrado resultados positivos respecto al entrenamiento de la reformulación y del desarrollo del espíritu crítico del estudiante para identificar las interferencias que pueden aparecer cuando se realiza una traducción literal demasiado pegada a la forma del texto original. Como afirman Abril Martí y Collados Aís (2001, p. 122) “la traducción a vista permite al estudiante comprobar su vulnerabilidad a las interferencias y desarrollar recursos para superarlas en una situación controlada”.

La actividad que planteamos consiste en traducir diez textos de carácter periodístico de portugués europeo y portugués de Brasil sobre temas de actualidad política y social que incluyen términos formados por derivación susceptibles de provocar interferencias entre la lengua portuguesa y la española. Son textos reales y originales especialmente seleccionados para poder poner en práctica el análisis de la traducción de diferentes palabras formadas por derivación. Para poder realizar diferentes análisis en el aula y rentabilizar al máximo los resultados de esta actividad

no se trabaja con las noticias completas sino únicamente con el titular, el subtítulo, la entrada y, en ocasiones, parte del cuerpo de la noticia.

2.1 Primera fase de la propuesta didáctica: TAV sin preparación previa

La TAV es una actividad profesional frecuente en reuniones empresariales, visitas turísticas, encuentros entre delegaciones extranjeras o en exposiciones, entre otras (TROVATO, 2012) y el traductor o intérprete no siempre tiene tiempo de documentarse ni de realizar una lectura preliminar. Por este motivo, en esta primera fase se realiza una traducción a vista de los textos seleccionados sin realizar una labor de documentación o lectura previa. El objetivo principal de esta tarea es que el estudiante tome conciencia de las dificultades reales que conlleva la traducción de términos como *agroalimentar*, *desimpedir*, *desconseguir*, *descumplir*, *favorecimiento*, *repatriamento*, *invulgar*, *tanzaniano*, *civilizacional* o *inestético*. Para ello, después de traducir los textos, se efectúa un análisis de los calcos, vacilaciones, silencios u omisiones realizados por los alumnos al traducir estos términos y el motivo que los originó. Además de las apreciaciones que el profesor pudiera hacer, resulta útil realizar una grabación de la producción del estudiante, lo que le permitirá desarrollar un análisis propio así como identificar su estilo o forma productiva. En esta fase inicial es primordial que el profesor sea quien guíe al estudiante en el desarrollo de la conciencia crítica; con una capacidad de distribución de esfuerzo poco depurada, el estudiante debe lidiar con varios frentes al mismo tiempo: análisis, comprensión, reelaboración y formulación oral, por lo que no es de extrañar que le resulte difícil detectar cuándo se ha podido generar un neologismo o una derivación inapropiada. La energía mental disponible siempre estará limitada (GILE, 1992), y es necesario un tiempo de entrenamiento para que la distribución de esfuerzos sea equilibrada. Quizá en la combinación de lenguas portugués/español sea necesario atender más que en

otras combinaciones al denominado cuarto pilar de la teoría interpretativa: el dominio de la metodología de interpretación (JUNGWHA, 2003, p. 2).

2.2 Segunda fase de la propuesta didáctica de TAV: Activación léxica

En esta segunda fase se realizan ejercicios de activación léxica para ampliar el caudal de vocabulario tanto en la lengua de partida como en la lengua de llegada. Para ello se entrega una relación de las palabras derivadas en portugués que aparecen en los textos para completar una ficha lexicográfica donde se deben incluir ejemplos contextualizados, el significado de cada término y posibles sinónimos, además de atribuir posibles equivalencias lingüísticas y pragmáticas en español. Esta ficha incluye un apartado para la posible creación de un neologismo en español. Para ello hemos adaptado la ficha de detección neológica presentada por Vega Moreno (2018) que a su vez está basada en los parámetros de neologicidad para la detección de candidatos a neologismos de Cabré (1993, p. 445 y 2002, p. 33). Las obras lexicográficas de referencia empleadas para la lengua portuguesa son el Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2009) y el Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP) (PRIBERAM, 2008-2013). Para la lengua española se consultarán: el Diccionario de la Real Academia española (DRAE), versión electrónica de la vigesimotercera edición de este diccionario (RAE, 2014), el Corpus de Referencia del Español Actual (CREA) (RAE) y el Diccionario de uso del español actual (CLAVE, 2012).

Ficha lexicográfica

Término en portugués	
Ejemplo contextualizado	
Definición en portugués	Houaiss: Priberam:
Sinónimos intralingüísticos en portugués	
Filtro lexicográfico en español	DRAE: CLAVE: CREA:
Equivalencia lingüística en español	
Equivalencia pragmática en español	
Observaciones de uso	

El objetivo de este ejercicio no es solo ampliar el vocabulario sino también dar a conocer la diferencia entre equivalencia lingüística y descontextualizada, y equivalencia funcional y pragmática (ÁLVAREZ ÁLVAREZ; DE FELIPE BOTO, 2003). El análisis de cada término en un contexto específico determinará la equivalencia funcional y la pertinencia o no de crear un neologismo en español o emplear otro procedimiento de traducción como la paráfrasis reformulativa o la búsqueda de sinónimos. Por ejemplo, la equivalencia lingüística en español del término *descontinuar* es «descontinuar» o «discontinuar». Las dos formas están registradas en el DRAE, en el CLAVE y el CREA, donde aparecen 12 casos de la forma *descontinuar* y tres casos de *discontinuar*. En el DRAE también aparecen las dos formas, pero *discontinuar* remite a *descontinuar* y nos informa sobre el uso de estos términos en varias zonas de América: Antillas, Chile, Costa Rica, Ecuador, Guatemala, Honduras, México, Nicaragua y Perú. Así, la equivalencia pragmática en español de la palabra *descontinuar* en esta frase: *A Organização Mundial de Saúde recomenda descontinuar as benzodiazepinas após detecção de efeitos adversos físicos ou psíquicos no idoso* (<https://justnews.pt/>, 18 de julho de 2019) dependerá del destinatario y de la función del texto. Por ejemplo, podría traducirse por «descontinuar» o «descontinuación» si

fuese para un destinatario de México o de Chile, pero para un lector español se podría reformular de este modo: La Organización Mundial de la Salud recomienda no suministrar benzodiazepinas [...] o de este otro: [...] La OMS recomienda interrumpir el tratamiento [...]

2.3 Tercera fase de la propuesta didáctica de TAV: Lectura y comprensión del texto original

Como hemos mencionado anteriormente, en la práctica profesional en el momento de llevar a cabo una TAV no siempre hay tiempo para realizar una lectura detallada y pormenorizada del texto ni para indagar sobre la temática o la terminología adecuada. En la actividad que aquí proponemos, dado que se trata de un ejercicio académico, dedicaremos el tiempo necesario a leer y comprender el texto original como si no se tratase de una traducción a vista.

El objetivo de esta etapa es determinar el sentido del texto realizando una lectura atenta que nos permita identificar no solo el significado de las palabras sino realizar una interpretación profunda del texto en su conjunto. Como señala Weinberg *et al.* (2018), la etapa de comprensión es un proceso cognitivo que exige la interpretación y análisis de forma consciente. Es “la primera fase del proceso de traducción y el traductor se acerca a la comprensión total del texto a través del análisis lingüístico y extralingüístico del texto original” (WEINBERG *et. al.* 2018, p. 313). Según propone Schmidhofer (2012, p. 67) el primer paso consiste en una lectura rápida y un análisis macroestructural para determinar el campo temático, la clase textual y la función del texto y a continuación, debe realizarse una lectura intensiva para asimilar no solo el significado denotativo del texto, sino también confirmar o rectificar las hipótesis hechas durante la primera lectura e identificar el tono y el registro del texto. Al mismo tiempo, el traductor ha de extraer y aclarar los términos desconocidos y recabar información sobre la situación comunicativa del texto original y del texto meta para luego elegir las técnicas de traducción más apropiadas. Dependiendo de la

competencia lingüística alcanzada en la lengua de partida y, con el fin de no distraer la atención del estudiante de la captación del sentido del texto en su conjunto, puede ser conveniente evitar este paso o insistir en que sólo se realice la búsqueda de términos en una fase última de análisis. Con independencia del nivel de competencia, el alumno suele detener el trabajo de análisis en el momento en que encuentra un vocablo que desconoce, sin esperar siquiera a que el contexto contribuya a dilucidar el significado de ese vocablo. Hemos encontrado que es realmente necesaria una llamada de atención del profesor en este sentido, ya que pocos son los alumnos que, en una primera aproximación a la TAV, optarán por la visión de conjunto en lugar de la disección del texto, fragmento a fragmento, que será su primera inclinación.

2.4 Cuarta fase de la propuesta didáctica de TAV: Reformulación

En esta cuarta y última fase de la actividad se realiza una TAV de los mismos textos traducidos en la fase inicial con el objeto de evitar caer en los errores que se cometieron en la primera fase. Los ejercicios realizados en las tres etapas anteriores proporcionan los recursos necesarios para poder abordar con éxito la TAV: el análisis de los errores realizado en la primera fase activa la atención y mantiene el estado de alerta necesario para evitar calcos, neologismos, silencios o vacilaciones; los ejercicios de activación léxica aumentan los recursos para poder seleccionar con agilidad los términos o estructuras adecuadas en español, en otras palabras proporcionan flexibilidad léxica y sintáctica para poder reestructurar el mensaje cuando la traducción literal no es posible; y por último la lectura y comprensión global del texto permite la reformulación basada en el contenido y no en la forma.

3. Propuesta didáctica. Ejercicios

3.1 Textos para TAV

Texto 1

“Tenho Alergia Alimentar, e Agora?” O livro da nutricionista e investigadora Inês Pádua responde

Por se tratar de uma epidemia recente, as delicadezas e perigos das patologias alérgicas são ainda desconhecidas por muitos. Em



“Tenho Alergia Alimentar, e Agora?”, livro da nutricionista e investigadora Inês Pádua, encontramos esclarecimento para dezenas de dúvidas sobre o tema. Uma obra com estreia nos escaparates a 8 de março.

“Nunca a temática da alimentação esteve tão presente na vida das pessoas como nos dias de hoje. Um número cada vez maior tem de aprender a viver com o ataque dos próprios alimentos”. É esta a premissa que dá início ao livro “Tenho Alergia Alimentar, e Agora?” (uma edição da Pergaminho), no qual Inês Pádua, nutricionista e investigadora, promete descomplicar a alergia alimentar, esclarecendo as dúvidas de forma acessível e prática. (lifestyle.sapo.pt, 27 de fevereiro de 2019) Disponible en: <https://lifestyle.sapo.pt/sabores/noticias-sabores/artigos/tenho-alergia-alimentar-e-agora-a-nutricionista-e-investigadora-ines-padua-responde> Acceso el: 15 nov. 2019.

Texto 2

Consequências da globalização

A abolição de barreiras colocou em perigo todo o sistema de controlo de capitais e de riqueza, que passou a ser marcado pela volatilidade, incerteza e rapidez na transferência de fluxos financeiros.

É indesmentível que a globalização trouxe benefícios únicos à sociedade mundial. O aumento do comércio e a diminuição das barreiras à circulação de pessoas e de capitais foram importantes conquistas, cimentadoras de um longo período de paz e prosperidade. No entanto, assistimos a um descontentamento

generalizado, materializado nas urnas, com consequências no processo de globalização. Não restam dúvidas que o mundo chegou ao limite da sua incompetência no que diz respeito à criação e distribuição da riqueza. A disparidade de rendimentos irá forçar um processo de hibernação, ou seja, de proteccionismo. Esta opinião não tem a ver com a eleição de Trump, mas com a necessidade que os cidadãos sentem de protecção do seu património, seja ele financeiro, social ou cultural, variáveis que agora se percebem ameaçadas. Com efeito, uma globalização demasiado rápida entre povos com características tão díspares tem como consequência, por um lado, o surgimento de atritos, por outro, de novas formas de controlo. (**O Jornal Económico**, 2 de dezembro de 2016). Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/consequencias-da-globalizacao-95660> Acesso el: 14 nov. 2019.

Texto 3

Sociedade

Três agentes da PSP feridos após capotamento em Lisboa

Seguiam num carro descaracterizado

Três agentes da PSP ficaram feridos, na madrugada desta sexta-feira, na sequência de um despiste, seguido de capotamento, na Charneca do Lumiar, em Lisboa.

Os polícias, da 3ª Divisão da Esquadra de Investigação Criminal de Benfica, seguiam numa viatura descaracterizada para prestar auxílio a uma ocorrência, quando se deu o acidente cerca das 2h30, segundo o Correio da Manhã.



As vítimas tiveram de ser desencarceradas, e depois foram transportadas para o Hospital Beatriz Ângelo, em Loures. (**sol.sapo.pt**, 12 de julho 2019). Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/664858/tr-s-agentes-da-psp-feridos-apos-capotamento-em-lisboa> Acesso el: 12 nov. 2019.

Texto 4

Sociedade

Má preparação de medicamentos fecha quatro farmácias hospitalares

Vistoria do Infarmed deteta irregularidades no manuseamento dos medicamentos.

Quatro farmácias hospitalares viram a sua atividade suspensa após vistoria do Infarmed. Em 26

hospitais visitados, quatro deles privados, foram detetadas situações irregulares no manuseamento de medicamentos oncológicos em quatro deles, os quais ficaram impedidos de continuar atividade, avança hoje o Jornal de Notícias.

Em causa estão as farmácias hospitalares dos hospitais das Caldas da Rainha, de Beja, de Aveiro e do Hospital da Luz, em Lisboa.

Apesar da suspensão de atividade destas quatro farmácias hospitalares, foram encontradas alternativas para dar aos doentes oncológicos o tratamento devido. (**Diário de Notícias**, 28 de outubro de 2016). © Artur Machado / Global Imagens. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/ma-preparacao-de-medicamentos-fecha-quatro-farmacias-hospitalares-5467793.html> Ascenso el: 13 nov. 2019.

Texto 5

Israel

Escândalo de favorecimento de juízes em Israel: nomeações em troca de sexo

O “advogado mais poderoso” do país foi detido por unidade anti-corrupção. Era aliado da ministra da Justiça, que já negou irregularidades.

O responsável da Ordem dos Advogados de Israel, Efraim Nave, foi detido por suspeita de ter procurado favorecer candidatos a juízes em troca de sexo.

Em Israel, a Ordem dos Advogados não é apenas uma associação de regulação profissional: o seu líder tem um lugar permanente no painel de nove pessoas que nomeia os mais altos responsáveis do sistema judicial, explica o diário *Ha'aretz*, que o descreve como sendo "o advogado mais poderoso de Israel". (**Público**, 16

de janeiro de 2019). Disponible en: <https://www.publico.pt/2019/01/16/mundo/noticia/escandalo-nomeacoes-juizes-israel-1858199> Acceso el: 12 nov. 2019.

Texto 6

Opinião

Estratégias da liderança do futuro

A liderança não precisa ser nomeada, ela advém naturalmente das raízes culturais. A liderança pode ser inata, situacional ou acontecer por meio de treinamento formal, informal ou participativo. A mudança é de fato e a única certeza que um gestor pode ter. As possibilidades surgem junto aos desafios.

A diversidade é um fenômeno que oferece a possibilidade de sairmos da zona de conforto e migrarmos para zona de riscos e incertezas.

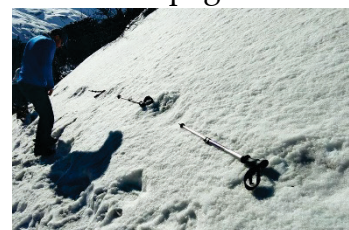
Portanto, a mudança de comportamento que se faz necessária é disruptiva, ou seja, interrompe, bloqueia qualquer fluxo até então considerado natural dos processos, permitindo a cocriação que promove novas técnicas, práticas e oportunidades, à chave, para romper com os antigos métodos administrativos e estruturas organizacionais. (**Hoje em dia**, 21 de fevereiro de 2019). Disponible en: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/opini%C3%A3o-1.363900/estrat%C3%A9gias-da-lideran%C3%A7a-do-futuro-1.695434> Acceso el: 14 nov. 2019.

Texto 7

Ásia

Nepal descarta descoberta do 'Abominável Homem das Neves'

Segundo especialistas, os soldados indianos viram pegadas de animais bípedes, as quais tiveram seu tamanho aumentado pelo sol e pelo vento.



Na segunda-feira (29), o Exército indiano divulgou fotos do que seriam "pegadas do Yeti"

O Exército nepalês rejeitou as afirmações dos militares indianos, segundo as quais seus soldados teriam descoberto traços do "Abominável Homem das Neves", ou Yeti, no Himalaia, declarando que se trata, provavelmente, das pegadas de um

urso. (O **Tempo**, 03 de maio de 2019). Foto: Handout/Indian Army/AFP. Disponible en: <https://www.otempo.com.br/interessa/nepal-descarta-descoberta-do-abominavel-homem-das-neves-1.2176787> Acceso el: 13 nov. 2019.

Texto 8

Fim de ano. Natal

Sandra Annenberg deseja 2012 'elegante' aos telespectadores do 'Jornal Hoje'

Sandra Annenberg Divulgação/TV Globo

A apresentadora Sandra Annenberg voltou a se referir à expressão usada por ela que virou hit na internet, neste sábado; no encerramento do 'Jornal



Hoje', desejou um ano novo elegante aos telespectadores

Que 2012 seja muito, mas muito elegante". Foi assim que a jornalista Sandra Annenberg (43), apresentadora do Jornal Hoje, da Globo, se despediu dos telespectadores na tarde deste sábado, 31, último dia do ano.

Os votos de Sandra para o próximo ano são uma referência à reação dela própria no episódio em que um homem invadiu uma entrada ao vivo e derrubou a repórter Monalisa Perrone (41). Na ocasião, a apresentadora disse, indignada: "Que deselegante!". A frase virou hit na internet e a jornalista comprou a brincadeira. Semanas depois, voltou a usar a expressão após a exibição de uma reportagem sobre como as pessoas devem se comportar em filas. (**Caras**, 31 de dezembro de 2011). Disponible en: <https://caras.uol.com.br/fim-de-ano/sandra-annenberg-deseja-2012-elegante-aos-telespectadores-do-jornal-hoje.phtml> Acceso el: 12 nov. 2019.

Texto 9

Cidade

Separado há nove anos, agressor descumpre medida protetiva e é preso

Assunto: Patrulha Maria da Penha Local: Paço Municipal.
Data:23.01.2019 Foto: Fabio Nunes Teixeira

A Guarda Civil Municipal (GCM) de Guarulhos, por meio da Patrulha Maria da Penha, prendeu em flagrante por descumprimento de medida protetiva, um fiscal, de 33 anos. O flagrante aconteceu neste último sábado (15), em frente ao trabalho da vítima, no bairro do Taboão.

Vários boletins de ocorrência por ameaças e agressões já tinham sido registrados pela ex-companheira do fiscal, que teve um filho com o agressor em um relacionamento que durou dois anos, sendo que está separada há nove anos. Nesse período teve sua



residência pichada e foi agredida e ameaçada na rua e no trabalho. A vítima tinha respaldo da medida protetiva desde 19 de abril deste ano e o autor a infringiu ao se aproximar dela. (**Folha metropolitana**, 17 de junho de 2019). Disponível em: <https://www.fmetropolitana.com.br/separado-ha-nove-anos-agressor-descumpre-medida-protetiva-e-e-presos/> Acesso el: 15 nov. 2019.

Texto 10

Sobre a violência doméstica

A violência doméstica não é o principal problema que as mulheres enfrentam na sociedade.

São chocantes e envergonham muito as notícias das mortes de mulheres assassinadas pelos seus companheiros, maridos e namorados.

Mas isso é apenas uma parte do problema, que, sendo muito grave e a mais visível, não é a maior. O principal problema das mulheres na sociedade já não é a violência doméstica. A violência doméstica é um problema de atraso civilizacional, não é uma questão de igualdade. (**Istoé**, 13 de junho de 2019). Disponível em: <https://istoe.com.br/sobre-a-violencia-domestica/> Acesso el: 12 nov. 2019.

3.2 Vocabulário para activación léxica

Verbos: descaracterizar, descomplicar, descumprir, desencarcerar, percepcionar.

Adjetivos: alimentar, civilizacional, deselegante, desmentível, indesmentível, hospitalar, indiano, nepalês, organizacional, protetivo, situacional.

Sustantivos: descontentamento, descumprimento, encerramento, esclarecimento, favorecimento, liderança, manuseamento, nomeação, relacionamento, surgimento.

Ejemplos de ficha lexicográfica:

Término en portugués	descomplicar
Ejemplo contextualizado	1. As novas linhas de atendimento Gold e Silver também foram reformuladas, de forma a maximizar a qualidade dos serviços da TAP e a descomplicar a vida dos utilizadores (https://jornal.tap.pt/ , 01-04-2015) 2. Ganhe a 6ª edição do livro Português Descomplicado https://www.wishpond.com/lp/2012984/
Definición en portugués	Houaiss: verbo transitivo direto desfazer a complicação de; desembaraçar, simplificar
	Priberam: <i>des- + complicar</i>) verbo transitivo Tornar menos complicado; desfazer ou diminuir uma complicação. ≠ COMPLICAR
Sinónimos intralingüísticos en portugués	simplificar, facilitar, assingelar, desembaraçar
Filtro lexicográfico en español	DRAE: descomplicar no aparece
	CLAVE: descomplicar no aparece
	CREA: descomplicar no aparece. descomplicado: 2 casos descomplicada: 6 casos (2 en El Salvador, 2 en Colombia, 1 en EE.UU, 1 en España)
Equivalencia lingüística en español	simplificar, facilitar
Equivalencia pragmática en español	simplificar, facilitar, posibilitar, desenmarañar, aclarar, clarificar, poner en claro, descomplicar
Observaciones de uso	Dado que en español existen algunos ejemplos del uso de descomplicar como la <i>Gramática descomplicada</i> de Álex Grijelmo, el segundo ejemplo se puede traducir por [...] Portugués descomplicado.

Término en portugués	indesmentível
Ejemplo contextualizado	1. O trabalho foi encomendado por uma equipa de consultores e conclui que o trabalho infantil em Cabo Verde "é uma realidade indesmentível" (https://www.rtp.pt/noticias/ , 28/-11-2007) 2. Não estou especulando, a informação é indesmentível (Alagoas 24 horas , 14-05-2013, https://www.alagoas24horas.com.br/470184/ex-dirigente-do-santos-crava-ney-mar-no-bayern-esta-fechado/)
Definición en portugués	Houaiss: adjetivo de dois gêneros que não se pode desmentir Sinônimos/Variantes: incontestável, inegável, irrefutável Priberam: <i>in- + desmentível</i> <i>adjetivo de dois géneros</i> Que não pode ser desmentido. ≠ DESMENTÍVEL
Sinónimos intralingüísticos en portugués	irrefutável, incontestável, inegável, indiscutível, indubitável, evidente
Filtro lexicográfico en español	DRAE: indesmentible no aparece CLAVE: indesmentible no aparece CREA: indesmentible aparece 12 veces. 9 casos en Chile 2 en Argentina 1 en Venezuela
Equivalencia lingüística en español	irrefutable, innegable, indiscutible, indudable
Equivalencia pragmática en español	irrefutable, innegable, indiscutible, indudable, evidente, sin la menor duda, no cabe duda, es evidente, indesmentible (en algunas variantes del español)
Observaciones de uso	El 75% de los casos de «indesmentible» encontrados en español proceden de Chile y la mayoría aparecen en textos periodísticos relacionados con la política o la justicia.

4 Consideraciones finales

En el presente artículo hemos abordado los problemas que plantea la traducción de vocablos formados por derivación en portugués que no tienen una correspondencia formal o pragmática en español. Estos vocablos suelen provocar dudas e incluso pequeños bloqueos a la hora de traducirlos al español debido a la hipnosis derivada de la extraordinaria similitud entre las lenguas portuguesa y española. Es decir, el traductor/intérprete puede no advertir de forma inmediata que está creando un neologismo en español porque considera que el proceso de formación de palabras es extrapolable a la lengua española.

Se propone una actividad de traducción a vista distribuida en cuatro fases (1. traducción a vista sin preparación; 2. activación léxica; 3. lectura y comprensión del texto original; 4. reformulación) que busca sensibilizar al estudiante ante este tipo de problemas, evitando calcos que den lugar a neologismos inadecuados en el proceso de traducción. Esto le permitirá ampliar su bagaje léxico para disponer de recursos en la búsqueda de sinónimos durante el proceso reformulación. En este sentido, el modelo de ficha propuesto posibilita el análisis lexicográfico de cada término además de su uso en un contexto específico, lo que ayuda a enriquecer su vocabulario y a determinar la equivalencia lingüística y pragmática.

Referencias bibliográficas

ABRIL MARTÍ, M. I.; COLLADOS AÍS, Á. El modelo de esfuerzos adaptado a la didáctica de la interpretación bilateral *In*: COLLADOS AÍS, Á.; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, M. M. (coord.) **Manual de interpretación bilateral**. Granada: Comares, 2001.

ÁLVAREZ ÁLVAREZ, S.; DE FELIPE BOTO, M. R. El concepto de equivalencia en las traducciones de textos informáticos en revistas especializadas. *In*: MUÑOZ MARTÍN, R. [ed.] **I AIETI. Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación**. Granada: AIETI, v. 1, 2003. p. 349-360. Disponible en: http://www.aieti.eu/wp-content/uploads/AIETI_1_SAA_MRFB_Concepto.pdf. Acceso el: 09 nov. 2019.

AKERBERG, M. Formação de palavras em português. **Portuguese Language Journal**, v. 7, p. 1-32, 2013. Disponible en: http://www.ensinoportugues.org/wp-content/uploads/2013/10/Akerberg_9-26-2013-FINAL-NEW.pdf. Acceso el: 5 nov. 2019.

CABRÉ, M. T. **La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. La neologia, avui: el naixement d'una disciplina. *In*: CABRÉ, M. T.; FREIXA, J.; SOLÉ, E. (ed.): **Lèxic i neologi**. Barcelona: Observatori de Neologia. Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2002, p. 29-41.

CLAVE: MALDONADO, C. (dir.). **Clave. Diccionario de uso del español actual**, 9ª ed. Madrid: S. M., 2012. (1ª ed. 1996) Disponible en: <http://clave.smdiccionarios.com/app.php> Acceso el: 10 nov. 2019.

CONSEJO de Europa. **Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación**. Madrid: MEC y Anaya, 2002. Disponible en: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/marco/cvc_mer.pdf. Acceso el: 03 nov. 2019.

DÍAZ FERRERO, A. M. Un despiste en la traducción. Interferencias entre la lengua portuguesa y española en la prensa digital. **Domínios de Lingu@gem**, v. 13, n. 2, p. 485-510, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL38-v13n2a2019-3>

GILE, D. Basic Theoretical Components in Interpreter and Translator Training. *In*: DOLLERUP, C.; LODDEGAARD, A. (ed.). **Teaching Translation and Interpreting: Training, Talent and Experience**. Amsterdam: John Benjamins, 1992. DOI <https://doi.org/10.1075/z.56.29gil>

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y Traductología. Introducción a la traductología**. 5ª ed. Madrid: Cátedra, 2011.

JIMÉNEZ IVARS, A.; HURTADO ALBIR, A. Variedades de traducción a la vista. Definición y clasificación. **TRANS**, v. 7, p. 47-57, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.24310/TRANS.2003.v0i7.2946>

JUNGWHA, C. The Interpretive Theory of Translation and Its Current Applications, **Interpretation Studies**, N^o. 3, p. 1-15, 2003. Disponible en: [http://jaits.jp.org/home/kaishi2003/pdf/01-choi_final .pdf](http://jaits.jp.org/home/kaishi2003/pdf/01-choi_final.pdf) Acceso el: 15 nov. 2019.

PORLÁN MORENO, R. **Elaboración de unidades didácticas específicas para la formación de intérpretes de conferencia mediante la integración de material multimedia procedente de la realidad profesional**. 2017. 374 f. Tesis (Doctorado en Traducción e Interpretación) – UGR, Granada: Universidad de Granada, 2018. Disponible en: <https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/49973/28035112.pdf;jsessionid=538C4866310D5033B224BEABEE5C35A8?sequence=6> Acceso el: 03 nov. 2019.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática S.A, 2008-2020. Disponible en: <http://www.priberam.pt/DLPO/>. 2008-2013. Acceso el: 09 nov. 2019.

RAE. **Corpus de referencia del español actual**. Banco de datos (CREA) [en línea]. Disponible en: <http://www.rae.es>. Acceso el: 07 nov. 2019.

RAE. **Diccionario de la lengua española (DRAE)**. 23^a ed. Madrid: Espasa, 2014. Disponible en: <http://www.rae.es>. Acceso el: 08 nov. 2019.

SCHMIDHOFER, A. La comprensión lectora en el proceso de traducción. Análisis de los errores de comprensión en la traducción de textos periodísticos alemanes por parte de hispanohablantes. **Skopos, Revista internacional de traducción**, vol. 1, p. 65-87, 2012. Disponible en: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/5742-6263-1-PB.pdf> Acceso el: 07 nov. 2019.

SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. **Interpreter pour Traduire**. 4^a ed. Paris: Didier Erudition, 2001.

TROVATO, G. La Traducción a la vista como ejercicio propedéutico a la interpretación bilateral: un estudio comparativo entre español e italiano. **Tonos digital**, v. 23, p. 1-19, 2012. Disponible en: <https://www.um.es/tonosdigital/znum23/secciones/estudios-34-trovatotraduccion.htm> Acceso el: 08 nov. 2019.

VEGA MORENO, É. Las fichas neológicas como herramientas de investigación lingüística. **Lingüística en la red**, v. 15, p. 1-14, 2018. Disponible en: http://www.linred.es/articulos_pdf/LR-articulo-28102017.pdf. Acceso el: 12 nov. 2019.

WEINBERG ALARCÓN, J.; CAAMAÑO MATAMALA, R.; MONDACA BECERRA, L. Comprensión lectora: propuestas didácticas para el lector-traductor. **Sendebare**, v. 29, p. 305-327, 2018. Disponible en: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/sendebare/article/view/6475/7051> Acceso el: 12 nov. 2019. DOI <https://doi.org/10.30827/sdb.v29i0.6475>

Artigo recebido em: 15.11.2019

Artigo aprovado em: 12.05.2020

**Neologia, cognição e comunicação: aspectos
conceptuais e linguísticos dos termos da área de
Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de
Nível Médio organizado por competências**

**Neology, cognition and communication: conceptual and linguistic
aspects of the terms of the area School Curriculum in Professional
Technical Education (High School) organized by competencies
(abilities)**

*Fernanda Mello DEMAI**

RESUMO: Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio, nossa área-tema, é definido como 'o esquema teórico-metodológico que direciona o desenvolvimento de formações profissionais técnicas de nível médio, conforme as demandas sociais, que incluem as demandas produtivas e laborais'. Objetivamos discutir aspectos relacionados a neologia, cognição e comunicação relativos aos termos da área-tema, com a análise de textos brasileiros autênticos, escritos, de natureza legal, institucional e pedagógica, que compõem *corpus* produzido entre 2000 e 2016. Daremos ênfase à função neológica, que se refere à propriedade dos termos de materializarem linguisticamente novos conceitos, ligada à terminologização (a transposição do nível conceptual para o nível linguístico). A função neológica é evidenciada em composições sintagmáticas, conforme seu

ABSTRACT: School Curriculum in Professional Technical Education (High School), our target area, is defined as 'the theoretical-methodological framework that directs the development of professional technical training at the high school, according to the social demands, which include the productive and labor demands'. We aim to discuss aspects related to neology, cognition and communication related to the terms of the target area, with the analysis of authentic Brazilian texts, written, legal, institutional and pedagogical, that make up corpus produced between 2000 and 2016. We will emphasize the neological function, which refers to the capacity of the terms of linguistically materializing new concepts, linked to terminologization (the transposition of the conceptual level to the linguistic level). The neological function is evidenced in syntagmatic compositions, according to its character of

* Doutora com Pós-Doutorado em Letras, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3982-9401>. fernanda.demai@gmail.com

caráter de lexicalização inacabada, como em *matriz curricular; perfil de competências; currículo por competências*. A função neológica permite a criação de novos termos (neologia), no eixo sintagmático, como *competência*, com o qual criam-se outros termos, compostos: *competências profissionais, competências gerais, competências laborais*. Esses termos novos formados por composição no eixo horizontal da frase são denominados neologismos sintagmáticos, os quais são muito frequentes nas novas terminologias. A função neológica caracteriza também termos simples, formados por apenas um item lexical, a exemplo de *função*, que se constitui em neologismo semântico, pela atribuição de um novo significado a um significante já presente na língua – nesse caso, a novidade (ou *neo*) está no significado novo, não em uma forma ou composição novos. Utilizamos princípios das Teorias Sociocognitiva e Comunicativa da Terminologia, valorizando aspectos cognitivos e comunicativos dos termos, além da criatividade lexical.

unfinished lexicalization, as in curricular matrix; profile organized by competencies (abilities); curriculum organized by competencies (abilities). The neological function allows the creation of new terms (neology), in the syntagmatic axis, as competence (ability), with which are created other terms, composed: professional competences, general competences, labor competences. These new terms formed by composition on the horizontal axis of the phrase are called syntagmatic neologisms, which are very frequent in the new terminologies. The neological function also characterizes simple terms, formed by only one lexical item, such as function, which constitutes a semantic neologism, by the attribution of a new meaning to a signifier already present in the language - in this case, the novelty (or neo) is in new meaning, not in a new form or composition. We use principles of the Sociocognitive and Communicative Theories of Terminology, valuing cognitive and communicative aspects of the terms, beyond lexical creativity.

PALAVRAS-CHAVE: Neologia. Terminologia. Cognição. Comunicação. Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

KEYWORDS: Neology. Terminology. Cognition. Communication. School Curriculum in Professional Technical Education (High School).

1 Introdução: área-tema, fundamentação teórica e objetivos do trabalho

Nesta seção introdutória, apresentaremos a área-tema, a fundamentação teórica e os objetivos do trabalho.

Nossa área-tema é o Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio, definido como esquema teórico-metodológico que direciona o planejamento, a sistematização e o desenvolvimento de perfis profissionais, a fim de

atender a objetivos de Formação Profissional de Nível Médio, de acordo com as funções do mundo do trabalho e dos processos produtivos e gerenciais, bem como as demandas sociopolíticas e culturais.

Objetivamos discutir aspectos da configuração de termos da área-tema, a partir da análise de textos fidedignos, exclusivamente escritos, em uma abordagem terminológica (com ênfase nos princípios das Teorias Sociocognitiva e Comunicativa da Terminologia).

Em relação à Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT –, destacamos a valorização dos estudos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos, sob um enfoque descritivista e não prescritivista e a concepção de termo como unidade de função comunicativa e discursiva (CABRÉ, 1993, 1999).

Em relação à Teoria Sociocognitiva da Terminologia – TST –, destacamos os preceitos relacionados às funções comunicativa, cognitiva e discursiva dos termos, além da motivação terminológica (TEMMERMAN, 2001, 2002).

Partimos de concepções que convergem para uma definição de termo como ‘signo linguístico que representa um conhecimento especializado de uma área técnica e/ ou científica e/ ou tecnológica, caracterizado pelas pela interdependência de significante e significado, situado textual, discursiva, histórica, social e culturalmente’.

Prendemos analisar aspectos da função neológica que caracteriza as unidades terminológicas, especialmente em terminologias muito recentes ou desconhecidas pelo público em geral (e também pelos públicos ditos especializados), cujos processos de lexicalização e de terminologização são inacabados.

A fim de estudar os processos de lexicalização, no âmbito da Terminologia, recorreremos aos conceitos relacionados à *terminologização*, que, conforme Barbosa (2007), constitui-se no

processo que converte conceito em termo, la mise en terme, expressão esta comparável à la mise en lexème, do processo de lexemização de

Pottier. Nesse sentido, terminologização refere-se à relação entre o nível conceptual e o metalinguístico [...].

No processo de passagem do conceptual para o terminológico, [há] a criação ex-nihilo, que terá graus diferentes de motivação, instauração de uma nova grandeza sígnica, numa combinatória inédita, no caso do processo fonológico e sintagmático [neológico]. O ponto de partida é o conceptual. [...] (BARBOSA, 2007, p. 435-439).

A terminologização diz respeito à colocação de um conceito na forma linguística de um termo, com recurso aos processos de criação lexical disponíveis na língua geral, aplicados também às linguagens de especialidade. Esses processos mobilizam fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática e resultam na criação de novas palavras, no caso, palavras técnicas e ou científicas, os termos.

Admitimos *terminologização* como arquiconceito e arquitermo em que há a neutralização da oposição entre terminologização *lato sensu* (passagem do conceptual para o linguístico), da terminologização *stricto sensu* (transformação de um vocábulo em termo) e a metaterminologização (instauração de um termo a partir de outro termo, com base nas asserções de Barbosa (2007):

A rigor, este processo – o da terminologização *lato sensu* – subjaz a todos os anteriormente apresentados, visto que, em estrutura profunda, o ponto de partida é sempre o nível conceptual (PAIS [...]). Diferem quanto aos percursos realizados pela grandeza-termo e quanto ao modo como é engendrada: fonológico, semântico, sintagmático ou alogenético (GUILBERT [...]) (BARBOSA, 2007, p. 438-439)

Assim, será mencionado apenas o termo “terminologização”, como termo geral, como macroprocesso de transposição do conceptual para o linguístico no percurso do conceito para o termo.

Essa abordagem terminológica a que nos propomos visa a estudar e a apreender aspectos de *formas e modelos* de pensamento, a partir da sistematização e estudo de termos técnicos de uma área do conhecimento.

Na próxima seção, apresentaremos e comentaremos os procedimentos metodológicos adotados, o *corpus* textual e os critérios para coleta e tratamento das unidades terminológicas.

2 Procedimentos metodológicos: critérios para coleta, sistematização e análise de organização de *corpus* textual especializado

Adotamos uma ferramenta informatizada, o programa WordSmith Tools (SCOTT, 2017), em função complementar à coleta manual de termos e respectiva análise.

Sistematizamos um *corpus*, ou seja, um conjunto organizado de textos para extração e análise lexical, o qual é constituído por textos legais e/ ou institucionais, dos níveis federal e estadual (estado de São Paulo).

As instituições pesquisadas, cujos textos serviram à apreensão de conceitos e à extração de termos, foram: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Brasil, estado de São Paulo), Ministério da Educação e Ministério do Trabalho e Emprego (governo federal do Brasil), além do trabalho de pesquisadores autônomos.

O *corpus* pode ser enquadrado na tipologia de obra técnico-científica/ legal, prestando-se também às funções pedagógica e de divulgação científica.

A periodicidade do *corpus* é de 2000 a 2016, e os termos foram dele extraídos considerando alguns critérios de neologicidade: são novas combinações no eixo sintagmático (com significado composicional, próprio do conjunto composto, diferente do significado das partes) ou decorrentes de novos significados atribuídos a itens lexicais já existentes.

Inserimos em nosso *corpus* de análise *itens de caráter enciclopédico*, por julgarmos que esses elementos são indispensáveis para a configuração conceitual-terminológica da área (nomes de instituições, programas do governo, tipologia de escolas, tipologia de cursos, entre outros).

A seguir, apresentamos a síntese dos procedimentos metodológicos executados:

- organização do *corpus* de partida ou parâmetro: um conjunto de textos mais gerais, um *corpus* bruto;

- organização do *corpus* de exclusão específico (conceito e denominação expressos por Boulanger, *apud* Alves (2000, p. 105): um conjunto de textos mais antigos da área, destinado a testar o critério da neologicidade (os termos que constarem desse *corpus* de exclusão específico não serão incluídos no *corpus* de análise, que é o conjunto formado apenas pelos termos mais novos ou neológicos). Na presente pesquisa, a periodicidade do *corpus* de exclusão é 1972 a 1999, período que representa o paradigma imediatamente anterior ao Currículo por Competências em Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

- leitura e coleta manual de termos dos *corpora* de partida ou parâmetro e do *corpus* de exclusão específico, que se constitui no componente de análise humana, para o qual a ferramenta informatizada possui caráter auxiliar.

- a partir da leitura do *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro, são excluídos os termos:

- considerados não neológicos, conforme a datação dos textos em que são encontrados;

- considerados não representativos dos conceitos ou não pertinentes à área-tema;

- que ocorreram menos de duas vezes na totalidade do *corpus*;

- que ocorreram em apenas uma obra (texto) do *corpus*.

- organização de listagem dos termos (e respectivos textos de origem) que não foram excluídos no tratamento inicial do *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro, que dão origem à primeira versão do *corpus* de análise;

- tratamento informatizado da primeira versão do *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro: extração automatizada da lista de palavras (*Wordlist*) dos textos de origem,

das palavras ou termos-chave (*KeyWords*) e das concordâncias (*Concord*) para verificação e validação da lista consolidada no tratamento inicial;

- complementação e eventual correção da lista de termos (*corpus* de análise) coletada manualmente;
- sistematização dos critérios para a caracterização da função neológica desempenhada por termos sintagmáticos e por termos simples;
- classificação dos termos simples e dos termos sintagmáticos, com ênfase no estudo da função neológica.

Para verificação dos processos de lexicalização/ terminologização, adotamos alguns critérios ou combinação de critérios que avaliam aspectos da configuração morfossintática e semântico-pragmática dos termos, a partir da análise de fatores linguísticos e também de fatores extralinguísticos.

A seguir, citamos o rol de critérios adotados para identificação de sintagmas terminológicos ou termos simples em diferentes estágios de lexicalização/ terminologização, de acordo com as proposições teórico-metodológicas das autoras Alves (2007), Barros (2004) e Demai (2014):

- O sintagma/ termo simples designa conceito em particular?
- O sintagma/ termo simples tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?
- O sintagma/ termo simples constitui-se em empréstimo de outra área de conhecimento?
- O sintagma/ termo simples possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos ou variantes?
- O sintagma/ termo simples é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?

Na próxima seção, proporemos uma categoria organizadora de termos sintagmáticos e de termos simples, que subsidiará a análise conceptual-terminológica: a categoria *função neológica*.

3 Proposição de uma categoria organizadora de termos sintagmáticos e de termos simples: a função *neológica*

Para a análise dos termos da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências, nos ateremos à categoria *função neológica*, característica das unidades terminológicas em estudo.

A função neológica, como a concebemos a partir de estudos da área de Neologia, refere-se à capacidade dos termos de materializarem linguisticamente conceitos. Essa função é diretamente ligada à terminologização, visto que este processo constitui-se na passagem do nível conceptual para o linguístico.

A função neológica é favorecida nas composições sintagmáticas justamente pela característica dessas formações de representarem um termo em vias de lexicalização, ainda de lexicalização inacabada – que pode, inclusive, não sofrer o processo completo de lexicalização, desaparecendo do discurso, não sendo incorporado ao sistema.

A neologia é criação de termos (em linguagens de especialidade) ou de palavras (na língua geral), e os neologismos são os produtos dessa criação, ou seja, as novas unidades linguísticas.

Com Guilbert (1973), não apartamos o neologismo de seu caráter de signo linguístico, tanto na língua geral, como nas linguagens de especialidade:

Le néologisme est un signe linguistique comportant une face "signifiant" et une face "signifié". Ces deux composantes sont modifiées conjointement dans la création néologique, même si la mutation semble porter sur la seule morphologique du terme ou sur sa seule signification" (GUILBERT, 1973, p. 18).

Consideramos então o neologismo um signo linguístico, que se caracteriza por uma inovação de significado, com a utilização de novas formas ou de formas já conhecidas na língua, a que são atribuídos significados inéditos, ou ainda combinações inéditas de itens já existentes, que compõem uma nova significação em conjunto. Como exemplos, citamos *avaliação por competências; contextualização do ensino-aprendizagem; solução de problemas; bases tecnológicas; eixo tecnológico; certificação intermediária*. Estes termos, dentre muitos outros, demonstram o caráter neológico dos termos sintagmáticos, pois apresentam diversas formações, em cada um dos estágios de fixação linguístico-conceptual. Essa função favorece a criatividade lexical, representa as potencialidades e a liberdade do novo na língua – neologia.

A função neológica é característica, também, de termos simples, além dos termos sintagmáticos, a exemplo de *atribuições, competências*, entre outros.

Na próxima parte, apresentaremos a análise de um termo considerado *chave* para o estudo conceptual-terminológico a que nos propomos, com vistas a um aprofundamento dos aspectos relacionados a cognição, conceptualização e terminologização. O termo é: *matriz curricular*.

4 Análise de um termo-chave: *matriz curricular*

4.1 Conceito e definição: o percurso conceptual(extra)linguístico

Apresentaremos a análise de um termo-chave, *matriz curricular*, conforme as considerações acerca dos processos de lexicalização/terminologização e também em relação à função neológica que caracteriza o termo.

O termo *matriz curricular* designa um conceito em particular: ‘documento legal em forma de quadro representativo da disposição dos componentes curriculares (incluindo trabalhos de conclusão de curso e estágio) e respectivas cargas horárias (teóricas e práticas) de uma habilitação profissional técnica de nível médio’, é utilizado

nessa configuração semântico-lexical recorrente nos discursos legais e institucionais, além de textos de pesquisadores independentes.

O sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística: consta de textos legais e referenciais curriculares do Ensino Técnico e dos respectivos planos de curso de uma expressiva representatividade das instituições de Educação Profissional e Tecnológica.

Matriz curricular estabelece relações sinonímicas e de variação no universo do *corpus* em estudo, o que é comprovado pela coexistência dos termos: *grade curricular*.

Matriz curricular é um termo sintagmático que traz aspectos cognitivos, à medida em que permite organizar e interpretar as realidades extralinguísticas. Esses aspectos cognitivos estão intimamente ligados a metáforas e a metonímias conceituais, conforme discussão a seguir.

4.2 Metáforas e metonímias conceituais nos processos de cognição e de terminologização

Matriz curricular é um termo sintagmático combinado com isolamento semântico metafórico e/ou metonímico: o próprio termo *matriz* tem origem metafórica, conforme discutiremos a seguir.

As metáforas e as metonímias estão ligadas à cognição, em termos de apreensão da “realidade” e da expressão dessa realidade por vias linguísticas – e terminológicas, em casos de discursos especializados.

Para o estudo dos processos de terminologização que caracterizam a área-tema, serão identificados e analisados os "isolamentos semânticos" decorrentes de usos metafóricos e de usos metonímicos, associados a isolamentos morfossintáticos. Dessa forma, abordaremos os significados composicionais, que são diferentes dos significados das partes.

Utilizaremos, neste trabalho, alguns pressupostos relacionados a metáfora e a metonímia conceitual e estudos cognitivistas das metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]; TEMMERMAN, 2002)

A Teoria Cognitiva da Metáfora, proposta por George Lakoff e Mark Johnson em sua obra-marco *Metaphors we live by*, edição original de 1980, fundamenta muitos estudos sobre a natureza, as funções e as características de metáforas (e também de metonímias). Utilizaremos a edição de 2003 dessa obra de Lakoff e Johnson.

Com os estudos cognitivistas, a concepção de metáfora não é mais voltada ao subjetivismo ou a um objetivismo estreito, nem é pensada como aparato estético da linguagem. A metáfora é pensada como uma forma de conceptualizar e de interpretar a realidade, pois cria associações relativas ao homem e sua percepção de si, da sociedade e do “mundo natural” que o cerca.

Temmerman (2002) caracteriza como bases da metaforização o pensamento analógico ligado a um domínio-fonte e a um domínio-alvo e ressalta o papel das lexicalizações metafóricas e dos modelos cognitivos metafóricos na construção dos saberes e das terminologias de diversas áreas, como Ciências Naturais ou Biológicas, dentre outras. (TEMMERMAN, 2002, p. 212-213).

As metáforas estão presentes na língua comum, nas terminologias e também nas manipulações estilísticas da linguagem.

Nos estudos das diversas terminologias, as metáforas trazem a discussão sobre a motivação denominativa. Realmente há uma razão para o emprego dos termos metafóricos – e também dos metonímicos – inclusive nas denominações técnicas e científicas. Só existem a concepção e o emprego de metáforas (de acordo com as teorias cognitivistas, das quais nos apropriamos para análise do tema) de acordo com a lembrança das experiências com o próprio corpo, com objetos “concretos”, com outras pessoas nos processos de interação social– logo as metáforas são motivadas por eventos e/ ou pensamentos anteriores. Dessa forma, as metáforas não são aleatórias,

são motivadas pelas experiências físicas, sociais e culturais, como ocorre com as metáforas espaciais ou de orientacionais em uma trajetória, de acordo com uma sistemática, à qual subjaz uma lógica.

As metáforas prestam-se também ao objetivo de esclarecer um conceito, com o recurso de configurar um conceito com o proveito de traços de conceitos já conhecidos ou vivenciados, em um percurso de comparação e aproveitamento de experiências anteriores para a recriação e renovação do saber.

Conforme Lakoff e Johnson (2003[1980]), pela sistemática da metáfora, compreendemos aspectos de um conceito em termos de outro, ao passo que escondemos certos aspectos dos conceitos e enfocamos outros (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]).

Nas terminologias, com a necessidade de mais e mais especificações, as metáforas aparecem ligadas às formações sintagmáticas como um recurso elucidativo, assim como também são relacionadas a termos simples, formados por uma única unidade vocabular.

A seguir, apresentamos algumas relações entre metáforas e metonímias conceituais, categorização, conceptualização e cognição.

4.3 Relações entre metáforas e metonímias conceituais, categorização, conceptualização e cognição

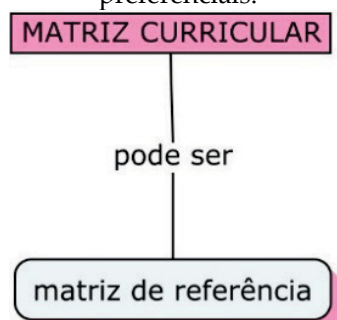
As metáforas e metonímias estão diretamente relacionadas às categorias (pois desempenham a função de macrocategorias de pensamento), visto que expressam relações com o corpo, com o espaço, com o ambiente, com outros domínios do saber, conforme a fundamentação teórica sobre a metáfora e a metonímia conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]) – assim, é inevitável, ao tratar de cognição, tratar de categorização, de metáforas e de metonímias no nível conceitual.

Na rede conceptual sistematizada para o estudo da área-tema, *matriz curricular* caracteriza-se como sintagma de função categorial, um conceito superordenado em

relação aos subordinados hierarquicamente ou relacionados, semântica e pragmaticamente.

Eis o mapa conceitual relacional que representa as relações entre os conceitos próximos semanticamente a *matriz curricular*, considerando somente os itens preferenciais, ou seja, com mais frequência, mais utilizados nos textos da área:

Figura 1 – Mapa conceitual relacional: Matriz curricular como conceito de função categorial – termos preferenciais.



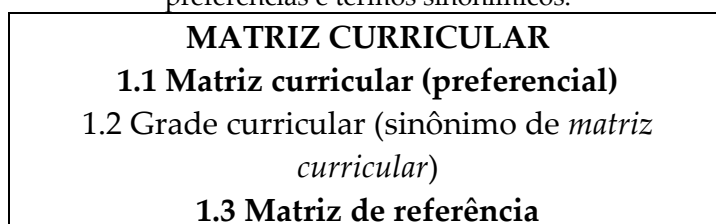
Fonte: elaborado pela autora.

Nesse caso, *matriz curricular* relaciona-se apenas com o termo preferencial *matriz de referência* - não são sinônimos, mas possuem significação próxima: uma matriz curricular pode ser uma matriz de referência, ao passo que uma matriz de referência é sempre uma matriz curricular. Assim, “matriz curricular” é um termo categorial, pois contém a significação de “matriz de referência”, bem como de outros termos não preferenciais, conforme o mapa conceitual hierárquico (Figura 2), mais ampliado

Matriz curricular assume a função categorial à medida em que assume o estatuto de classe, reunindo conceitos subordinados ou relacionados, como: *matriz de referência*.

A seguir, apresentamos o mapa conceitual hierárquico que representa *matriz curricular* como conceito de função categorial. O mapa conceitual hierárquico contém termos preferenciais e sinonímicos, conforme o recorte da pesquisa:

Figura 2 – Mapa conceitual hierárquico: Matriz curricular como conceito de função categorial – termos preferencias e termos sinonímicos.



Fonte: elaborado pela autora.

O mapa conceitual hierárquico é um esquema de representação linguístico-visual que apresenta e hierarquiza os conceitos de uma área ou campo do saber. A relação priorizada é a de pertença, com a distribuição dos itens subordinados em classes mais abrangentes, os superordenados ou classes. A classe representa e contém exatamente uma significação mínima, um núcleo sêmico em comum a todos os elementos subordinados. Esses elementos subordinados, por sua vez, contêm esse núcleo sêmico comum com o acréscimo de semas específicos, o individualiza os subordinados, que são mais específicos, mas menos abrangentes (tem menos capacidade de abarcar conceitos quando e se vierem a constituírem-se, por sua vez, em classes).

Matriz curricular é um termo composto, que traz aspectos cognitivos, à medida em que permite organizar e interpretar as realidades extralinguísticas. Com o isolamento semântico metafórico, temos a “matriz” como “quadro matemático composto por linhas e colunas” ou “molde para a reprodução de elementos derivados”. Na área-foco, esse isolamento semântico metafórico é acompanhado do determinante “curricular”, que faz a especificação de domínio para a área de Currículo na Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Matriz curricular, a partir da composição determinado e determinante, carrega traços da neologia sintagmática, com a atribuição de um significado próprio da área, visto que matriz curricular é direcionado ao desenvolvimento de perfis profissionais na Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

A relação reconhecida formalmente é mais óbvia, principalmente nos casos em que o elemento em comum é o primeiro, definidor da classe, como em relação a “matriz curricular” e “matriz de referência”, relação semântica explicitada pelo elemento lexical ‘matriz’; as relações não identificáveis pela forma do termo definidor da são menos óbvias, a exemplo da relação semântica, não de forma, como em “grade curricular”, em que o elemento comum é o determinante *curricular*, um determinante adjetival especificador de domínio (GUILBERT, 1965), cujo acréscimo permite a especificação e a inclusão em um domínio (como o domínio da área de Currículo Escolar)

Matriz curricular e *grade curricular* não guardam, na forma, a identificação explícita, lexical, do mesmo elemento que inicia o sintagma, mas possuem o mesmo adjetivo que especifica o domínio e a pertença à área de Currículo – o próprio adjetivo ‘curricular’. Dessa forma, em uma perspectiva mais ampla, é necessário analisar as relações que são mais evidentes em termos de forma (mesmo item lexical ou morfemas comuns), tanto no que diz respeito ao termo definidor da classe (no caso, ‘matriz’), como no caso do adjetivo que determina o domínio (‘curricular’).

Há casos de relação semântica em que as evidências formais, lexicais, morfossintáticas e sintagmáticas são de complexa identificação. Nesse exemplo pontual a que nos referimos neste trabalho, *matriz curricular*, as relações de forma, lexicais, morfossintáticas e sintagmáticas correspondem e são “pistas” para a identificação e análise das relações semânticas.

Grade curricular é sinônimo de *matriz curricular*, não se constituindo em termo preferencial na atual sincronia. *Grade curricular* é também metafórico, com à mesma referência às linhas e colunas que formam os quadros que contêm o nome, a carga horária e outras informações das disciplinas ou componentes curriculares de um curso técnico de nível médio. O termo é sinônimo em muitos textos da área, mas não é o de maior frequência, visto que é rechaçado por muitos teóricos da Educação que,

justamente, consideram os outros semas de 'grade' não desejáveis para a área da Educação, a exemplo de 'prisão', algo que é estabelecido e não pode ser alterado, algo duro, inflexível, até mesmo opressor, que inibe a liberdade que deve estar subjacente ao planejamento, desenvolvimento e gestão um curso – sob esse ponto de vista, *matriz* é uma metáfora mais 'eufórica', mais positiva, pois carrega os traços de 'geradora de outras formas', como a 'mãe' que dará origem a novos 'filhos', ou a 'árvore', que dará origem a novos frutos.

Entretanto, em determinados contextos, os dois termos, *matriz* e *grade*, podem ser quase-sinônimos ou para-sinônimos, observando-se que, em um texto, podem ser utilizadas como sinônimos, com a supressão dos determinantes, para fins de economia linguística (falar ou escrever menos favorece a comunicação, quando o significado não é prejudicado). Essas observações visam a colaborar com um estudo terminológico em uma perspectiva mais ampla, direcionada à comunicação e à cognição. Assim, são encontrados *grade*, sem o determinante *curricular*, e *matriz*, também sem o determinante *curricular*.

Em relação a *matriz de referência*, não se configura como sinônimo de matriz curricular ou de grade curricular, pois diz respeito a um outro tipo de matriz, uma matriz prototípica, uma "matriz de matriz", e que as concepções curriculares, os macroconceitos que subjazem à construção curricular devem estar explícitos, a exemplo de "organização curricular por competências e habilidades" e não o nome e a carga horária das disciplinas ou componentes curriculares. A matriz de referência é mais um documento ideológico que um documento legal, que influencia e determina a organização das matrizes curriculares que estão relacionadas, conforme representação a seguir:

Figura 3 – Exemplo de matriz de referência (Competências, habilidades e bases tecnológicas).

EXEMPLO DE MATRIZ DE REFERÊNCIA	
COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E BASES TECNOLÓGICAS	
(Área Profissional: Comunicação)	
<ul style="list-style-type: none"> • COMPETÊNCIAS • EXEMPLO: PESQUISAR, IDENTIFICAR OU SELECIONAR ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS OU DEFINIDORES DA IDENTIDADE DO OBJETO DA CRIAÇÃO E DE SEU CONTEXTO, A SEREM EVIDENCIADOS OU EXPRESSOS NO PROJETO DE COMUNICAÇÃO VISUAL GRÁFICA E/OU INFOGRÁFICA. 	<ul style="list-style-type: none"> • HABILIDADES • EXEMPLO: UTILIZAR FLUENTEMENTE FERRAMENTAS DE COMPUTAÇÃO GRÁFICA. • BASES TECNOLÓGICAS • EXEMPLO: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS DE SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA. ELEMENTOS E FONTES / ACERVOS DE ICONOGRAFIA.

Para cada subfunção componente do processo produtivo de uma área profissional, foram também identificadas e serão alvo de publicação complementar bases científicas - conceitos e princípios das ciências da natureza, da matemática e das ciências humanas, que fundamentam as tecnologias e as opções estéticas, políticas e éticas da atividade profissional em questão - e bases instrumentais - domínio de linguagens e códigos que permitem "leitura" do mundo e comunicação com ele e de habilidades mentais, psicomotoras e de relação humana, gerais e básicas.

Estas bases permitem a percepção clara dos requisitos de entrada para a apropriação das bases tecnológicas e para o desenvolvimento das competências e habilidades envolvidas em cada subfunção integrante do processo de produção na área profissional. Assim, quadros de bases científicas e instrumentais serão posteriormente publicados para oferecer referências para que se estabeleçam as ligações específicas entre os currículos da educação básica e os da educação profissional na área objetivada, subsidiando processos seletivos ou de caracterização de candidatos e a organização de possíveis módulos curriculares destinados ao nivelamento ou à recuperação dessas bases prévias.

27

Fonte: BRASIL/ MEC (2000, p. 27).

Como pode ser observado na Figura 3, a *matriz de referência* oferece a estrutura visual-organizacional e exemplos das macrocategorias de competências, habilidades e bases tecnológicas de uma área profissional dada, no caso a área de Comunicação – este tipo de documento legal não se constitui em uma *matriz curricular*, mas sim em um estrutura prototípica, no papel de “matriz de matriz”, que gerará as matrizes curriculares específicas de cada curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Com a sintagmação, foi possível recategorizar “matriz” (e também “grade”), tornando-os em novas categorias, pois agora é uma matriz ou uma grade referente ao currículo de um curso – daí o adjetivo especificador de domínio “curricular”.

Conceitos e respectivos termos muito amplos, utilizados em várias terminologias, precisam ser especificados para atender às novas necessidades terminológicas de delimitação de um significado, bem como de sua precisão. De Guilbert (1965) extraímos a fundamentação teórica para a classificação dos adjetivos em terminologias – dentre elas, a função de “especificação de domínio”.

A apreensão dos significados de “matriz” (e também de “grade”) possibilita a organização e a compreensão de significados, daí seu destaque quanto à função cognitiva.

As metáforas propiciam a cognição à medida em que compõem a terminologização, favorecem o processo de transposição do conceito para o termo, além de estarem presentes na própria estruturação do conceito ou conceptualização.

A função categorial está intimamente relacionada à função cognitiva à medida em que podemos reconhecer as relações existentes entre categorias, elementos e novas categorizações, relações essas de cunho morfossintático e semântico-lexical, evidenciadas a partir da transposição do “nível” conceptual para o linguístico, do conceptus para o termo, configurando-se, assim, o processo de terminologização (BARBOSA, 2007).

O mapa conceitual hierárquico (a exemplo da Figura 2) é um instrumento de fundamental importância, muito utilizado nos estudos e trabalhos terminológicos, a despeito de algumas dificuldades de interpretação e de acesso às informações por parte de consulentes leigos, que não conhecem as classes conceituais e, por conseguinte, desconhecem onde procurar um determinado conceito em uma estrutura que pode ocupar muitas e muitas páginas. A própria ordenação sintagmática da linguagem escrita pode ser um dificultador, pois um conceito pode estar relacionado

a muitos outros, o que torna bastante complexa a elaboração de um mapa conceitual hierárquico eficiente, já que é necessário repetir o conceito diversas vezes, ou inserir uma grande quantidade de legendas e sinalizações estáticas, ocupando-se mais espaço e podendo tornar o mapa menos prático ou menos compreensível ou, ainda, menos manipulável. Todavia, com os atuais recursos de informatização e de busca, é possível inserir legendas mais dinâmicas, assim como recursos de categorização e direcionamento automático para determinadas partes do mapa.

O mapa conceitual relacional (a exemplo da Figura 1) constitui-se em uma estrutura visual de representação de conceitos e suas relações mais dinâmica e “livre”, em que as relações de pertença, ordenação e subordinação não são as únicas que podem ser representadas. Há uma liberdade quase infinita, pois as relações são dispostas em frases em linguagem natural, e um conceito que apresenta relações com diversos conceitos não precisa ser repetido, pois são “puxadas” várias linhas ou frases de ligação, conforme as necessidades.

A categorização, nos limites deste trabalho, constitui-se no processo de (re)criar e estruturar ou reaproveitar modelos, ou formas, ou quadros, *frames* mentais para estruturação de conceitos (conceptualização e reconceptualização), processo este intimamente ligado à terminologização, passagem do nível conceitual para o linguístico no universo das linguagens de especialidade.

Não é tarefa trivial distinguir o conceitual do linguístico, visto que nosso próprio pensamento já nos “vem” em forma linguística, em palavras, juntamente com “imagens e construções ou referências mentais” e lembranças de experiências anteriores, conforme nossa própria configuração como seres sociais formatados em uma cultura linguística.

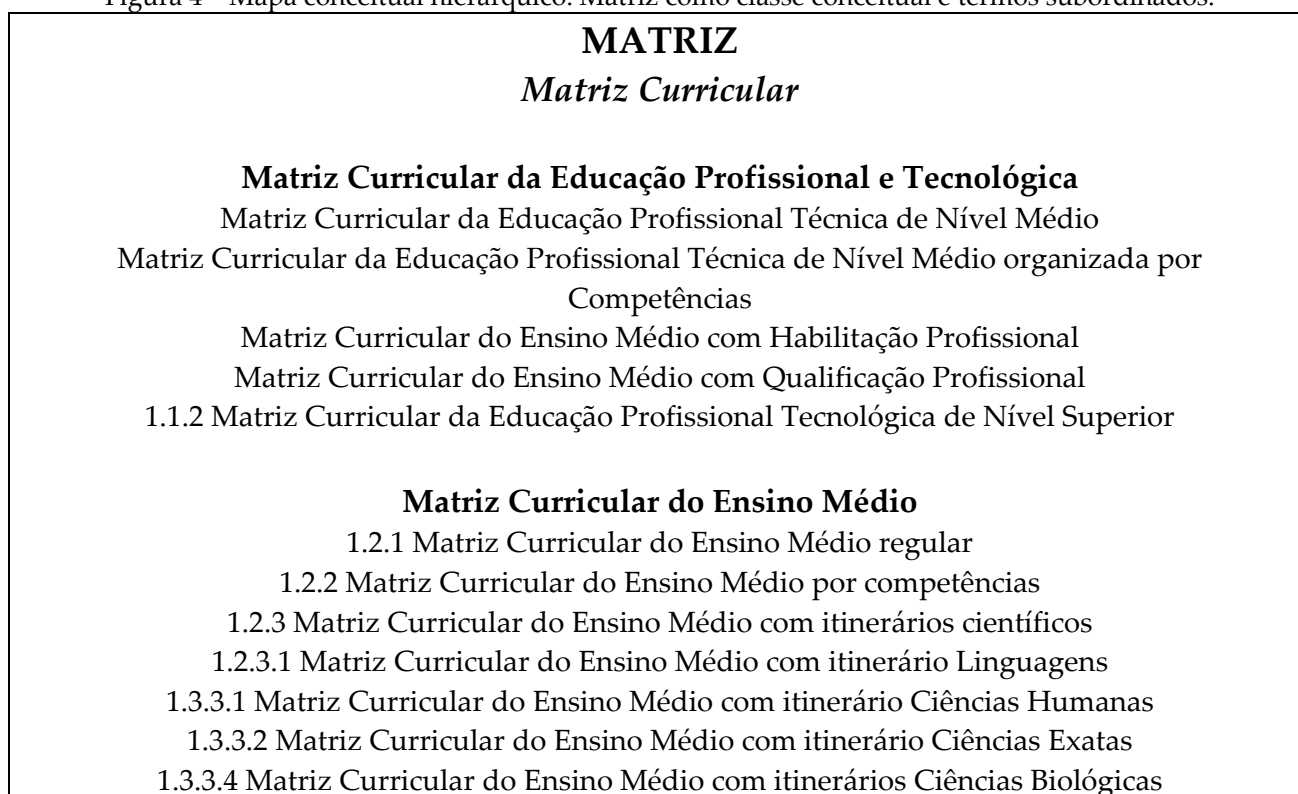
Podemos, à guisa de concretização e exemplificação desses processos de conceptualização e de terminologização, considerar que a forma de pensar e estruturar conceitos mais abrangentes ou classes é um recurso muito profícuo e constatável, do

mesmo modo que podem ser reconhecidos os elementos agrupados em uma classe - esses elementos são constituintes da classe por compartilharem de características ou traços semânticos comuns – todavia, são diferentes entre si pelos traços semânticos particulares que os formatam como elementos autônomos, indivíduos, itens, elementos de um conjunto.

Na transposição linguística ou terminologização, verifica-se esse expediente na constituição da classe, que é o próprio elemento determinado, a exemplo de *Matriz*, termo simples, ao qual são acrescentados determinantes para, pelo processo de sintagmação ou neologia sintagmática, formar os elementos da classe. Esses determinantes possuem uma estrutura morfossintagmática de estruturas de caráter adjetival, na maioria dos casos, em forma preposicionada ou não: *curricular; de referência*. Essas estruturas morfossintagmáticas, por sua vez, podem estar ligadas a semas metafóricos e ou metonímicos, o que converge em toda a complexidade do signo linguístico, especializado ou da língua geral, visto que mobiliza aspectos cognitivos e linguísticos muito imbricados e consolidados em nossos próprios percursos de apropriação e de representação da “realidade” dos objetos, dos fatos e das ações e das interações dos seres humanos.

A classe *Matriz* dá origem à classe *Matriz Curricular*, que dá origem a *Matriz Curricular da Educação Profissional e Tecnológica; Matriz Curricular da Educação Profissional Técnica de Nível Médio; Matriz Curricular da Educação Profissional Técnica de Nível Médio organizada por Competências; Matriz Curricular do Ensino Médio com Habilitação Profissional; Matriz Curricular do Ensino Médio com Qualificação Profissional; Matriz Curricular da Educação Profissional Tecnológica de Nível Superior*, entre outros, sucessivamente, conforme representação a seguir:

Figura 4 – Mapa conceitual hierárquico: Matriz como classe conceitual e termos subordinados.



Fonte: elaborado pela autora.

A categorização, dessa forma, pode ser compreendida como um modelo mental e forma de pensar relacionada à configuração de uma classe mais genérica e criação/ inclusão de elementos nessa classe, e/ou a partir dela. Esses elementos, por sua vez, podem vir a constituir-se em novas classes, em um processo que pode ser ilimitado, considerando-se suas potencialidades e exemplos em diversas áreas e na língua geral.

Na próxima parte, direcionamo-nos para as considerações finais deste trabalho, que é parte de uma pesquisa mais abrangente, à qual pretendemos dar continuidade, com o aprofundamento da investigação dos fenômenos conceituais-terminológicos estudados.

5 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos sistematizar e aplicar alguns critérios para a verificação do grau de lexicalização (fixação) dos termos: constatamos que se

constituem em termos próprios da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio organizado por Competências, não combinatórias eventuais.

Os termos selecionados são frequentes (aparecem nos textos de forma recorrente).

Estudamos discursos reais (exclusivamente escritos), que carregam a configuração paulatina dos conceitos e respectivos termos na realidade sociocultural brasileira, permitindo e sendo o receptáculo para sua materialização linguístico-pragmática.

Utilizamos algumas abordagens teórico-metodológicas da Teoria Comunicativa da Terminologia e da Teoria Sociocognitiva da Terminologia, principalmente no que diz respeito à valorização dos estudos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos, sob um enfoque descritivista e não prescritivista. Ao analisar os processos de sintagmação, reconhecemos e estudamos a ligação entre morfologia, sintaxe e semântica, a partir de contextos reais de comunicação da área-tema.

A pesquisa é descritivista: não se propõe a modificar, padronizar ou rechaçar as unidades terminológicas encontradas em discurso manifestado e abonadas pelos especialistas e atores sócio-históricos do contexto.

Temos a concepção de que termo é uma unidade de função comunicativa, discursiva e cognitiva; os termos são extraídos de textos reais, que disciplinam e constroem a área discursivamente, por intermédio de sua terminologia.

Na pesquisa, buscamos valorizar os termos como as unidades de conhecimento, a partir de modelos mentais e de formas de pensar, de apreender e de sistematizar a realidade, a exemplo de metáforas e metonímias conceituais e processos de sintagmação, terminologização, conceptualização, categorização – enfim, de cognição.

As unidades terminológicas (termos) manifestadas em discursos reais provêm de um percurso mental que, juntamente com as condicionantes sociais, coletivas e ideológicas, resultam na estruturação linguística, ou seja: a lexicalização e a

terminologização, processos estes que são motivados, históricos e passíveis de análises tanto sincrônicas como diacrônicas, tanto históricas, sociológicas, políticas, como linguísticas.

Por fim, enfatizamos que a Terminologia, como ciência que estuda os signos terminológicos, atende aos propósitos de organização e difusão do conhecimento especializado.

Referências bibliográficas

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. 2000. 380f. Tese (Livre-Docência – Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Princípios, 191).

BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de aplicação. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 285 p. (Coleção Acadêmica, 54).

BRASIL/ MEC (Ministério da Educação). **Educação profissional**: referenciais curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico (**Introdução**). Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/introduc.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1999.

DEMAI, F. M. **Processos de terminologização**: descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo. 2014. 417 f. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde.../2014_FernandaMelloDemai_VOrig.pdf

GUILBERT, L. **La formation du vocabulaire de l'aviation**. Paris: Librairie Larousse, 1965.

GUILBERT, L. Théorie du néologisme. *In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, 1973, n° 25. pp. 9-29. DOI <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020. Acesso em: 5 maio 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago; London: University of Chicago Press, 2003 [1980]. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470993.001.0001>

SCOTT, M. **WordSmith Tools version 7**, Stroud: Lexical Analysis Software. 2017. [versão mais recente consultada]. Disponível em: http://www.lexically.net/publications/citing_wordsmith.htm. Acesso em: 24 jun. 2018.

TEMMERMAN, R. Sociocognitive Terminology Theory. *In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (ed.). Terminología y cognición II*. Simposio Internacional de Verano de Terminología (13-16 de julio de 1999) Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 2001. 98 p.

TEMMERMAN, R. Metaphorical models and the translator' s approach to scientific texts. **Antverpiensia New Series – Thems in Translation Studies**. N. 1, 2002. ISSN 22955739. Disponível em: <https://lans-tts.uantwerpen.be/index.php/LANS-TTS/index>. Acesso em: 6 out. 2018.

Artigo recebido em: 18.05.2019

Artigo aprovado em: 18.09.2019

Neologia e formações terminológicas nos domínios em interseção

Neology and terminological formations in the intersection domains

Márcia de Souza LUZ-FREITAS*

RESUMO: A Engenharia Biomédica é um domínio emergente multi- e interdisciplinar cuja origem revela uma série de domínios ancestrais. Consequentemente sua terminologia permite identificar estratos terminológicos desses vários domínios. Neste artigo propõe-se discutir aspectos neológicos observados na terminologia desse domínio emergente, considerando os conjuntos vocabulares dos domínios ancestrais que o irrigam. A partir do processamento textual de produções acadêmicas da área, analisam-se alguns neologismos encontrados e descrevem-se duas construções-modelo observadas no processo de criação terminológica.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia. Neologia. Neologismos terminológicos. Domínio. Engenharia Biomédica.

ABSTRACT: Biomedical Engineering is a multi- and interdisciplinary emerging domain whose origin reveals a series of ancestral domains. Consequently, its terminology allows to identify terminological strata of these various domains. In this article it is proposed to discuss neological aspects observed in the terminology of this emerging domain, considering the vocabulary sets of the ancestral domains that irrigate it. From the textual processing of academic productions in the area, some neologisms found are analyzed and two model constructions observed in the terminological creation process are described.

KEYWORDS: Terminology. Neology. Terminological neologisms. Domain. Biomedical Engineering.

1. Introdução

O léxico de uma língua é um inventário aberto e, por extensão, um léxico especializado é igualmente um conjunto infinito. Os processos neológicos permitem movimentos de atualização e renovação lexical, por meio da ampliação de elementos vernáculos, da incorporação de elementos de outras línguas, da atribuição de novos

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade Federal de Itajubá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7085-3047>. marcialf@unifei.edu.br

papéis a elementos linguísticos, seja no aspecto formal, seja no aspecto semântico. Novas práticas sociais e novos saberes geram a necessidade de nomeação e descrição de fenômenos, processos e produtos, o que faz com que tanto uma língua geral quanto uma língua de especialidade sejam significativamente repletas de criações neológicas. Assim, a constante mutabilidade do léxico é observada também nas áreas científicas e técnicas.

Nas línguas de especialidades, as unidades lexicais especializadas (ULE) podem ser transpostas de um domínio a outro, adquirindo ou não acepções distintas. ULE de domínios distintos podem se agregar umas às outras, de modo a formar lexias complexas, caracterizadas, assim, por uma formação híbrida quanto à sua origem. Propõe-se, neste artigo, discutir aspectos neológicos observados na terminologia da Engenharia Biomédica, considerando esta como um domínio de construção multi- e interdisciplinar que emerge da ativação de conceitos e da utilização de ferramentas de domínios já existentes.

A Engenharia Biomédica é descrita pelo Programa de Engenharia Biomédica (PEB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pelo Laboratório de Engenharia Biomédica (LEB) da Universidade de São Paulo (USP) como uma área que utiliza conhecimentos gerais de engenharia somados a conhecimentos de Física, Química Matemática e Computação, para a resolução de problemas das Ciências Biológicas e das Ciências Médicas (PEB, 2011; LEB, 2014). Por esse motivo, pressupõe-se a interseção de áreas como um fenômeno esperado. Esse fenômeno é muito comum às engenharias, vistas como ciências aplicadas, que, por seu turno, se nutrem de conceitos de ciências denominadas puras, como a Matemática e a Física.

2. Pressupostos teóricos

A neologia, conforme Boulanger (1988), é atividade comum nas tarefas de designação e identificação em áreas especializadas do conhecimento humano. O autor,

como sintetiza Alves (2001, 2010), enumera, em sua proposição, três tipos de neologismos: os formais, criados a partir de recursos e processos vernáculos; os semânticos, que resultam da atribuição de um novo significado a um significante já existente; os oriundos de empréstimos, resultantes da apropriação de uma unidade lexical estrangeira.

Alves (1995, p. 319) afirma que, “nas línguas de especialidade, o empréstimo constitui um neônimo que pode ser considerado do ponto de vista externo e interno”. A autora relata que, no *Vocabulaire systématique de la terminologie*, de Boutin-Quesnel *et al.*, o termo *empréstimo* é definido como o processo pelo qual um termo passa de uma língua a outra, ou de um subsistema a outro, no interior de uma mesma língua.

Os autores diferenciam, assim, o empréstimo externo, o "empréstimo de termo de uma outra língua", do empréstimo interno, ou seja, o empréstimo efetuado no âmbito de uma mesma língua, por meio da passagem desse termo a um outro domínio, a um outro registro de língua, ou ainda da língua geral a uma língua de especialidade. (ALVES, 1995, p. 319-320)

Independentemente da origem e mesmo da diversidade de processos de formação descritos por Alves (2007), os neologismos terminológicos evidenciam uma necessidade sociodiscursiva e não somente uma necessidade de nomeação resultante da descoberta de um novo fenômeno ou da invenção de um novo produto. As construções neológicas nas línguas de especialidade resultam, portanto, de um modo específico de fazer e de dizer a ciência, e materializam-se nos textos especializados.

Nessa perspectiva, segundo Finatto (2002, p. 2), “o *modus dicendi* técnico-científico passa a ser admitido como fator constitutivo do texto e da linguagem especializados. Isto é, entram em questão também a semântica e a pragmática do texto.” Não se pensa, portanto, em um conjunto terminológico formado apenas por unidades lexicais especializadas, os termos propriamente ditos, mas sim em um modo de dizer específico de cada área do conhecimento e para cada intencionalidade do

gênero técnico-científico produzido. Desse modo, a análise empreendida neste trabalho considera o termo como uma unidade poliédrica, com uma face formal, uma face semântica e uma face pragmática (CABRÉ, 2001).

Gläser (1982) classifica os textos especializados em cinco tipos: a) textos acadêmico-científicos e textos tecnológicos, como monografias e artigos científicos, caracterizados pelo alto grau de abstração; b) textos de divulgação científica, com grau médio de abstração, que são dirigidos a um público mais amplo, como as revistas de divulgação; c) textos didáticos, com função educativa e instrucional, como manuais e livros escolares; d) textos injuntivos, com função instrucional e, muitas vezes, legislativa, como contratos e leis; e) textos de comunicação cotidiana com algum caráter informativo ou explicativo.

Lethuillier (1991) explica que os textos de especialidades se materializam pelas possíveis combinações entre dois recursos centrais: o vocabulário nocional e o vocabulário operacional. Krieger e Finatto (2004) destacam que locuções nominais e verbais podem caracterizar uma fraseologia específica de determinado domínio. Para Bevilacqua (2005), as unidades terminológicas incluem combinações léxicas constituídas de estruturas sintagmáticas pluriverbais fixas ou semifixas denominadas unidades fraseológicas especializadas.

Um tipo de formação comum ao se analisarem os neologismos terminológicos é a composição a partir de elementos eruditos. Outra formação que se mostra altamente produtiva é o neologismo sintagmático, uma vez que grande parte das ULE é formada por sintagmas de grande extensão.

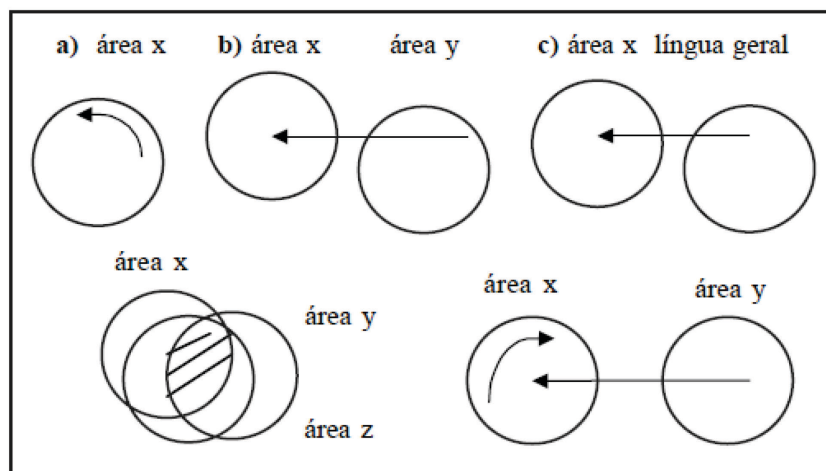
Alves descreve pormenorizadamente essas duas ocorrências:

A composição pode ocorrer entre bases não-autônomas ou entre uma base autônoma e uma não-independente, ou vice-versa. Geralmente originárias de fonte erudita, grega ou latina, as bases não-autônomas compõem itens léxicos característicos de vocabulários especializados (ALVES, 2007, p. 49).

Os domínios de especialidade caracterizam-se também por apresentarem termos sintagmáticos, com significado em geral transparente, representados por segmentos de frase (nominal ou verbal) que se lexicalizam e tornam-se, por meio desse procedimento, novas unidades do léxico. Essas formações, bastante frequentes, tendem a seguir uma estrutura em que um termo determinado é expandido por um adjetivo ou um sintagma preposicional, que, por sua vez, também podem ser expandidos (ALVES, 2006, p. 33).

Ora, um novo domínio é construído a partir do conhecimento já existente e o vocabulário terminológico de áreas ancestrais pode ser o ponto de partida para a formação neológica. Barbosa (2005) reitera o trânsito de termos entre áreas ao mostrar que os possíveis movimentos entre vocábulos e termos, termos e vocábulos, e entre termos de áreas distintas, permitem diferentes esquematizações (Figura 1).

Figura 1 – Esquemas de movimentos de subconjuntos terminológicos.



Fonte: Barbosa (2005, p. 104).

Categorizar um conjunto vocabular em constante modificação e cujo teor epistemológico abrange zonas fronteiriças e espaços interseccionais do conhecimento é tarefa que exige cuidado. Embora pressuposta, a demarcação linguística de uma língua de especialidade torna-se, não raro, complexa. É preciso considerar o caráter híbrido de pertença epistemológica das ULE que a compõem (HUMBLEY, 2009).

Para explicar o caráter híbrido de um novo termo, Humbley (2009) utiliza as denominações *domínio ancestral* e *domínio emergente*. O autor (2009, 2011) considera que as áreas ancestrais servem de inspiração para a criação das condições do campo emergente e explica que áreas ancestrais são aquelas preexistentes com as quais o novo campo estabeleceu relações interdisciplinares. Segundo o autor, para um estudo que evidencie as relações entre a terminologia de uma área emergente e as áreas ancestrais que, pelas condições de formação, vieram a irrigar essa terminologia, é preciso que se façam algumas adequações metodológicas, dentre elas, a análise diacrônica.

Humbley constata (2011, p. 52):

Sabemos que os princípios da Terminologia clássica favorecem a dimensão sincrônica, que a prática terminográfica segue esse caminho no momento, enquanto o planejamento terminológico visa mais o futuro. No entanto, pode-se apontar para muitas iniciativas que visam explorar a dimensão diacrônica no quadro de projetos terminológicos muito diferentes, práticos ou teóricos.¹

Considera-se a necessidade da diacronia nos estudos terminológicos para a explicação dos fenômenos de permeabilidade, por meio da migração ou apropriação de um termo de um domínio para outro. Quando a inovação tecnológica faz emergirem novos domínios, por meio da consolidação de novos conceitos e da solidificação de seu repertório terminológico, esses, não raro, originam-se de domínios já existentes. O estudo da terminologia de domínios emergentes passa pela análise dos domínios já consolidados que permitiram essa mobilidade.

Humbley (2009), assim, faz uso da expressão *domínios ancestrais* para delinear os conjuntos terminológicos já consolidados que emprestam material linguístico para

¹ On sait que les principes de la terminologie classique privilégient la dimension synchronique, que la pratique terminographique est tout aussi tournée vers le présent, tandis que l'aménagement terminologique vise plutôt l'avenir. Cependant, on peut signaler de nombreuses initiatives visant à explorer la dimension diachronique dans le cadre de projets terminologiques de types très différents, pratiques ou théoriques.

a criação de termos em um domínio emergente. O autor mostra que “as abordagens mais recentes da criatividade terminológica abrem novas perspectivas, em particular na direção da diacronia, e encontram explicações que atentam para – entre outras – as formações anteriores”² (HUMBLEY, 2009, p. 5).

Segundo Humbley (2009), a terminologia de um domínio já existente, com alto grau de dinamicidade e grande poder de inovação, pode se constituir no ponto de partida para a neologia em um domínio emergente. A formação de muitas ULE desse novo conjunto terminológico é resultante de estratos dos domínios ancestrais. Em estudo sobre a terminologia do comércio eletrônico, Humbley (2008, 2009) fala em uma geomorfologia lexical por meio da qual se podem identificar e descrever os estratos intermediários que dão origem às novas formações.

Desse modo, formações em que o termo básico pertence a um domínio ancestral e o determinante que o qualifica pertence a outro domínio ancestral tornam-se um processo bastante produtivo. Os termos dos domínios ancestrais podem funcionar como construções-modelo.

Humbley (2008, 2009, 2011) sugere que a utilização dos estratos que sustentam a construção terminológica do novo domínio possibilita a reativação de um vocabulário bem estabelecido, atualizado pelas novas aplicações, e pode também facilitar o fenômeno da retronímia, o qual Sablayrolles (2007) categoriza como *renominação*. Sablayrolles (2007) explica que esse tipo de neologia decorre da renomeação de um objeto ou processo antigo em virtude do surgimento de algo novo. Como nos informa Sablayrolles (2007, p. 97), o fenômeno já havia sido descrito por Pohl e Coutier (1993), que o denominaram *néologismes à rebrousse-temps*.

² Les approches plus récentes de la créativité terminologique ouvrent de nouvelles perspectives, en particulier en direction de la diachronie, et recherchent des explications qui tiennent compte – entre autres – de l’ancien.

3. Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um *corpus* específico de textos da área de conhecimento Engenharia Biomédica, obtido pela seleção de produções científicas publicadas entre 2012 e 2016 em instituições com programas brasileiros de pós-graduação em funcionamento nessa área (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2017). A seleção compreendeu dissertações de mestrado e teses de doutorado, produções textuais características da finalização de cursos de pós-graduação *stricto sensu*. O *corpus* constitui-se de um total de 825 documentos, sendo 614 produções analisadas na íntegra e 211 em que se analisou apenas o resumo, de acordo com a disponibilidade do material em meio eletrônico.

Os documentos foram processados por meio do software *AntConc* (ANTHONY, 2018). Foram geradas listas de concordâncias. Para a obtenção das sequências sintáticas, utilizou-se o modelo de *n-grams* (JURAFSKY; MARTIN, 2008), com *n* variando de 1 a 7. A seguir foram elaborados quadros de subconjuntos vocabulares com o auxílio de dicionários da língua geral, em versão on-line (HOUAISS, 2009; AULETE DIGITAL, 2008; MICHAELIS, 2015), e de especialidades (REY, 2012; VILLELA; FERRAZ, 2015; PRESCOTT, 2012; COSTEIRA, 2010). Esses mesmos dicionários serviram como *corpora* de exclusão para a definição do caráter neológico das unidades terminológicas. Para as unidades sintagmáticas, além da verificação nesses *corpora* de exclusão, houve a possibilidade de verificar se aquelas que denominam produtos para a saúde são citadas no banco de dados disponível para consulta da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2019).

Para a sistematização das ULE, tomamos a noção de *lexia* simples e *lexia* complexa, tal qual descreve Biderman (1978). Sintetizando a explicação da autora, *lexia* simples é o termo atribuído “às unidades que são grafadas como um único segmento”; por oposição, *lexia* complexa é o termo atribuído a um conjunto de palavras em formação sintagmática com alto grau de lexicalização.

Pela caracterização da Engenharia Biomédica e pelos subconjuntos vocabulares delineados, procedeu-se à distinção dos domínios ancestrais que, de algum modo, se relacionam com esse domínio. Há dois domínios sobre os quais são direcionados os estudos, as aplicações e as técnicas que esse domínio se propõe a desenvolver: a Biologia e a Medicina. Considerou-se que, com esses dois domínios ancestrais, a Engenharia Biomédica estabelece uma relação de incidência. As denominadas ciências puras – Física, Química, Matemática e, por extensão, a Computação –, caracterizam-se, no domínio estudado, como domínios ancestrais que partilham conceitos na condição de subsídios teóricos ou ferramentas para a aplicabilidade própria da engenharia. Considerou-se a relação estabelecida como de adjacência, pela sua condição de confinidade, uma vez que são áreas de cuja terminologia as engenharias, de modo geral, se apropriam, estabelecendo uma relação de contiguidade. Foram identificadas ainda relações denominadas de interseção primária e secundária. Reconheceu-se uma interseção primária como a confluência entre as especialidades da própria engenharia. Classificou-se, nesse espectro, o conjunto de termos comuns e os que salientam as especificações. Observou-se que os domínios ancestrais que mais se destacam são a Engenharia Elétrica e a Engenharia Eletrônica, pela proximidade tecnológica. Julgou-se como interseções secundárias aquelas que acontecem com domínios que, por sua vez, se originaram de outros domínios ancestrais.³

Considerando a proposição de Humbley (2009) acerca do caráter híbrido dos neologismos terminológicos e as peculiaridades das formações apresentadas como usuais em textos de especialidades – lexias simples formadas por composição a partir de bases não-autônomas eruditas (ALVES, 2007) e lexias complexas constituídas como unidades sintagmáticas mais extensas (ALVES, 2006) – são analisadas duas

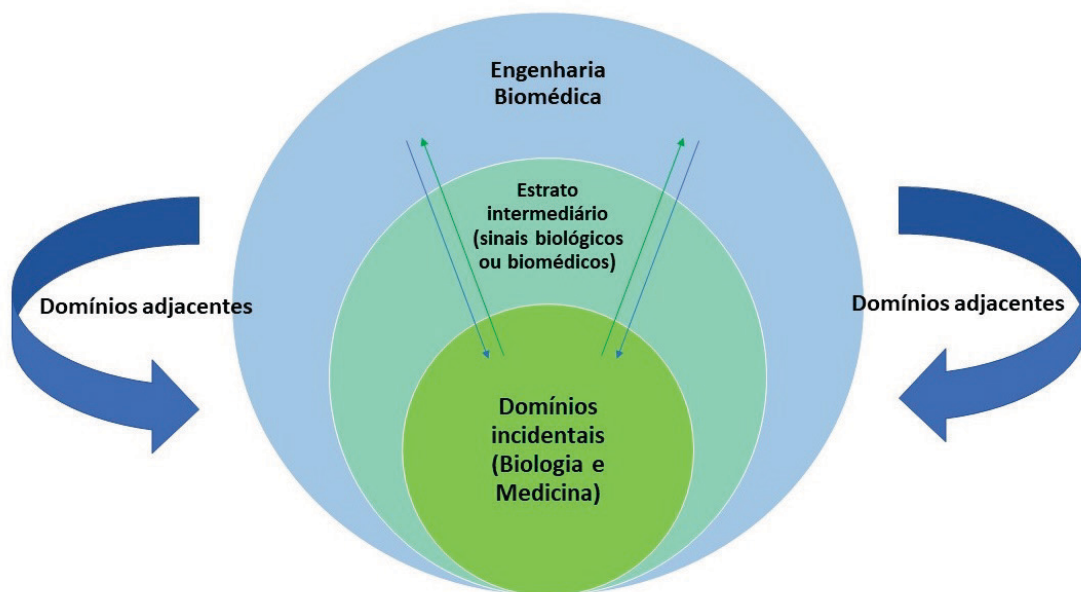
³ Para mais detalhes desse modelo de interseção de áreas, ver nossa tese de doutorado (2019).

construções-modelo que evidenciam a interseção de domínios ancestrais na formação do conjunto terminológico do domínio emergente estudado.

4. Resultados

É possível afirmar, pela análise empreendida, que a terminologia da Engenharia Biomédica vai se constituindo a partir da reorganização de termos dos domínios ancestrais, que passam pela formação de estratos intermediários. Termos dos conjuntos vocabulares da Biologia e da Medicina unem-se a termos dos domínios adjacentes e formam o subconjunto vocabular *sinais biológicos* (Figura 2).

Figura 2 – Estratificação lexical em Engenharia Biomédica: o subconjunto vocabular *sinais biológicos*.



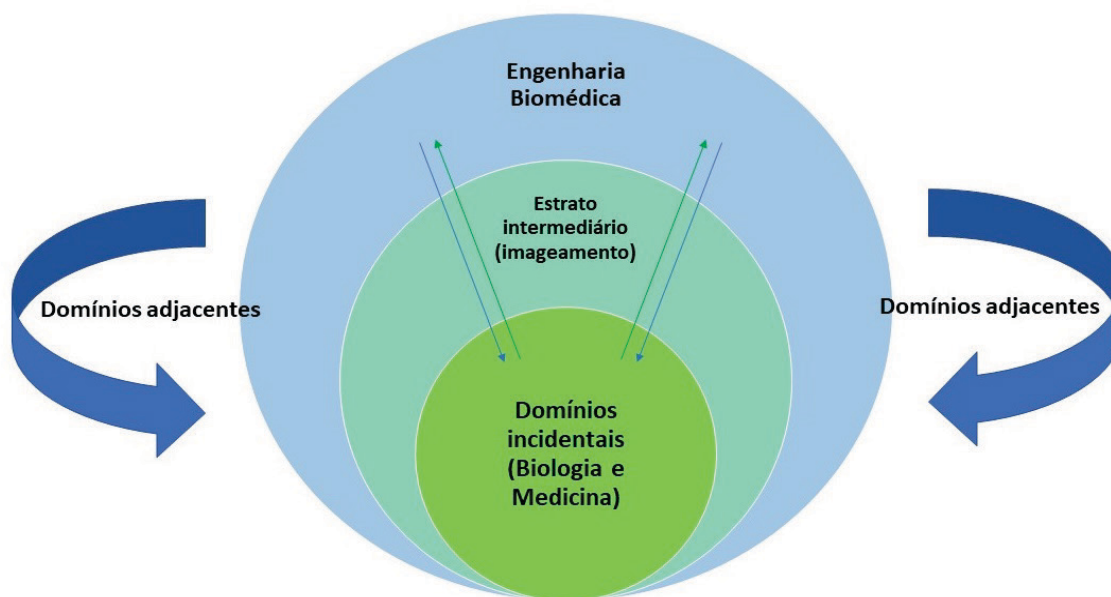
Fonte: elaboração própria.

São exemplos desse estrato intermediário: *frequência cardíaca*, *pressão arterial*, e *força muscular*. Esse estrato vai se modelando à medida que o conhecimento acerca do corpo e da saúde do corpo exige um aparelhamento que permite sua mensuração. Esse conjunto prende-se à sua origem, Biologia e Medicina, marcadamente pela presença de adjetivos de origem erudita, e traz indícios da influência dos domínios adjacentes à

Engenharia Biomédica, com termos relativos, por exemplo, às grandezas físicas, à metrologia, à mecânica e à óptica.

Outro subconjunto vocabular observado é o que se nomeou como *imageamento* (Figura 3). Ele vai abranger termos relativos não a ausculta, captação e mensuração dos sinais biológicos de um organismo, mas à visualização dos componentes desse organismo. As formações terminológicas que moldam esse estrato compreendem termos organizados em torno de elementos como *foto-*, *radio-*, geralmente unidos a *-grafia*, termos reduzidos, como *ultrassom*, e termos com a palavra *imagem* ou o termo *raio x*, este comutável pelo termo *radiografia*.

Figura 3 – Estratificação lexical em Engenharia Biomédica: o subconjunto vocabular *imageamento*.



Fonte: elaboração própria.

Dentre as ULE listadas no estudo, apontaram-se como neológicas lexias simples tais como *baropodometria*, *biofotogrametria*, *bioimpedância*, *biomodulação*, *bionanotecnologia*, *elastografia*, *eletrocardiomiografia*, *eletropolimerização*, *eletroquimioterapia*, *estabilografia*, *fotobiomodulação*, *mecanomiografia*, *microtomografia*, *nanobiomateriais*, *posturografia* e *radiocardiografia*. O quantitativo de ocorrências desses termos no *corpus* documental está registrado no quadro 1.

Quadro 1 – Ocorrências de neologismos (lexias simples).

Termo	Frequência	Número de documentos
baropodometria	159	13
biofotogrametria	92	13
bioimpedância	306	22
biomodulação	45	13
bionanotecnologia	2	1
elastografia	20	6
eletrocardiomiografia	1	1
eletroquimioterapia	20	4
eletropolimerização	85	6
estabilografia	33	4
fotobiomodulação	43	11
mecanomiografia	73	7
microtomografia	14	8
nanobiomateriais / nanobiomaterial ⁴	57 12	6 5
posturografia	83	10
radiocardiografia	1	1

Fonte: elaboração própria.

Além de utilizar como critério o fato de elas não estarem inseridas em nenhum dos dicionários, tanto de língua geral quanto de especialidades, achou-se conveniente consultar o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP, 2009). Nele encontramos o registro de uma única dessas unidades lexicais, *radiocardiografia*. Como essa obra não tem status de dicionário e como ela não apresenta nenhuma informação acerca dessa unidade lexical, além da classe morfológica, optou-se por, mesmo assim, classificá-la como um neologismo. Essa categorização é fortalecida pelo fato de haver em todo o *corpus* apenas uma ocorrência do termo, que se faz precedida da forma

⁴ Optou-se pelo registro duplo da forma (singular e plural) pela constatação de que o termo no plural não é apenas uma flexão, mas a denominação de toda uma classe de produtos. A forma no singular é utilizada para estabelecer relação de concordância nominal quando se faz referência a apenas um dos produtos.

metalinguística *chamado* e está entre aspas (excerto 1), como se o enunciador já atestasse a neologia. Do excerto e devido à aparente pouca difusão do termo, pode-se depreender que ele não foi plenamente integrado à terminologia da Engenharia Biomédica.

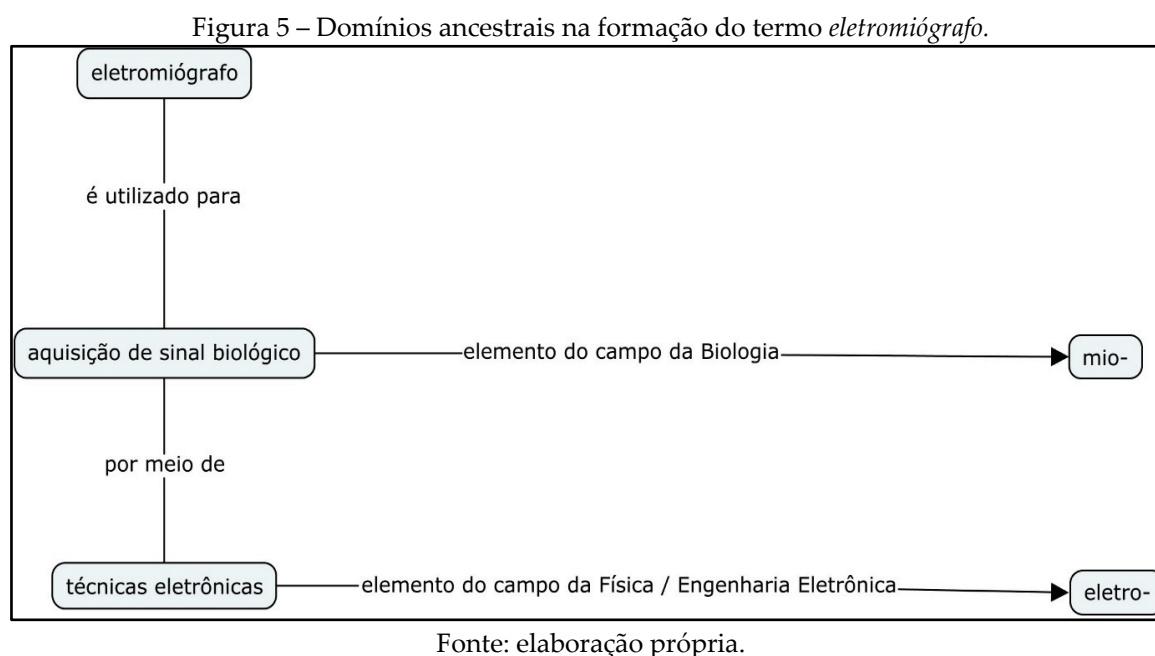
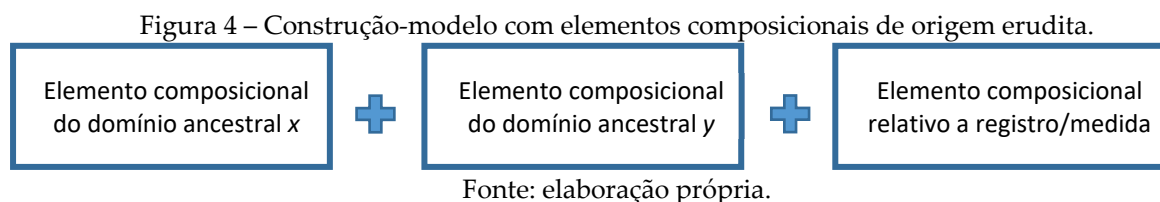
[1]

A partir da década de 1940, foram feitas observações clínicas importantes ao utilizarem um tubo Geiger e detectores de cintilação para definir o débito cardíaco, o volume sanguíneo pulmonar e o tempo de trânsito pulmonar, em um procedimento que foi chamado <“radiocardiografia”>. Na década de 1960, foi desenvolvida a primeira câmara de cintilação, conhecida por câmara Anger, em homenagem ao seu desenvolvedor, Hal O. Anger. Foi também na década de 1960 que ocorreram os primeiros estudos experimentais em animais, para demonstrar a localização de radionuclídeos no miocárdio e a redução no acúmulo dos mesmos em regiões envolvendo infarto. Entretanto, foi na década de 1970 que estudos iniciais, realizados diretamente em humanos, demonstraram a habilidade de adquirir imagens da isquemia miocárdica em combinação com o estresse fisiológico. Essas observações relativamente simples formaram a base clínica e fisiológica da cardiologia nuclear e da imagem em estresse que são praticadas na atualidade. (12-I7PEB⁵, p. 16)

Notadamente, as ULE registradas no quadro 1 têm em comum o fato de serem formadas por composição, havendo em várias delas a junção de mais de um elemento composicional não-autônomo, de origem grega ou latina. Assim, elas seguem uma construção-modelo caracterizada pela junção de elementos de composição eruditos oriundos de dois ou mais domínios distintos. Atribuiu-se o fenômeno de composição com várias bases não-autônomas ao fenômeno tecnológico de aprimoramento de processos e produtos já existentes. A inovação tecnológica tem sido marcada pela multifuncionalidade dos aparelhos desenvolvidos. A composição entre bases eruditas

⁵ Código atribuído ao documento (12 corresponde ao número do documento e I7PEB ao programa de pós-graduação em que ele foi produzido).

reforça a manutenção de uma característica comum ao vocabulário especializado e o uso acumulativo desse recurso denota a multifuncionalidade do produto, processo ou procedimento nomeados. Essa construção-modelo é mostrada na figura 4. A figura 5 ilustra um exemplo dessa construção.



Citam-se como exemplos de formações sintagmáticas que foram classificadas como neologismos: *aspirador cirúrgico*, *bisturi eletrônico*, *bomba de infusão*, *caneta eletrocirúrgica*, *desfibrilador cardioversor*, *foco cirúrgico*, *mamografia digital*, *monitor multiparamétrico*, *ventilador pulmonar*, *biofotogrametria computadorizada*, *boneco anatômico* e *transdutor ultrassônico* (Quadro 2). À exceção dos três últimos⁶, os demais, embora

⁶ O que justifica estarem ordenados fora da ordem alfabética.

não constem de nenhum dos dicionários consultados, são listados no banco de dados da ANVISA (2019).

Quadro 2 – Ocorrências de neologismos sintagmáticos.

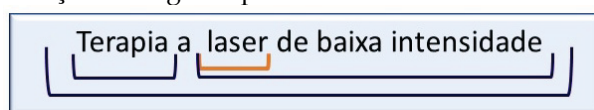
Termo	Frequência	Número de documentos
aspirador cirúrgico	77	2
bisturi eletrônico	26	5
bomba de infusão	178	11
caneta eletrocirúrgica	12	1
desfibrilador cardioversor	72	3
foco cirúrgico	73	2
mamografia digital	132	16
monitor multiparamétrico	97	6
ventilador pulmonar	234	6
biofotogrametria computadorizada	15	6
boneco anatômico	245	1
transdutor ultrassônico	70	12

Fonte: elaboração própria.

Também foram identificadas formações cujo determinante é unido ao determinado por meio de preposição. Citam-se *diagnóstico por computador* (6 ocorrências; 5 documentos) e *diagnóstico por imagem* (124 ocorrências; 50 documentos).

Outro exemplo, este mais extenso, é *terapia a laser de baixa intensidade* (86 ocorrências; 13 documentos), em cuja constituição é perceptível uma base advinda do domínio Medicina (terapia) à qual se junta um determinante proveniente da Física (figura 6).

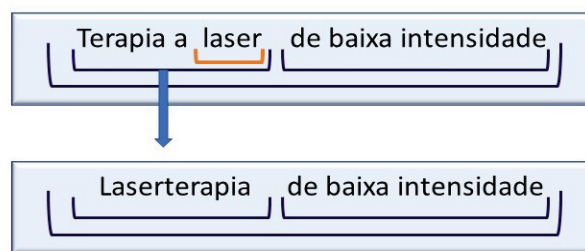
Figura 6 – Exemplo de formação neológica a partir de termos de domínios de incidência e adjacência.



Fonte: elaboração própria.

Essa ULE apresentou a variante *laserterapia de baixa intensidade*. A base *laserterapia* remete a um conceito específico. O Houaiss (2009), sob a rubrica [MED], traz uma definição para o verbete: “processo terapêutico baseado em aplicações de radiação laser”. No Michaelis (2015), sob igual rubrica, lê-se: “método terapêutico que utiliza aplicações de radiação laser”. Não foi encontrado registro nos demais *corpora* de exclusão. Destaca-se a equivalência com o inglês *laser therapy*, embora os dicionários de língua geral não façam menção à origem do vocábulo e limitem-se a indicarem o processo de composição. Considerou-se que há uma reorganização morfossintática na formação neológica, que segue um padrão composicional (figura 7).

Figura 7 – Reorganização da formação neológica *terapia a laser*.



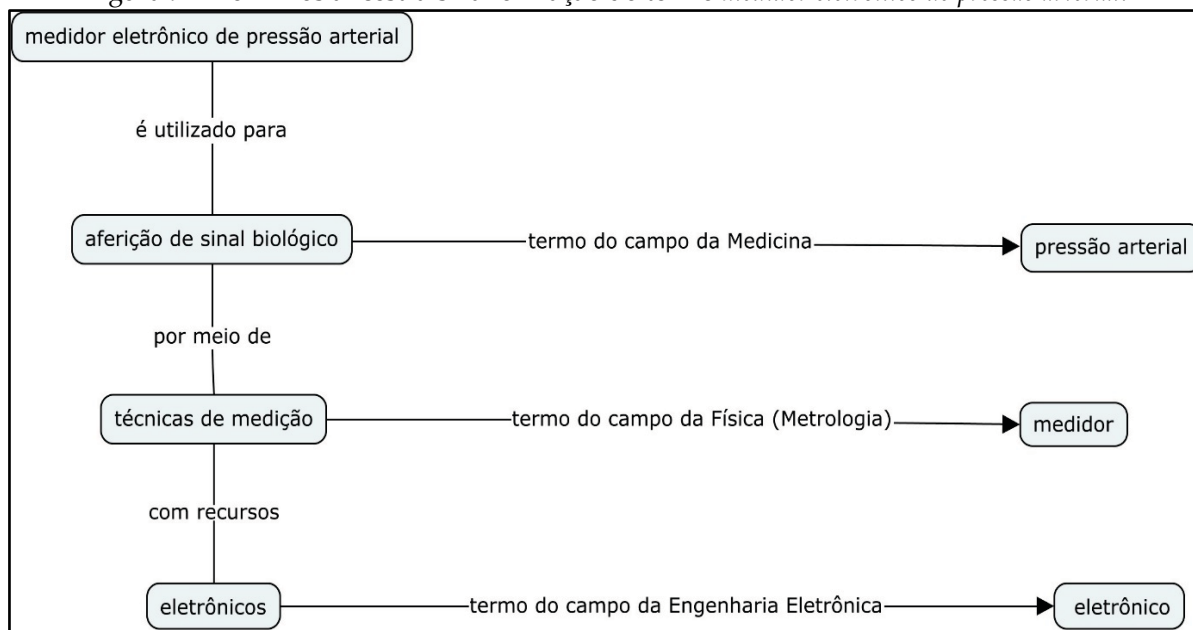
Fonte: elaboração própria.

Considerou-se que esses neologismos terminológicos seguem uma construção-modelo como a esquematizada na figura 8 e ilustrada na figura 9.

Figura 8 – Construção-modelo a partir de subconjuntos vocabulares dos domínios ancestrais.



Fonte: elaboração própria.

Figura 9 – Domínios ancestrais na formação do termo *medidor eletrônico de pressão arterial*.

Fonte: elaboração própria.

De acordo com os domínios ancestrais apontados, observa-se que alguns termos estão presentes na terminologia do domínio da Engenharia Biomédica pela sua própria origem, a grande área das engenharias, com que esse domínio emergente estabelece uma relação de interseção primária, ou vêm dos domínios ancestrais de incidência e de adjacência, ou ainda de domínios ancestrais de interseção secundária.

Há uma série de formações sintagmáticas cujo determinado isoladamente é dicionarizado e a descrição desse elemento deixa entrever a possibilidade da criação terminológica pelo acréscimo do determinante. É o caso, por exemplo, dos neologismos *automação hospitalar* (15 ocorrências; 2 documentos) e *automação laboratorial* (2 ocorrências; 1 documento). No Houaiss (2009), o verbete *automação* é definido como

sistema em que os processos operacionais em fábricas, estabelecimentos comerciais, hospitais, telecomunicações etc. são controlados e executados por meio de dispositivos mecânicos ou eletrônicos, substituindo o trabalho humano; automatização.

Ora, a descrição de *automação*, unidade lexical amplamente empregada em Engenharia Eletrônica, parece já prever a determinação indicativa do ambiente automatizado. Nesses dois casos, o elemento determinante é proveniente de subconjuntos terminológicos da Medicina.

Outros exemplos em que se observou fenômeno semelhante são: *imagética motora* (64 ocorrências; 5 documentos), em que o substantivo determinado provém do estrato *imageamento* (Medicina/Física) e seu determinante, do subconjunto terminológico *relações espacio-corporais* (Biologia); *diagnóstico automático* (4 ocorrências; 2 documentos), cujo determinado provém da Medicina e seu determinante provém da Engenharia Eletrônica.

As duas construções-modelo descritas evidenciam a neologia resultante da interseção de domínios. Ambas as formas de criação de ULE são bastante produtivas na terminologia em Engenharia Biomédica. A apropriação de conjuntos vocabulares de domínios ancestrais pode ser considerada, portanto, como algo peculiar a um domínio emergente, o que corrobora os estudos de Humbley (2009) e as análises que desenvolvemos neste trabalho.

5. Considerações finais

O domínio *Engenharia Biomédica* é recente e resultante de uma interseção de conhecimentos de vários campos do saber. A terminologia desse domínio apresenta pontos interseccionais com várias áreas do conhecimento. Buscou-se, assim, delinear, para o domínio estudado, um modelo de interseção de áreas que realçasse as relações dinâmicas de movimentação dos conjuntos terminológicos dos domínios ancestrais na constituição de sua terminologia. Dessa forma, foram analisadas as contribuições dos domínios ancestrais que lhe dão sustentação.

A constituição híbrida do domínio estudado é visível nos mecanismos mais produtivos de criação terminológica. Na identificação dos neologismos, destacaram-

se duas construções-modelo. Quanto à morfologia, ressaltou-se a importância dos elementos composicionais eruditos nas formações que ostentam mais de uma base não-autônoma. No aspecto sintático, constatou-se a relevância das formações sintagmáticas em que novos termos são formados pela junção de termos de dois ou mais estratos ancestrais.

Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações. **Ciência da Informação**, v.24, n.3, p.319-322, set./dez. 1995.

ALVES, I. M. Terminologia e neologia. **TradTerm**, São Paulo, v. 7, p. 53-70, dez. 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49142/53224>. Acesso em: 16 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49142>

ALVES, I. M. A renovação lexical nos domínios de especialidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 32-34, jun. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2017.

ALVES, I. M. **Neologismo: Criação Lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, I. M (org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010.

ANTHONY, L. **AntConc** (Version 3.5.7) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2018. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software>.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Consultas / Produtos para saúde**. Brasília: ANVISA, 2019. Disponível em: <https://consultas.anvisa.gov.br/#/saude/>. Acesso em: 06 jul. 2019.

AULETE DIGITAL. [on-line]. **Dicionário Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/on-line>.

BARBOSA, M. A. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 27, n.1/2, p. 103-107, 2005.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BEVILACQUA, C. R. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Revista Língua & Literatura**, v. 6 e 7, n. 10/11, p. 73-86, 2005.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BOULANGER, J. C. L'évolution du concept de néologie: de la linguistique aux industries de la langue. *In*: SCHAEZTEN, C. **Terminologie diachronique**. Paris: Conseil International de la Langue Française/Ministère de la Communauté Française, 1988.

CABRÉ, M. T. Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica. *In*: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (ed.). **La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica**. Barcelona: IULA, UPF: 2001.

COSTEIRA, O. **Dicionário brasileiro de epônimos em Medicina**. São Paulo: Unifesp, 2010.

FINATTO, M. J. B. Do termo ao texto: novas tendências dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 32, n.1, jan./abr., 2002. Disponível em: www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/amesa.htm. Acesso em: 10 nov. 2018.

GLÄSER, R. The problem of style classification in LSP (ESP), **Proceedings of the 3rd European Symposium on LSP**, Copenhagen, Denmark, 1982.

HOUAISS. [on-line]. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#2>.

HUMBLEY, J. Issues of distance and proximity in neologisms, as instanced in e-commerce. **ASP** [on-line], p. 53-54, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/asp/32530>. Acesso em: 17 set. 2016. DOI <https://doi.org/10.4000/asp.325>

HUMBLEY, J. La terminologie française du commerce électronique, ou comment faire du neuf avec de l'ancien. **V Giornata Terminologia e plurilinguismo nell'economia**

Internazionale. Università Cattolica, Largo Gemelli 1, Milan, 2009. Disponível em: <http://www.realiter.net/le-giornate/milano-9-06-2009?lang=fr>. Acesso em: 12 abr. 2015.

HUMBLEY, J. Vers une méthode de terminologie rétrospective. **Langages**, v. 3, n. 183, p. 51-62, 2011. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-langages-2011-3-page-51.htm>. Acesso em: 23 ago. 2016. DOI <https://doi.org/10.3917/lang.183.0051>

JURAFSKY, D.; MARTIN, J. H. **Speech and Language Processing: An Introduction to Natural Language Processing, Computational Linguistics, and Speech Recognition.** 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2008.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004.

LEB. Laboratório de Engenharia Biomédica. **O Laboratório e a Engenharia Biomédica.** Laboratório de Engenharia Biomédica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP), 2014. Disponível em: <http://www.leb.usp.br>. Acesso em: 21 abr. 2015.

LETHUILLIER, J. Combinatoire, terminologies et textes. **Meta**, v. 36, n.1, p. 92–100, 1991. DOI <https://doi.org/10.7202/003504ar>

MICHAELIS. [on-line]. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.

PEB. Programa de Engenharia Biomédica. **Definindo Engenharia Biomédica.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.peb.ufrj.br/eb.htm>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PLATAFORMA SUCUPIRA. **Consulta.** CAPES. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

POHL, J.; COUTIER, M. Néologie à rebrousse-temps. **Cahiers de lexicologie**, n. 63, p. 99-112, 1993.

PRESCOTT, C. (org.). **Dicionário Oxford de ciências da natureza.** Edição brasileira revista por Martha Marandino. Trad. de Gabriel Amorim Costa, Humberto Yogi Yamaguti e Tiago Jonas de Almeida. São Paulo: Oxford University Press, 2012.

REY, L. **Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

SABLAYROLLES, J. F. Nomination, dénomination et néologie: intersection et différences symétriques. **Neologica**: revue internationale de la néologie. Paris: Garnier, p. 87-99, 2007. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00154402/document>. Acesso em: 23 nov. 2016.

VILLELA, M. M.; FERRAZ, M. L. **Dicionário de ciências biológicas e biomédicas**. 2. ed. ampliada e atualizada. São Paulo: Atheneu, 2015.

VOLP. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**: Academia Brasileira de Letras. 5. ed. São Paulo: Global, 2009. Consultas em versão on-line disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.

Artigo recebido em: 03.05.2020

Artigo aprovado em: 08.05.2020